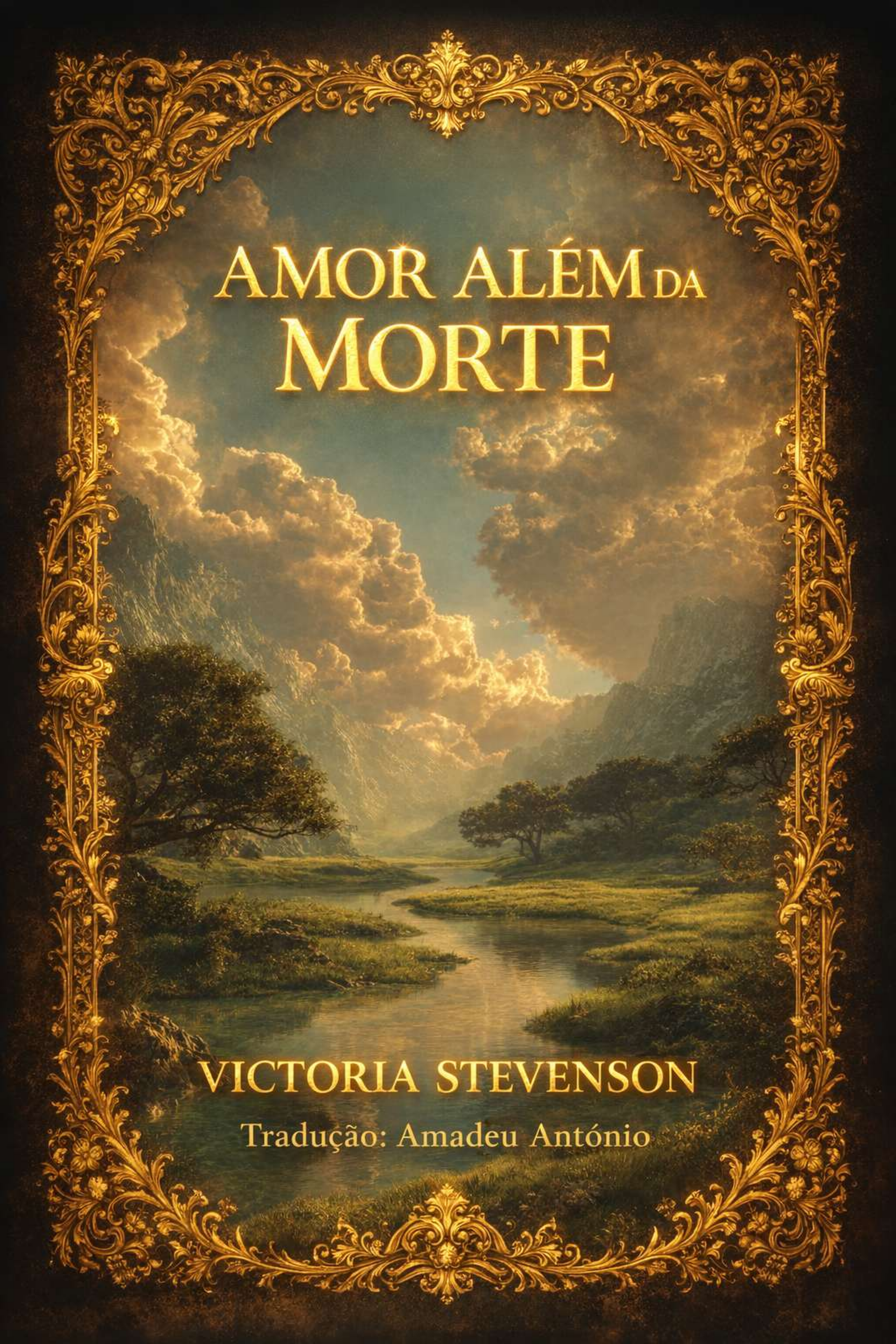


The background of the book cover is a romantic-style landscape painting. It depicts a wide, calm river flowing through a lush green valley. In the distance, majestic mountains rise under a sky filled with large, billowing clouds. Sunlight filters through the clouds, creating a warm, golden glow across the entire scene. The entire image is framed by an intricate, ornate border made of golden, leaf-like and floral motifs.

AMOR ALÉM DA MORTE

VICTORIA STEVENSON

Tradução: Amadeu António

Amor Além da Morte

Victoria Stevenson

A sua história única de comunicação além-túmulo

Índice

Prefácio Prólogo:

Um Noite

Dois: Comunicações Passadas

Três: Primeiros Sussurros

Quatro: Ajuda Prática

Cinco: A Busca de Provas

Seis: Ficando Mais Próximos

Sete: Ainda Mais Próximos

Oito: Vozes em Fita

Nove: Procurando Provas Novamente

Dez: Vozes Diretas

Onze: O Romper do Dia

Doze: Mais Ajuda Prática

Treze: Sonhando

Catorze: Ainda à Procura de Evidências

Quinze: Mais Comunicações

Dezasseis: Ainda Mais Palavras

Dezassete: Conforto Duradouro Epílogo

Prefácio

É um prazer e um privilégio para mim escrever algumas palavras de introdução ao livro de Victoria Stevenson. Como lerão, conheci a Victoria Stevenson pela primeira vez em 14 de agosto de 1972 e, desde então, visitei-a muitas vezes. Estive presente em algumas das suas conversas com Bob, participei em experiências de gravação em fita e de *table-tilting* (mesas girantes) e acompanhei-a em sessões com o Sr. David Young e o Sr. Leslie Flint.

A investigação psíquica é um assunto difícil. Não fornece respostas simples e definitivas para os problemas da existência; é desconcertante, ambivalente, incerta, frustrante — e desafiante. Muitos de nós acreditamos, por fé ou convicção religiosa, que a morte não é mais do que a porta de entrada para uma vida mais plena e melhor; outros, talvez de uma persuasão materialista ou racionalista, acreditam que quando os nossos corpos perecem, nós também perecemos. Ao estudar a investigação psíquica — tal como, aliás, em qualquer outro esforço científico — tais crenças devem ser postas de lado. Devemos olhar para a evidência, para os fenómenos em estudo, não para provar a nós próprios ou a outras pessoas que aquilo em que acreditamos é verdade, mas para descobrir se aquilo em que acreditamos é verdade ou não.

De facto, a evidência de algum tipo de "Sobrevivência" pessoal é mais extensa e substancial do que a maioria das pessoas não familiarizadas com a história e a literatura da investigação psíquica poderia imaginar, e inclui alguns casos notáveis de aparente comunicação, muito que sugere propósito e inteligência, e alguns fenómenos muito estranhos. Muitos consideraram-no suficiente para a sua convicção pessoal. No entanto, ainda não se pode dizer que equivalha a uma prova científica, o que significa que é concebível que possamos eventualmente ser capazes de explicar satisfatoriamente toda a "evidência" obtida até agora sem qualquer referência à sobrevivência pós-morte. Provavelmente, a maioria dos investigadores de hoje vê a Sobrevivência como um problema insolúvel, como uma questão que poderá nunca ser resolvida. Outros tentam abordá-la de forma indireta. (Curiosamente, a principal razão para o dilema atual tem sido o sucesso das experiências laboratoriais de PES [Percepção Extrassensorial], que tornou possível a contra-explicação de que a informação probatória recebida através de médiuns poderia ser o resultado de telepatia entre os vivos, em vez de comunicação com os mortos).

Entretanto, na ausência de provas conclusivas, tudo o que podemos fazer é avaliar a evidência existente e fazer o nosso próprio julgamento provisório; por enquanto, a crença (num sentido ou noutro) deve ocupar o lugar do conhecimento. Consigo pensar em poucas formas mais agradáveis de avaliar um pouco da evidência do que ler este livro. Victoria Stevenson conta a sua

própria história pessoal de forma simples e precisa; não exagera nem distorce a verdade — e tem uma memória excelente. Mais do que isso, escreve com o estilo conciso, lúcido e eficaz de uma jornalista profissional.

Eis o manual perfeito para os enlutados, que compreenderão a desolação da morte de Bob e serão confortados pela evidência da sua presença contínua, da sua preocupação com a esposa, da sua ajuda prática e das suas comunicações inspiradoras.

D.J. Ellis

Prólogo

Esta noite estou a relaxar na minha agradável sala de estar, com o sol a pôr-se atrás das árvores, lançando longas sombras nos relvados, e tenho o sentimento forte e feliz de que o Bob está a partilhar isto comigo.

O relógio de sala no canto bate ritmicamente, como tem feito durante os trinta anos felizes do nosso casamento. Finalmente posso começar a reunir, sem dor excessiva, a estranha história de como, parece-me, o meu marido estendeu a mão para me mostrar que a morte não é mais do que um véu fino que nos divide por "meia largura de um cabelo".

Através do nosso grande amor, sinto que ele ainda me pode confortar e guiar. Desamparada, sem rumo e à deriva na dor como eu estava, ele mostrou-me que o amor é mais forte que a morte. Duvidei, recorri a outros para orientação e confirmação de que não era apenas a minha imaginação, e agora sinto finalmente que posso escrever a minha estranha e invulgar experiência, para confortar outros que temem a finalidade da morte.

1

Noite

Para mim o tempo parou a 2 de abril de 1971, o dia em que o Bob morreu. Tal como em Josué, "o sol se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se quase um dia inteiro", as estrelas pararam nos seus cursos e a cintura cintilante de Oriente que, em dias anteriores, eu adorava ver passar lentamente pela minha janela, parecia permanentemente detida no céu enquanto eu aguardava a aurora.

Até o ponteiro dos segundos do relógio elétrico parecia hesitar na sua volta enquanto o coração do meu marido parava na sua luta pela vida. A beleza deslumbrante das neves de inverno e o florescer das flores de

primavera espalhadas pelo meu jardim deixavam-me indiferente, pois os meus sentidos estavam entorpecidos. Nada via, pois a minha dor cegava-me. O Bob estava morto e parte de mim tinha morrido também.

O Bob e eu não casámos senão por volta dos nossos trinta e poucos anos. Ele era um cientista, dedicado ao seu trabalho como Diretor Técnico de uma antiga firma de fabricantes de instrumentos científicos e fornecedores de laboratório até 1959, quando se tornou Diretor Técnico de uma firma especializada em cromatografia e eletroforese. Em 1964 foi eleito Membro da Associação Americana para o Avanço da Ciência. Eu era jornalista numa revista feminina, igualmente dedicada à minha própria carreira.

Não poderíamos ter sido mais diferentes: ele, preciso, prático, de vontade forte e tão pontual que eu costumava dizer que, se ele tivesse concordado em encontrar-se comigo no Polo Norte a uma determinada hora, estaria lá independentemente dos perigos que tivesse de superar; eu mesma, romântica, artística, uma sonhadora — sempre atrasada na minha própria vida organizada mas apressada (para irritação do Bob e, mais tarde, tolerância, quando ele percebeu que nada poderia ser feito para me mudar!).

No entanto, conhecemo-nos — por puro acaso, quando eu estava de férias com os meus pais, e percebemos ao despedirmo-nos que ambos trabalhávamos em Londres em ruas praticamente adjacentes — e apaixonámo-nos, para surpresa de todos, passando trinta anos felizes juntos.

Alguns meses antes do nosso casamento, no final de uma encantadora carta de amor, o Bob escreveu: "Tenho a certeza de que o que temos reservado para nós será — não apenas uma mera tolerância da convenção do que se chama vida de casados, mas um amor ao lado do qual o de (para usar as tuas próprias figuras) Elizabeth e Robert Browning empalidecerá como a lua ao nascer do sol". Ele sabia que eu era uma grande admiradora dos *Sonnets from the Portuguese* de Elizabeth Barrett Browning.

Foi uma coronária que acabou com tudo. Inesperado, rápido, final. Num golpe cruel, como o quebrar de um copo de cristal deixado cair por uma mão descuidada, as nossas vidas juntas ficaram em fragmentos. O Bob morreu após uma luta desesperada e determinada, precisamente quando ambos nos tínhamos convencido de que ele estava a recuperar — como o apagar súbito da luz enquanto dormia.

Ele tinha superado tantos obstáculos na sua vida, incluindo a amputação da perna direita quando tinha vinte e um anos, mas apesar da sua personalidade persistente, o seu último inimigo, a morte, ele não conseguiu derrotar — ou assim parecia na altura.

Regressei a casa depois de me dizerem, sozinha. Era como um brinquedo de corda — um autômato com o cérebro de um robô. Estava completamente fria e distante. Não conseguia chorar.

Subi lentamente o caminho de entrada e olhei para a casa grande e antiga que sempre fora tão reconfortante e querida para mim. Quando a vimos juntos pela primeira vez, tinha estado negligenciada, o telhado de duas águas, as chaminés altas e o jardim tristemente em decadência. Mas ficámos com ela e restaurámo-la amorosamente. Hoje, as janelas altas pareciam fitar-me com olhos mortos — a nossa linda casa parecia-me tão desolada quanto eu me sentia.

Pela primeira vez, abri a porta eu mesma. O Bob tinha-a sempre aberto de par em par para mim nos nossos regressos a casa juntos. Não havia som, exceto o tique-taque arrastado do relógio e o toque dos meus próprios passos no chão de carvalho polido. Fiquei no átrio e olhei para a curva da escadaria.

Como poderia eu continuar?

Ao ver a carteira do Bob entre os seus pertences pessoais, trazida para mim do hospital — as suas fotografias favoritas da nossa casa guardadas nela — finalmente desabei. As lágrimas incontroláveis fluíram e sacudiram o meu corpo. Senti uma dor quase física. A minha vida estava em ruínas. O mundo continuaria — e de alguma forma eu teria de continuar também... mas o pensamento continuava a martelar na minha mente... estou sozinha agora... sozinha.

Pela primeira vez na minha vida senti a agonia da solidão total. No entanto, lembro-me agora que, mesmo naquele momento de isolamento total, uma vez lá dentro, a casa, estranhamente, pareceu acolher-me, até mesmo acalmar-me. Exausta, arrastei-me escadas acima para o quarto que partilhámos durante tanto tempo. Deitei-me na cama. De alguma forma, algures, a presença do Bob parecia pairar e, para minha surpresa, adormeci.

Ao início, senti que não seria capaz de ir ao funeral. Mas, no fim, fiz o esforço supremo. Sabia que era o que o Bob esperaria — que eu fizesse o que era correto e não me afundasse na minha dor. Droguei-me com sedativos antecipadamente e, no fim, quão contente fiquei por ter tido a coragem de ir.

Uma vez, quando tínhamos discutido a morte, o Bob expressou o desejo de ser cremado, dizendo que não suportaria pensar em mim a chorar sobre a sua sepultura. Encontrei grande consolação espiritual na beleza do serviço religioso com a sua mensagem de esperança. Mesmo no meio da minha dor, senti que o verdadeiro Bob estava comigo e que apenas os seus restos terrenos, como uma velha capa abandonada, jaziam no caixão coberto de

púrpura que repousava diante de nós. Eu tinha escolhido o hino favorito do Bob — e o meu:

"Immortal, Invisible, God only wise. In light inaccessible hid from our eyes..."

com a sua mensagem de esperança nas linhas finais,

"...oh help us to see 'Tis only the splendour of light hideth Thee."

Levantei os olhos para o vitral na capela lateral, retratando o Cristo Ressuscitado juntando-se aos dois discípulos no caminho de Emaús que o julgaram um estranho até que "ele partiu o pão com eles" e se revelou como o seu amado Mestre, "quando desapareceu da vista deles".

O nosso vigário conhecia o Bob como cientista e cristão em busca. (Tão seriamente tinha o Bob levado a questão da vida e da morte que descobri após a sua morte uma pasta marcada *Razão v Fé*, cheia das suas próprias notas e recortes de jornal sobre o assunto). No seu sermão, o vigário destacou a simplicidade da vida familiar feliz do Bob, o seu amor pela natureza e pela beleza, a sua mente científica sempre à procura da verdade.

Leu de Coríntios (2:4:16) que termina: "Pois sabemos que, se a estrutura terrena que hoje nos habita for demolida, possuímos um edifício que Deus providenciou — uma casa não feita por mãos humanas, eterna e nos céus."

Senti então que o Bob estava verdadeiramente vivo e comigo em espírito. Eu viria a aprender mais sobre isto à medida que as semanas passavam...

Chegaram cartas de todos os lados. Duas permanecem vividamente na minha memória, uma de um cientista conhecido do Bob há muitos anos: *"O seu marido era um grande homem. Nos anos trinta, era um dos poucos tecnocratas a olhar em frente e conseguiu fabricar para mim aparelhos novos que eram impossíveis de fazer. Ele liderou um novo caminho. Foi, sem dúvida, um dos pioneiros do nosso novo conhecimento científico."*

Esta sede de conhecimento científico viria a manifestar-se de forma ainda mais forte após a sua morte.

A outra carta era de um médico que tinha trabalhado com o Bob em aparelhos científicos. Ele é agora espiritualista. *"...Desde que acredito, a partida de amigos assumiu um aspeto inteiramente diferente e, para mim, todo o aguilhão da morte foi retirado."*

Apesar de um mar de conselhos, eu estava determinada a manter a casa e o jardim que o Bob e eu tanto tínhamos amado, mesmo sabendo que haveria

muita solidão pela frente. Onde se pode esconder alguém da solidão, mesmo numa sala cheia? Melhor estar com as coisas ao meu redor que o Bob conheceu e amou, embora tivesse de passar pela amarga tarefa de separar as suas roupas. Mas guardei o seu roupão para sempre na casa de banho e um casaco de trabalho velho pendurado na cozinha. Eles faziam parte da sua presença pela casa. Considerava-os tranquilizadores. Não foi um impulso mórbido.

Tentei consolar-me com a garantia do médico de que, se o Bob tivesse regressado a casa, teria sido um inválido para o resto da vida — que partir da forma como partiu era exatamente o que ele desejaria. O médico disse que eu estava a sofrer por mim mesma — autopiedade egoísta, que o Bob esperaria que eu tivesse a coragem de me aguentar pelo meu próprio pé.

Tentei endurecer-me para continuar e levar as coisas com calma. Mas simplesmente não conseguia. O Bob tinha estado sempre atrás de mim com o seu conselho prático, segurança financeira e a sua mera presença física quente e protetora, protegendo-me do mundo. Agora estava sozinha.

Houve momentos em que senti que devia acabar com tudo. Depois, de alguma forma estranha, sentia a sua proximidade — e o seu horror perante a simples ideia de eu escolher a saída dos cobardes.

Lentamente, os dias de abril deram lugar a maio — o nosso mês favorito, resplandecente com as flores da primavera. A Aubrieta (*aubrétia*) estendeu o seu véu púrpura em volta do coelho branco de pedra e do sapo no jardim de rochas. A flor da amendoeira seguiu-se aos narcisos, depois as manchas púrpuras da *honesty* (*lunária*) e os goivos amarelos. Eu vagueava pelo jardim, mas nunca parecia estar nele. Conseguia lutar através dos dias, mas os serões eram os mais difíceis de suportar.

Era então que a solidão feria e eu trabalhava e trabalhava em papéis, cartas de advogados, até estar demasiado cansada física e mentalmente para fazer mais nada. E depois para a cama e a futilidade de me levantar. O tempo arrastava-se. Os relógios mal pareciam mover-se. Tentava limpar o pó da casa, mas ainda assim os relógios mal se moviam. Cada segundo estendia-se até à eternidade; cada minuto, cada hora, cada dia, cada semana levava anos a ser vivida.

O tempo era o meu inimigo, uma dor física que não passava. Tudo era passado, não havia futuro. A vida parecia sem propósito. Não conseguia planear. Levantava-me, rastejava pelo meu dia. Dormia. Tinha perdido todo o interesse no mundo ao meu redor. Por mais que tentasse recuperá-lo, falhava. Sempre o relógio. Eu andava à deriva, sem rumo. Tinha de haver um caminho de volta...

Como um alpinista puxado do precipício do desastre pelo seu cinto de segurança, eu balançava entre a esperança e o desespero, preenchendo a minha agenda com compromissos para que amigos me visitassem, agarrando-me a eles como a uma tábua de salvação para me ajudar a chegar ao dia seguinte. Tinha perdido toda a autoconfiança. Sentia-me incompleta, desequilibrada, à deriva sem propósito.

Através do nevoeiro, tinha vislumbres ocasionais de luz do dia e sanidade. Como no dia em que o meu irmão veio, trazendo um sopro de ar fresco. Olhámos para as caixas de ninhos dos chapins-azuis. Na verdade, ri-me pela primeira vez com as palhaçadas dos netos dele. Estes eram os pontos altos da minha vida, quando tinha um ombro onde me apoiar.

Tal como se usam pedras de passagem para atravessar um riacho, assim eu existia graças às mãos estendidas de amigos e parentes — até aquele fim de semana... quando o Bob voltou para mim.

2

Comunicações Passadas

O que estou prestes a relatar agora tem tanta influência em eventos posteriores que sinto ser importante registá-lo aqui.

Como jornalista terra-a-terra, no passado não tinha qualquer interesse pelo espiritualismo. Nunca tinha sequer ouvido falar da Associação Espiritualista da Grã-Bretanha, em Belgrave Square. Mas foi em 1960, alguns meses após a morte da minha mãe, a quem eu era dedicada, quando me sentia miserável e deprimida, que, por impulso, um dia, sem dizer uma palavra a ninguém, apanhei um comboio para Victoria.

Assim que cheguei, fui a uma cabine telefónica e folhee a lista telefónica. Encontrei o endereço e liguei para pedir uma sessão — ou o que quer que fosse que se fizesse.

Olhando para trás, estou convencida de que fui guiada até lá pela minha mãe. Tudo se encaixou. Por exemplo, soube mais tarde que a rotina normal era marcar uma consulta com antecedência para evitar desilusões. Mas disseram-me que um Sr. William Redmond estaria livre em meia hora.

Senti-me um pouco ridícula. O que esperava eu obter dali? No entanto, algo parecia compelir-me a ir.

Fiquei surpreendida quando entrei pela primeira vez na sede da Associação Espiritualista, um edifício elegante no número 33 de Belgrave Square, Londres SW1, ao ver a quantidade de jovens que passavam pelas portas giratórias.

Primeiro, entrei numa sala espaçosa onde havia um balcão de recepção que dava informações sobre as sessões. Existem avisos sobre as palestras e reuniões do dia, e podem obter-se exemplares da *Service*, o calendário trimestral de eventos da Associação.

A *Service* fornece detalhes completos sobre palestras, membros da Associação disponíveis para sessões privadas, os horários de Cura Espiritual, médiuns visitantes e datas, horários para demonstrações de clarividência e serviços religiosos aos domingos. Também indica as taxas para vários cursos e sessões, e fornece uma descrição da sede, com a sua capela, biblioteca e restaurante.

No primeiro andar do edifício existe uma pequena capela para meditação privada e um grande salão de palestras. As sessões privadas realizam-se em várias salas pequenas no segundo andar.

Fui à recepção e paguei a minha taxa. Enquanto esperava num banco no topo das escadas, o Sr. Redmond veio perguntar o meu nome e levou-me para uma pequena sala onde havia uma mesa e duas cadeiras.

Enquanto eu me sentava, ele virou-se para buscar um copo de água e depois, sentando-se à minha frente, disse:

— Oh, valha-me Deus! Sinto que está com tantos problemas. Espero mesmo que a possamos ajudar.

Olhou demoradamente para mim e pediu-me algo para segurar. Dei-lhe a aliança de casamento da minha mãe, que por acaso estava a usar em vez da minha.

O Sr. Redmond disse que eu estava em grande sofrimento mental. (O que era verdade — estava praticamente à beira de um esgotamento nervoso.) Ele fez uma descrição minuciosa e precisa da minha mãe — e do meu pai também — e disse:

— Está cheia de remorsos porque ela morreu numa casa de repouso. Culpa-se a si própria, mas a sua mãe diz que foi a única coisa possível.

Falou da minha irmã, mas disse que *eu* era a pessoa que se preocupava. (Isto era algo que a minha própria mãe dizia frequentemente.)

De forma bastante surpreendente, ele identificou o anel como sendo da minha mãe, embora, disse ele, eu fosse casada, e ela tinha uma mensagem especial para o meu marido.

— A sua mãe deseja que eu diga como está grata pelo cuidado que ele teve com ela após a morte do seu pai. Que ele foi mais do que um genro e que ela sabia que ele se revelaria um trunfo!

Poderia, de facto, ser a minha mãe a falar, pois foi precisamente isso que ela disse muitas vezes em vida.

O Sr. Redmond lançou então vários nomes que reconheci como amigos de infância da minha mãe. Mencionou os nomes de todas as irmãs dela e disse que a minha mãe segurava um cão *pug* chamado Tony (que tínhamos tido quando éramos crianças). Finalmente, disse quão feliz a mãe estava por estar em contacto comigo.

Senti-me subitamente despreocupada. Caminhava nas nuvens enquanto regressava à estação de Victoria. Esta euforia envolveu-me como uma nuvem suave durante todo o caminho para casa e para dentro da habitação, onde comecei a preparar a nossa refeição da noite.

O Bob entrou direto na cozinha, como de costume, atirou a sua pasta sobre o aparador e olhou fixamente para mim.

— Minha querida, pareces outra mulher! Estiveste no Press Club? — Ele andava há semanas a insistir para que eu fosse a Londres.

Dei um cauteloso "Não". Senti que não suportaria qualquer crítica ou escárnio da parte dele.

— Então onde estiveste? — insistiu ele.

Relutantemente, disse: — Eu não aguentaria se te risses.

— Mas porque haveria de o fazer?

Ele ficou sério então e ouviu atentamente a minha história. Terminei dizendo:

— Foi como ter uma conversa de longa distância com ela.

O Bob disse, pensativo: — Eu simplesmente não entendo. Mas deve ter sido uma experiência maravilhosa.

Tinha uma consulta com o meu médico no dia seguinte. Quando entrei, ele levantou os olhos e fitou-me.

— O que andou a fazer a si própria? É uma mulher diferente — o seu andar — o seu rosto — a sua postura —

Embora ainda quisesse guardar o meu segredo só para mim, disse finalmente:

— Tive — tive uma comunicação de longa distância — com a minha mãe! Sei agora que ela está viva e comigo.

Os olhos dele nunca deixaram o meu rosto enquanto eu lhe contava sobre a minha sessão com Redmond.

— Já não precisa mais de mim — disse ele quando cheguei ao fim. — Só gostaria de ter mais tempo para aprofundar tudo isto.

Houve várias ocasiões durante a vida dela em que a minha mãe demonstrou o seu aguçado sexto sentido. Uma vez, longe de casa, não consegui dormir até às quatro da manhã. Eu simplesmente sabia que tinha de ir ter com ela. Quando cheguei inesperadamente ao meio-dia, ela abriu a porta, sem mostrar surpresa, e disse: — Não estou surpreendida por te ver. Estive acordada até às 4 da manhã preocupada contigo!

Noutra ocasião, durante umas férias na Cornualha, deixei a minha mãe e o meu pai para regressarem ao nosso alojamento enquanto eu subia uma colina íngreme à procura de um miradouro. Encontrei-o mais depressa do que esperava e, regressando ao topo da colina, vi os meus pais como duas figuras minúsculas, muito abaixo de mim, caminhando penosamente para casa.

"Oh! Esperem por mim!", chamei em pensamento e, para minha surpresa, vi-os virarem-se e voltarem atrás. Para minha alegria, reencontrei-os no sopé da colina.

— O que é que vos fez voltar? — perguntei.

— Ouvi-te chamar por mim — disse a minha mãe — e senti que estavas em apuros.

A partir de então, já não me senti separada da minha mãe. Sempre que queria conversar, ia à Associação Espiritualista e sentava-me com um médium. Não conhecia nenhum deles, apenas escolhia um nome ao acaso.

Todas as sessões, exceto uma, foram satisfatórias; mas essa foi numa tarde húmida e trovoada e eu sentia-me inquieta. Simplesmente nada veio — e a minha taxa foi devolvida. No entanto, na semana seguinte, tive uma sessão esplêndida com o mesmo médium.

Sempre que ia à Associação Espiritualista, algum pequeno detalhe da minha vida quotidiana — que não podia ser coincidência — surgia nas sessões. A vez, por exemplo, em que a médium, a Sra. St. George, falou de eu estar sentada numa sala, com papéis e livros espalhados por toda a mesa, perto do retrato da minha mãe. De facto, tinha feito exatamente isso no dia anterior, no meu escritório.

Depois, a vez em que ela disse que a minha mãe falava de eu ser uma boa cozinheira — fazendo um guisado de carne na noite anterior e nomeando todos os ingredientes.

— Não conseguiste sentir-lhe o gosto, mas estava bom!

Como eu tinha, na altura, perdido o olfato e o paladar, isto era perfeitamente verdade.

O Bob tinha-se tornado gradualmente muito interessado nas minhas sessões e, às vezes, até vinha comigo. Uma vez, numa sessão com a Sra. Ray Welch (anteriormente Srta. Ray Tasker), ele ficou impressionado quando ela lhe disse que ele tinha um relógio de bolso de ouro que pertencera ao seu avô e que ele nunca usava.

A minha mãe tinha sido uma talentosa costureira, fazendo todas as roupas dos seus próprios filhos. Quando a casa dela foi desfeita, ela quis que eu ficasse com a sua velha máquina de costura de pedal. Ela mencionava isto frequentemente nas sessões.

Quanto a mim, nunca tinha feito uma peça de roupa na vida, mas depois de ela morrer, para minha surpresa e do Bob, comecei a fazer as minhas próprias roupas.

Numa ocasião, a médium disse-me: — A sua mãe diz que está a ter dificuldades com uma saia de linho verde. Tente novamente e ela ajudá-la-á com a carcela.

Na verdade, eu tinha tido problemas com o fecho, mas nesse dia fui para casa enfrentar o problema e ele encaixou perfeitamente! E assim continuou com outros problemas de confeção.

Por esta altura, se eu perdia alguma coisa, o Bob dizia, em parte por brincadeira, mas também em parte a sério: — Pergunta à Mãe — e percebi que ele estava a começar a interessar-se realmente pelo espiritualismo.

Por causa disso, abordei deliberadamente o assunto uma noite ao jantar, quando recebíamos dois cientistas. Eles foram educados, mas incrédulos.

— O que achas? — perguntaram eles ao Bob.

Eu sabia que ele estava num dilema. Se ficasse do lado deles, sabia que eu ficaria magoada e me sentiria "traída", mas ele seria de facto corajoso se divergisse do ceticismo deles. Ele pensou durante muito tempo. Depois disse:

— Só sei que a minha mulher não é mentirosa — e não é a mulher com a mente menos mecânica do mundo!

Depois ele trouxe à baila o incidente da correia da máquina de costura. A minha mãe, numa sessão, tinha avisado que estava desfiada.

— Não disse nada à minha mulher — continuou o Bob — mas antes de ir para a cama fui à sala de costura dela investigar. Estava desfiada, e eu reparei-a.

Então soube que o Bob estava realmente interessado no espiritualismo de uma forma científica.

Ainda guardo a primeira carta que o Bob me escreveu, logo após nos termos conhecido. Devo ter-lhe escrito, de forma provocadora, dizendo que ele tinha um tipo de mente completamente diferente da minha. Ele respondeu a brincar — com um humor algo pesado: "Refuto indignado a sugestão de que tenho um 'tipo de mente destruidor e descrente'! NÃO tenho. De todos os homens sou o mais crédulo — quando existe um fundamento adequado para a minha crença.

Tenho um tipo de mente mecânica, departamentalizada, uma mente na qual houve pouco lugar, até agora, para as coisas mais quentes e culturais, mas definitivamente não uma mente conscientemente definida contra a crença. Concederei uma coisa, mas não a outra!"

O Bob era um homem de grande força de caráter e força de vontade. O que ele pretendia fazer, fazia-o, independentemente dos obstáculos. Provou-o até ao fim. Por exemplo, no dia em que o médico lhe disse que tinha sofrido uma coronária e que devia ir para o hospital, ele insistiu em conduzir o carro do consultório para casa ele próprio — depois subiu três lances de escadas para ir buscar a sua mala, determinado a fazê-la ele próprio, pronta para ser levada para o hospital.

Depois, quando ele devia regressar a casa — no dia anterior à véspera de Natal — o aquecimento central a combustível sólido avariou. A água estava fria, o lume praticamente apagado! Eu tinha subido ao topo da casa para inspecionar a boia, que parecia estar bem. Mas o que havia eu de fazer? Não era altura de esperar que os técnicos viessem — embora tivesse implorado pelo telefone. Disse-lhes que era uma questão de vida ou morte.

Mesmo enquanto falava, senti que estava a ser observada e olhei para cima. O Bob estava lá — a ambulância tinha-o trazido e eu não o tinha ouvido entrar. E eu tinha querido tanto estar ali para lhe dar as boas-vindas!

Ele assumiu o comando imediatamente — já estava a meio das escadas — e depois de uma coronária! Depois desceu novamente para inspecionar a caldeira e limpar a fornalha. Debalde lhe implorei, mas aquela vontade dele não era para ser contrariada.

— Já tiveste mais do que suficiente para lidar sozinha — disse ele. — Agora assumo eu.

Porque era um cientista, era estritamente prático e não aceitava nada até que fosse provado. No entanto, tinha uma mente curiosa e aberta, embora fosse tolerante com as opiniões de outras pessoas mesmo quando não concordava com elas.

3

Primeiros Sussurros

Sempre soube que a minha prima era vidente e interessada no espiritualismo embora, naqueles dias longínquos, nunca a tivesse levado muito a sério. Ela era decidida, calma e reconfortante, e eu ansiava pela sua companhia.

Era um daqueles fins de semana encantadores de maio, quando o jardim estava repleto de beleza. Os narcisos e as primeiras flores da primavera tinham desaparecido, mas os lilases roxos e brancos ostentavam a sua glória e o ar estava inundado pelo canto dos pássaros.

Tinham passado apenas algumas semanas desde o funeral do Bob e, embora eu caminhasse pelo jardim, a sua beleza escapava-me.

Sentámo-nos à lareira naquela noite, pois as noites ainda estavam frias, e as cortinas estavam corridas. Eu estava sentada apaticamente, lendo um livro pela metade na minha poltrona favorita, quando a minha prima confessou subitamente:

— Sabes, eu estava com receio de vir a esta casa — por causa da solidão. Mas não é solitária. A presença do Bob inunda cada parte dela. Ele está aqui. Por toda a casa. Nesta mesma sala. Eu quase conseguiria falar com ele, se tivesse algo dele para segurar.

Incrédula, pousei o meu livro.

— Consegues vê-lo? — perguntei.

— Acho que conseguiria se segurasse algo.

Quase tropecei escadas acima na minha pressa, perguntando-me o que lhe poderia dar. Encontrei as escovas de cabelo dele.

Ela sentou-se ali calmamente, segurando-as.

— Ele está de pé aqui, junto ao sofá — disse ela. — Está a sorrir. — E começou a falar com ele.

Senti tremores de excitação a passar por mim.

A princípio, a jornalista cética em mim descartou tudo como pura imaginação. Ela estava a tentar agradar-me. Fazer-me sentir melhor. Mas as mensagens que ela me deu eram tão reais, tão típicas do Bob, que as minhas pernas fraquejaram e comecei a tremer.

— Tu deves senti-lo — disse ela, e riu-se de uma das observações dele. — A personalidade dele é tão forte. Ele está a aproximar-se de ti e agora está a acariciar o teu cabelo.

Se foi excitação ou imaginação, não sei, mas senti uma estranha exultação elétrica, uma corrente a fluir através de mim. O meu coração batia contra as costelas, a minha boca ficou seca. No entanto, ao mesmo tempo, fui preenchida por uma paz estranha e maravilhosa.

— Ele tem estado contigo desde o momento em que partiu, mas não conseguia causar-te qualquer impressão por causa do teu espesso véu de dor — disse ela. — A tua dor magoa-o, minha querida. Mas tenta perceber que ele está contigo onde quer que vás.

Depois disso, em todas as noites da sua curta estadia, "conversámos" com o Bob à lareira. Eu estava ainda muito longe de começar a compreender as implicações, mas um peso parecia ter sido levantado do meu coração.

Pela primeira vez desde que ele me deixara, senti-me confortada — e ao mesmo tempo duplamente infeliz. Pois sabia que aquilo poderia ser apenas um alívio passageiro do meu peso de miséria, que quando a minha prima saísse da casa, o Bob iria também. Apesar da longa comunicação com a minha mãe, eu estava ainda demasiado enlutada e chocada para acreditar que pudesse ser possível para *mim* comunicar com o Bob.

Disse à minha prima no dia em que ela se foi embora:

— Agora ficarei sozinha, pois vais levar o Bob contigo.

— Tolice! — protestou ela. — A personalidade dele é tão forte que sinto que tu mesma poderias falar com ele. Basta pegares em papel e lápis e sentares-te muito quieta, e tenho a certeza de que ele comunicará.

Pensei que ela estava apenas a tentar consolar-me na sua partida e tentei afastar a ideia da mente.

O Bob e eu tínhamos levado vidas bastante comuns — alguns diriam monótonas. Os nossos interesses fora das nossas respetivas carreiras giravam em torno dos nossos amigos e da nossa casa.

Era, e ainda é, uma casa bonita, planeada com amor. Estava cheia de plantas e de luz, e das belas peças de época que procurámos juntos ao longo dos anos, deliciando-nos com as nossas pechinchas.

Eu tinha a minha sala de costura onde pedalava na velha máquina de costura da minha mãe — agora com oitenta anos!

O Bob estava sempre ativo. Lembro-me bem de, antes da sua coronária, lhe implorar para se sentar comigo à tarde. Mas ele estava sempre ocupado, fosse com o seu trabalho científico como consultor — fazendo longas chamadas telefónicas do seu escritório no rés-do-chão — ou ocupando-se com pipas de cinco ou dez galões na parte das antigas cavalariças a que chamávamos "a adega", onde fabricava vinho caseiro numa vasta escala científica, apenas por diversão. O meu querido Bob — tão maravilhosamente enérgico apesar de uma perna direita artificial. O carro era o seu único meio de locomoção, e ele cuidava dele como se fosse uma criança.

Perfeccionista em todas as coisas, disse-me uma vez: "Não quero que sejas apenas uma condutora — mas uma *boa* condutora". Ele próprio era um bom condutor — um *Advanced Motorist* — facto de que muito se orgulhava embora, tipicamente, nunca exibisse o emblema.

Quando o tempo estava bom, estávamos ambos no jardim — orgulhámo-nos das nossas conquistas e adorávamos passear por ele, partilhando este ou aquele triunfo hortícola.

Eu fazia as tarefas habituais e as compras e, no padrão ordenado que as nossas vidas tinham assumido, muitas vezes nos dias de inverno sentávamo-nos à luz da lareira ao fim da tarde, felizes com a companhia um do outro.

Estava sentada sozinha e sossegada diante da lareira no domingo seguinte, ao regressar da igreja, tentando ler, com a mente, como sempre, cheia do Bob.

Subitamente, o desejo de comunicar dominou-me. A ideia era absurda, mas o impulso era tão forte. Peguei num lápis e agarrei a parte de trás de uma revista velha.

Durante alguns minutos nada aconteceu. Depois senti o lápis a mover-se, lentamente, muito lentamente, como se descrevesse círculos. De alguma forma estranha, senti-me confortada e menos sozinha.

Não posso dizer que o lápis estivesse a escrever automaticamente — e, no entanto, eu não o estava a guiar de forma alguma, enquanto ele se movia aos solavancos pela página com esforço. Fiquei quieta com os olhos fechados. Senti que letras estavam a ser traçadas, mas não faziam sentido...

"És tu, Bob?", perguntei mentalmente.

Senti que o gatafunho de resposta era um grande "S" seguido de "im". Fiquei imóvel e a palavra "sim" repetiu-se várias vezes.

"Mas isto é maravilhoso!", pensei, enquanto os rabiscos anteriores se transformavam em palavras, todas ligadas entre si, e percebi, com os olhos fechados, as palavras "Amo-te" rascunhadas na página.

Abri os olhos e consegui apenas ler o contorno ténue, quase ilegível. Senti uma grande onda de alegria. Corri para o telefone, a tremer de excitação, e liguei para a minha irmã.

— O Bob falou comigo! — gritei. — Não sei como nem porquê, mas ele está a escrever na parte de trás de uma revista. Ele está tão perto que sinto como se estivesse a falar com ele.

Pode perdoar-se-lhe por pensar que eu estava fora de mim, pois a minha irmã é uma pessoa muito prática.

— Isso é muito bom para ti, querida — disse ela calmamente — como se falasse com uma criança que acordou de um sonho — e mudou de assunto.

Depois disso, eu "escrevia" todas as noites usando pedaços de papel velho. Fazia perguntas mentalmente, escrevendo-as mais tarde para manter um registo. Depois esperava que as respostas saíssem em cascata através da caneta em movimento.

Como sabia eu que não eram apenas os meus próprios padrões de pensamento ou o subconsciente a responder? Durante muitos meses fui atormentada pela dúvida, torturando-me. Talvez estivesse realmente a enlouquecer.

Mas, para começar, havia uma diferença enorme entre a minha caligrafia limpa e precisa e os rabiscos grandes e erráticos no papel — as mensagens que eu estava convencida de que vinham do Bob.

A partir dessa altura desisti de escrever a lápis em pedaços de papel avulsos. Queria ter um registo verdadeiro das nossas conversas e comecei a usar caneta e cadernos.

À medida que as nossas conversas se tornavam mais fluentes, soube que ele estaria a frequentar "cursos" para lhe permitir comunicar mais facilmente através de outros métodos. Os cursos pareciam decorrer sempre entre o pôr do sol e o nascer do sol.

Numa ocasião, enquanto visitava a minha irmã, precisamente quando o sol se estava a pôr, senti este forte impulso de "falar" com o Bob e agarrei em caneta e papel — apesar de ela dizer: "Vamos cear primeiro — podes fazer isso mais tarde".

Por vezes a compulsão era tão forte — acontecia sempre ao pôr do sol — que uma vez, enquanto conduzia, tive de parar o carro na beira da estrada para escrever a mensagem.

Em momentos de stress, não conseguia chegar até ele, no entanto ele sabia que eu estava infeliz; pois quando, numa noite, o "alcancei", ele escreveu: "Fiquei tão angustiado por ver-te assim. Deves agora estar curada sabendo que podemos comunicar. Não estou morto. Estou ansioso por ver-te novamente."

Quando me queixei de não poder tocar-lhe, de não ouvir a sua voz, ele disse que compreendia os meus sentimentos... "É como se estivesses a tentar imaginar que ainda estou vivo. Não estou, minha querida. Passei à frente e somos abençoados por ter esta comunicação incrível... Estou muito satisfeito e tu também deverias estar."

Disse-lhe repetidamente da minha solidão, mas o Bob disse para parar de me iludir pensando que, se ele tivesse recuperado, tudo teria sido como dantes. "Eu teria sido um aleijado com um coração débil. Teria sido uma miséria indescritível para mim", escreveu ele.

Ele salientou que não só eu, mas também ele tinha tido de fazer mudanças. "Não podemos continuar para sempre sem mudanças — mas elas são todas para o nosso bem. Difícil para ti. Mais fácil para mim."

Terminávamos sempre as nossas sessões com orações de agradecimento e pedidos de cuidado e orientação.

Estas conversas tornaram-se parte da minha vida. O nosso vigário, tão compreensivo e de mente aberta, veio uma noite e sentou-se comigo quando eu estava a "comunicar", trazendo uma lista de perguntas. As respostas do Bob vinham tão depressa que eu não tinha tempo de as escrever, mas o essencial era que ele tinha agora progredido tanto que poderia comunicar no futuro sem a ajuda do "Mestre". O Bob tinha morrido tão subitamente que não se tinha apercebido de que estava morto até ver os pais dele e os meus. Vendo a minha dor e solidão, ele quisera reentrar no seu corpo, mas — sempre prático — soube que devia entrar em contacto comigo. A minha dor bloqueou isto ao início, mas com a ajuda do seu Mestre e o estudo atento de comunicações e colaboração ("com cérebros muito superiores ao meu", disse ele), ele era agora capaz de passar.

Mais tarde, todo o processo viria a desenvolver-se de forma muito mais dramática mas, de momento, eu estava mais contente do que estivera em muito tempo.

A minha alegria não teve limites quando, a 24 de maio, naquela triste primavera, ele escreveu: "Por favor, não te preocupes mais, agora que sabes que estou contigo. Nada pode interromper a nossa relação. Os meus planos estão bem traçados e agora não tens nada com que te preocupar." Como sempre, assinou: "Com amor, Bob".

Mesmo das formas mais práticas, eu estava a ter provas da orientação e do pensamento do Bob por mim. Problemas de negócios, perguntas sobre investimentos e venda de ações, e questões fiscais — perguntas para as quais eu não poderia possivelmente ter encontrado as respostas sozinha, e ele aconselhava-me.

Por exemplo, foi-me pedido que entregasse o certificado do seguro do carro dele e eu não o conseguia encontrar. Nem sequer sabia que aparência tinha. Em desespero, liguei para a companhia de seguros que me disse ser um pequeno pedaço de papel impresso a preto, normalmente guardado na carteira do condutor. Procurei na carteira dele. Não estava lá. Em pânico, pensei que o devia ter deixado no carro dele, que eu tinha vendido.

"Procura num escaninho da minha secretária", surgiu na minha cabeça tão claro como um sino. Chamem-lhe coincidência — não há prova científica — mas, depois, houve demasiadas coincidências para que fossem todas um truque da minha própria mente.

Corri para o escritório dele e, no primeiro escaninho onde meti a mão, encontrei o documento em falta. Eu nunca teria pensado em procurar ali sozinha. Era sempre em momentos de pânico e frustração que estas estranhas diretrizes me chegavam.

Numa ocasião em que estava perturbada, liguei o rádio para fazer algum som na atmosfera mortalmente claustrofóbica da casa. De imediato, uma bela voz de tenor, tão parecida com a do Bob, quebrou o silêncio. "Oh, Descansa no Senhor, espera pacientemente por Ele, e Ele te dará o desejo do teu coração", encheu a sala.

Era uma das árias favoritas do Bob de *Elijah*, que eu o ouvira cantar tantas vezes no banho! Senti o pânico abrandar. Coincidência! Por acaso liguei o rádio naquele exato segundo. Foi muito reconfortante.

Depois houve o canhoto do cheque. Eu tinha ido à nossa loja de eletricidade local para uma pequena reparação e mencionei a morte do meu marido alguns meses antes. Eles conheciam-no e gostavam dele e, após apresentarem as condolências, mencionaram uma conta pendente do inverno anterior. "Não quisemos incomodá-la", disseram eles, "sabendo da doença do seu marido". Por esta altura já estávamos em junho.

— Não tenho contas pendentes — respondi. — E, em todo o caso, tudo está em processo de inventário. Deem-me a conta e pedirei aos meus advogados que a paguem — e assim foi feito.

Alguns dias depois, sozinha na cozinha à meia-noite, estava a pensar nos meus problemas financeiros, pois o Bob tinha morrido antes de atingir a idade da reforma.

"Procura nos canhotos do meu livro de cheques do passado mês de novembro", surgiu repetida e insistentemente na minha mente.

Eu tinha uma ideia de onde os encontrar, mas sentia-me demasiado cansada para fazer o esforço. De qualquer forma, qual era o sentido? A mensagem repetiu-se repetidamente. Como uma sonâmbula, dirigi-me à secretária do Bob. Folheei os registos até chegar a novembro. Não conseguia acreditar nos meus olhos. Ali estava o registo no canhoto, a 13 de novembro. Descobri que o cheque tinha sido descontado em dezembro. A loja de eletricidade devolveu o dinheiro.

Naqueles dias sombrios de desespero, estas pequenas lembranças da presença do Bob traziam calor e conforto.

À medida que os dias de junho perfumados a rosas passavam e as peónias e papoilas ostentavam as suas cores vivas, todas as noites eu escrevia agora ao Bob. "Continua a escrever-me e eu responderei sempre", dizia-me ele. "Ajudar-te-ei e isso dá-me um grande prazer, pois quero que sejas feliz. Tive tanta pena de teres de continuar sozinha e farei por acompanhar-te onde quer que vás até nos encontrarmos novamente."

No entanto, apesar do conforto que estas sessões diárias me traziam, nesta fase eu estava numa agonia de dúvida. Num ponto em que comecei a questionar a minha própria sanidade, pedi ao Peter, um jovem amigo cientista do Bob que tinha trabalhado com ele em vários projetos, se ele viria dar-me a sua opinião. Assim fez ele a 27 de junho de 1971. Começámos a nossa sessão.

Imediatamente o Bob expressou alegria por "ver" o seu velho amigo. "O Peter é uma força muito poderosa. Tu, eu e ele estamos no mesmo comprimento de onda. Ele está interessado nos mesmos meios de comunicação, que eu gostaria de lhe explicar. Posso passar os meus pensamentos através da tua caneta e tu podes captá-los. Estás tanto na minha mente como eu estou na tua — é por isso que posso vir ter contigo a qualquer momento e em qualquer lugar."

O seu Mestre tinha-o elogiado como um bom aluno que fizera grandes progressos na comunicação devido à sua natureza científica e espiritual, e ao grande amor que temos um pelo outro. Embora pudesse guiar os meus pensamentos, ele não conseguia prever o futuro.

"O meu trabalho é cuidar de ti e seguir as coisas que me interessam."

Quando o Peter lhe perguntou as suas intenções futuras, o Bob respondeu que poderia ser química ou bioquímica ou possivelmente eletrónica. O seu Mestre dizia que ele poderia ir longe. "Neste momento estou ao vosso lado. Vejo o Peter refastelado na sua cadeira. Apenas a largura de um cabelo nos separa. Posso tocar-vos, mas vocês não se apercebem."

Respondendo às perguntas do Peter, assegurou-lhe a sua felicidade — com apenas um arrependimento: a ausência da sua esposa. Aqueles que estavam no outro lado e eram menos felizes e inquietos ainda não se tinham conformado com o seu novo estado, por exemplo, aqueles que tinham morrido subitamente num acidente.

Do pessoal, o Bob passou para os assuntos mundiais. "Não gosto da forma como as coisas se estão a configurar — o aglomerar das Grandes Potências. A menos que haja um despertar espiritual, haverá ruína."

Ele podia estar em dois lugares ao mesmo tempo, disse ele.

— Consegues reconhecer os lugares?

— Que pergunta tonta. Claro que sim!

Quase conseguia ouvir a sua risadinha.

E o que aconteceria comigo quando eu morresse, perguntei-lhe. Novamente ele disse:

— Não sejas tonta. Estaríamos juntos como na terra.

Ele sabia que o sol brilhava onde estávamos e disse que era uma pena estarmos ambos dentro de casa. Onde ele estava não havia dia nem noite — apenas "uma luz difusa".

O Peter perguntou-lhe se as várias religiões importavam, por exemplo, Budista e Cristã, ao que o Bob respondeu:

— De todo. Se alguém for fiel aos preceitos da sua religião, está a crescer para cima. É o padrão da vida que o bem deve vencer o mal e para esse fim todas as religiões se voltam. É tão difícil tentar fazer as pessoas na terra perceberem isto e não adianta tentar explicar.

Questionado se havia mal no seu plano e, se sim, como o combatia, o Bob respondeu:

— Sim. É muito forte e é superado pela oração e pelo pensamento.

— Como é que o reconheces? — perguntou o Peter.

— Pela sua própria natureza. O homem continua a ser mau, mesmo quando morre, e o mal ainda se lhe agarra até que ele consiga avançar para cima.

O Peter perguntou se poderia ser dada ajuda e o Bob respondeu que a ajuda era dada por meio de professores.

— Queres dizer como Cristo? — insistiu o Peter.

— Sim, quero — respondeu o Bob. — Só que Cristo estava acima deste nível e tentou ajudar toda a humanidade.

O Bob disse também que recebiam visitantes de planos superiores cujo trabalho era tentar elevar aqueles que precisavam de ajuda, trazendo a mensagem de boa vontade para com todos os homens. O Peter perguntou ao Bob se ele estava protegido do mal.

— Com certeza — respondeu o Bob. — Sabes que eu acredito em Deus e Ele pode conceder proteção a todos. Não foi necessário para mim passar por todas as etapas inferiores de treino. Muito depende do teu próprio estado de espírito quando passas para cá. O homem que tem o bem do seu próximo no coração está muito mais apto para o progresso do que o tipo egoísta.

Para encerrar a conversa, o Peter colocou então algumas questões científicas que eu não consegui acompanhar, mas ele achou que as respostas foram muito significativas.

Enquanto pousei a caneta na mesa, perguntei ao Peter o que achava da entrevista e ele disse estar convencido de que era o Bob a "falar" através de mim, pois estivera a observar-me atentamente o tempo todo e eu não poderia ter pensado nas respostas tão rapidamente.

4

Ajuda Prática

Em todo o tipo de aspetos práticos do dia-a-dia, o Bob fazia-me sentir que eu não estava sozinha, que ele estava sempre comigo para me ajudar e guiar.

Era ele quem sempre gerira os nossos assuntos financeiros e outros, aplicando a sua mente precisa a todos os pormenores. Agora eu tinha de tomar as minhas próprias decisões, muitas vezes sobre assuntos de que nunca me tinha ocupado na vida. No entanto, era surpreendente que, em momentos de perplexidade, parecia sempre encontrar a resposta certa, como que inspirada.

Os amigos ficavam maravilhados com a minha capacidade de lidar com o património, sabendo quão pouco prática eu era.

Recusei-me a deixar a casa — o lar que tínhamos construído tão amorosamente juntos — embora nas nossas "conversas" o Bob me tivesse assegurado repetidamente que, se eu quisesse mudar-me, ele estaria comigo até ao fim da vida. Mas, para mim, era sempre o meu lar — o nosso lar — e parecia dar-me as boas-vindas sempre que eu tinha estado fora.

Alguns dos seus conselhos diziam respeito a coisas triviais — outros, claro, a coisas importantes. Mas agora eu já estava bastante habituada a recorrer a ele para obter ajuda.

Havia ainda momentos de angústia, porém, de uma depressão tão profunda que eu ansiava pela sua presença física, por poder vê-lo, tocar-lhe. Contudo, nesses momentos, era sustentada pela evidência da sua orientação, mesmo nos problemas mais pequenos que ele próprio teria resolvido facilmente.

Um desses problemas dizia respeito ao pagamento de £5 por parte de uma mulher que batera no meu carro quando este estava estacionado, danificando o para-choques. Ela admitira que a culpa fora dela e prometera pagar a reparação — mas o marido continuava a dar desculpas para não o fazer. O que devia eu fazer? Seria absurdo levar o assunto a tribunal.

Subitamente, o pensamento surgiu-me na mente: — Pede ao Harry para lá ir receber.

Nesse mesmo momento o Harry — um ajudante do Bob e meu, e um bom e fiel amigo — apareceu e contei-lhe o meu problema.

— Dá-me o nome e a morada deles — disse ele, a sorrir. — Volto em dez minutos.

E voltou — com o cheque!

Depois houve o incidente do relógio de sala (*Grandfather clock*). Todos os sábados de manhã havia a cerimónia de dar corda aos relógios! Nunca me tinha sido permitido tocar-lhes enquanto ele era vivo. Agora, tudo o que eu podia fazer era dar-lhes corda e esperar pelo melhor.

O relógio de sala tinha parado, com o ponteiro das horas, em ferro forjado de execução requintada, a bloquear o buraco da chave e a apontar para as 8, e o ponteiro dos minutos para as 12. Tive medo que, se movesse o ponteiro das horas, pudesse desregular o mecanismo das badaladas. O que poderia eu fazer?

"Põe o pêndulo em movimento", surgiu repetidamente na minha mente.

Como poderia eu fazê-lo se o relógio tinha parado?

Voltei-lhe as costas, mas as palavras persistiam. Então abri a porta do relógio e balancei o pêndulo. Imediatamente o relógio deu as oito badaladas, por isso pude então mover o ponteiro sem desregular os sinos e chegar ao buraco da chave!

Depois houve o incidente do relógio de cozinha e os decoradores. Este é um relógio americano alto (dos primeiros fabricados em série) que fica na prateleira alta da lareira na cozinha. Para chegar até ele tenho de subir os degraus da cozinha. Tem uma chave em ângulo reto com cerca de 1,5 polegadas de comprimento.

Preparando-me para os decoradores, subi e desci o relógio para a mesa, pousando a chave ao seu lado.

Quando eles se estavam a ir embora nessa tarde, vi que tinham voltado a colocar o relógio na prateleira da lareira, por isso subi os degraus para encontrar a chave para lhe dar corda. Não estava lá.

Perguntei aos pintores onde a tinham posto. Eles pareceram surpreendidos. — Nunca a vimos. — E dirigiram-se para a porta das traseiras.

— Mas preciso dela para pôr o relógio a funcionar. Deixei-a na mesa — insisti.

Com pressa de se irem embora, revistaram a cozinha, declarando ainda que nunca a tinham visto, mas sem resultado.

— Devem tê-la movido — exclamei, olhando para o topo do relógio que quase chegava ao teto, impossível de eu alcançar.

De repente, gritei: — Procurem em cima do relógio! — O pensamento tinha-me surgido subitamente. Mal reconheci a minha voz.

Eles olharam um para o outro como se eu estivesse louca. — Em cima! — Ambos pareceram incrédulos e moveram-se novamente para a porta. — Procurem em cima! — repeti por duas vezes.

Como quem faz a vontade a uma criança mimada, o mais alto dos dois, ainda a sorrir para o companheiro, subiu os degraus e tateou o topo do relógio. A sua expressão mudou ao estender-me a chave. — O que é que a fez dizer aquilo? — perguntou ele em voz baixa. — Certamente não me lembro de a ter posto ali.

Sorri. — Acho que foi o meu marido que me disse.

Provavelmente pensaram que eu estava doida!

Parecia estar a ter problemas com todos os relógios. Tudo ao mesmo tempo, algo correu mal com o relógio francês, com o carrilhão de Westminster e com o relógio de sala. Mandeï vir um relojoeiro — que nunca tinha conhecido o meu marido.

Quando ele pôs tudo em ordem, veio à cozinha para receber o pagamento. Sorri para mim. Depois disse algo espantoso: — Tenho a sensação de que o seu marido esteve de pé ao meu lado o tempo todo em que estive a mexer nos relógios dele. Especialmente com o relógio de sala. Encontrei uma nota colada no interior: "Lubrificado em Nov. 1967". Senti que ele me estava a dizer que era tudo o que o velho precisava — apenas uma gota de óleo.

Disse-lhe que eu, também, estava muitas vezes consciente da presença do meu marido. Houve então uma surpresa adicional. Ele disse que também era vidente!

Nunca ninguém tinha tido permissão para tocar no arquivo do Bob. Mesmo quando ele estava no hospital e eu me oferecera para arquivar a enorme pilha de cartas que se tinha acumulado para ele, ele disse: — Por favor, não o faças. Eu tratarei delas quando chegar a casa.

Por isso, quando um dia de junho tive de encontrar alguns documentos essenciais do Imposto sobre o Rendimento, procurei onde esperaria que

estivessem — arquivados em "Imposto sobre o Rendimento". Mas não estavam lá.

Sem percorrer o arquivo inteiro, não fazia ideia de onde procurar. Era um assunto urgente e eu estava completamente frustrada. Forcei o cérebro para imaginar onde poderiam estar os papéis.

Depois, não sei porquê, estendi a mão para uma pasta com o rótulo "Sociedades de Construção" — e ali estavam os documentos que eu procurava. Coincidência?

No setembro seguinte, aconteceu outra coisa estranha. Desta vez, os meus contabilistas tinham pedido documentos que registassem o que o Bob gastara na restauração da casa — há mais de quinze anos. Precisavam deles para fazer uma reclamação fiscal.

Era um desafio. O Bob saberia imediatamente onde estavam. Mas onde poderia *eu* procurar?

Passei uma manhã inteira a percorrer todas as pastas possíveis: reparações, casa... Derrotada — eu não conseguia realmente percorrer todos os ficheiros individualmente — estava prestes a fechar a porta do escritório na minha frustração quando a mensagem saltou-me à mente: "Procura na minha pasta 'Imposto sobre o Rendimento Morto'".

Parecia absurdo. Eu tencionava deitar fora aquela pasta há meses, sentindo que devia estar agora obsoleta. No entanto, algo sempre me impedira.

Dizendo para mim mesma como era ridículo e inútil esperar encontrar papéis que tratavam dos assuntos do Bob de há 15 anos (e porquê numa pasta de Imposto sobre o Rendimento?), não obstante, encontrei a pasta e abri-a.

E ali, entre cópias de declarações de Imposto sobre o Rendimento de 1956, estava a cópia a papel químico de uma carta de 3 páginas que o Bob tinha escrito aos contabilistas, dando detalhes de todas as despesas incorridas durante a restauração da casa e anexando as faturas com recibo.

Eu nunca poderia ter encontrado esses papéis por acaso.

Ocorreram tantos outros incidentes aparentemente tolos e pequenos: a vez em que perdi umas fotos de flores e uma "Voz" disse: "Procura debaixo da tua mala no aparador da cozinha", onde de facto procurei — e as encontrei escondidas.

Depois o dia na minha casa de campo em Deal, quando procurava uma lata de pomada de zinco no armário dos medicamentos. Não havia sinal dela. "Procura no armário das vassouras", veio-me claramente à mente.

Procurei então debaixo das escadas, tateando no escuro, e ali estava ela, embora quando e por que razão a pus ali não faça ideia!

E agora, todos estes anos após a morte do Bob, ao reunir estas páginas, desejei ter um agrafador. Não sabia que o Bob alguma vez tivesse tido um. No entanto, por impulso, fui ao escritório dele, caminhei até à sua secretária, estendi a mão — e encontrei um!

5

A busca de provas

Apesar de todas as "evidências", as dúvidas ainda persistiam na minha mente. Num momento estava nas nuvens, no seguinte mergulhada em profundezas de depressão. Perguntando-me... Perguntando-me se estaria tudo na minha mente, na minha imaginação.

Estava claro que chegara o momento de procurar conselho e orientação científica e profissional sobre as minhas "conversas" com o Bob.

Foi num dia de desânimo que me sentei ao telefone sentindo que tinha de entrar em contacto com alguém interessado no oculto, que fosse talvez compreensivo.

Primeiro liguei para o *College of Psychic Studies* e falei com alguém que foi amável e prestável, enquanto eu resumia brevemente a minha história, explicando que pensava estar em comunicação com o meu marido, mas que era pelo pensamento e, certamente, não por "escrita automática".

Para meu alívio, ela não mostrou surpresa. Salientou que devia ser "escrita inspirada" — obviamente algo de que já se ouvira falar.

Assim encorajada, liguei para a *Society for Psychical Research* e para a *Churches Fellowship for Psychical and Spiritual Studies*. Fiz todas estas chamadas por impulso na mesma manhã, e todas deram a mesma resposta, algo vaga.

Comprei então um livrete dessa excelente médium, Ursula Roberts, *Hints on Mediumistic Development* (Sugestões sobre o Desenvolvimento Mediúnico). Folheando-o, deparei-me com um capítulo onde a Sra. Roberts enfatiza a diferença entre escrita automática e escrita inspirada. Foi a primeira vez que vi qualquer menção impressa à escrita inspirada, que ela dizia ser o centro de atividade na mente do médium.

"...cada palavra ou frase é conhecida na mente antes de ser transmitida através da mão", escreveu ela. "A ligação entre a mão, o cérebro e o operador

espiritual torna-se muitas vezes tão perfeita que o médium acha difícil descrever de onde a comunicação teve origem."

Os estranhos eventos que vinham a acontecer desde a morte do Bob pareciam agora estar a formar um padrão e eu desejava desesperadamente uma prova de uma terceira parte, se possível um médium.

O Bob estava deitado, muito doente, no Hospital St. Olave na última vez que me sentara com um médium antes da sua morte. Tinha sido o aniversário da minha mãe, 22 de fevereiro de 1971. Eu tinha marcado a consulta dois meses antes com (a falecida) Nora Blackwood, numa altura em que o Bob parecia estar a recuperar.

As suas primeiras palavras sobressaltaram-me. — Um homem veio ter consigo em espírito. É o seu marido. — Não! O meu marido não! — disse eu, abalada, sabendo demasiado bem quão desesperadamente doente ele estava. — Então é o seu pai que está tão perto de si nesta altura — continuou ela —, pois o seu marido está gravemente doente.

Depois, para meu intenso espanto, ela fez uma descrição precisa da condição médica dele.

— Ele tem o coração danificado. A circulação é lenta. Ele não tem energia e não está a colaborar. Coágulos. Há coágulos na aorta. Os seus espíritos protetores poderiam ajudá-lo quando dorme — mas ele é tão determinado que é difícil ajudá-lo. O sangue está a fluir agora, mas as artérias estão a engrossar.

Depois: — Ele deve abrandar e adotar uma vida sensata.

Disse-me que a minha mãe estava lá e dizia que o Bob era demasiado impaciente para descansar.

— O seu marido é um cientista — disse a médium —, trabalhando sempre sob grande pressão. Ele é um bom homem — mas nem todos conseguem dar-se com ele ou compreendê-lo.

Isto era verdade. Ela disse então que ele tinha cerca de 60 anos e teria de tomar comprimidos para o resto da vida.

— Estão a falar de um bungalow — disse ela (o que também era verdade) —, mas ele deve ter cuidado. — Ela frisou isto repetidamente. — O espírito dele está pronto, mas a carne é fraca. É um comportamento tão tolo da parte dele — no futuro não deve haver pesos, nem escadas.

Perguntei se ele voltaria a casa. — Se tiver cuidado — mas levará todo um mês. É como exigir demasiado de um carro velho. O seu marido deveria reconhecer isto e ir devagar.

Na verdade, foi precisamente ao fim de um mês que, estando muito melhor, ele deveria regressar a casa. Mas ele excedeu-se e morreu durante o sono.

Fui direta ao hospital após a sessão e encontrei o Bob ansioso por saber se tinha sido boa. Mantendo a conversa num plano tão leve quanto pude, disse: — Foi extraordinário — ela poderia ser médica! Fez um diagnóstico perfeito da tua condição.

Contei-lhe então como ela insistira que ele devia ir devagar e ser mais cooperante. Mais tarde, no diário dele, encontrei uma entrada para esse dia registando que eu tinha ido visitá-lo, "após sessão de primeira classe com espiritualista sobre mim". Ele ficou obviamente muito impressionado e interessado.

Foi a 14 de maio desse mesmo ano, cerca de seis semanas após a morte do Bob, que tive a minha sessão seguinte com um médium. Durante aqueles primeiros dias das nossas conversas inspiradas, perguntei ao Bob se ele estaria lá se eu fosse a um médium. Ele respondeu: "Sim. Irei acompanhado pelo meu Mestre." (Isto foi antes de ele ter conseguido as suas "conversas" por conta própria).

Após não conseguir marcar consulta com três dos médiuns com quem me sentara anteriormente, consegui finalmente agendar uma sessão com a Sra. Ray Welch. Senti-me completamente exausta e destroçada ao entrar na Associação Espiritualista.

A Sra. Welch veio em minha direção ao entrar eu na sala, dizendo que eu trazia um homem comigo.

— Que poder! Que amor! Que personalidade forte — como um urso a abraçá-la. O seu marido partiu há muito pouco tempo. Ele ficou triste por deixá-la tão subitamente, mas encantado com a forma como está a lidar com a situação.

Depois ela disse: — Ele não quer ser apenas um comunicador — mas um *bom* comunicador. Ele está a estudar nos Salões de Aprendizagem.

A expressão era tão típica do Bob. Lembrei-me do comentário dele sobre eu aprender não apenas a ser uma condutora, mas uma *boa* condutora.

A certa altura, a Sra. Welch pareceu intrigada. — Vejo uma ponte — disse ela — entre dois lagos. Uma ponte! Uma ligação! Existe comunicação entre vocês.

Ela ainda parecia confusa, mas eu compreendi imediatamente, pois ela não poderia saber que, antes da sessão, eu tinha pedido ao Bob para me dizer, através de uma terceira pessoa, que estávamos a comunicar de alguma forma.

A Sra. Welch continuou: — Tem uma casa e um jardim lindos. Ele interessa-se pelo jardim. — Muitos médiuns disseram-me isto. — E caminha lá muitas vezes — continuou ela. — Não havia uma grande paixão entre vocês, apenas uma boa companhia com respeito mútuo. Eram parceiros. Ele tinha estado a trabalhar em Londres e depois reformou-se parcialmente.

Ela até mencionou que ele fora Diretor de um Conselho, mas que um acordo de pensão não tinha sido liquidado na altura da sua morte. (Isto era tudo tão completamente exato).

— Ele partiu com problemas cardíacos — prosseguiu. — Foi melhor assim, caso contrário teria sido um aleijado para o resto da vida e não teria suportado. A senhora teria sido uma velha antes do tempo. Desfez-se de todas as roupas dele, exceto de um roupão que está pendurado na porta da casa de banho dele. Tem apenas uma fotografia decente dele, mas muitas fotos instantâneas. — Ela era assustadoramente precisa.

Rindo-se, a Sra. Welch disse que ele estava a estender, de todas as coisas, um batedor de tapetes de cana do tipo antigo, e a brincar com isso. Reconheci-o imediatamente como um que ele tinha comprado não muito tempo antes numa loja de velharias — o que me tinha irritado na altura!

Mencionou a perna direita do Bob e disse que sentia uma grande dor ali. Disse-lhe que ela tinha sido amputada acima do joelho. Disse então algo extraordinário.

— Vejo o seu marido muito claramente, um homem jovial, e o meu guia diz-me que já o conheci em carne e osso — mas não o reconheço.

(De facto, o Bob e eu tínhamos estado sentados juntos com a Sra. Welch quando ela era a Srta. Tasker. Quando lhe contei, ela riu e disse: "Isso foi há mais de dez anos, no entanto o meu guia insistiu que eu já o tinha conhecido antes").

Foi uma experiência inesquecível. Cada incidente que a Sra. Welch descreveu era verdade. Senti a presença do Bob exatamente como se eu estivesse elevada fora do meu corpo, como se tivesse realmente comunicado com o Bob antigo e alegre, que eu tanto amava.

— O poder do seu marido é tão forte — disse ela quando finalmente apertámos as mãos. — Se eu tivesse tempo, poderia continuar a falar durante horas.

Algum tempo antes de a minha "escrita" começar, eu tinha-me sentido tão doentiamente mal e miserável que tinha marcado uma sessão de cura no terceiro andar do edifício da Associação Espiritualista. Mas esta sessão tinha sido tão espantosa, tão reconfortante, que cancelei a sessão de cura e saí do edifício sentindo-me animada e cheia de uma crença renovada de que o Bob estava realmente comigo.

A 1 de dezembro de 1971, 8 meses após a morte do Bob, sentei-me com Kathleen St. George. Desta vez, a minha mãe e o meu pai apareceram primeiro e falaram dos Natais felizes que tínhamos passado juntos. Depois o Bob juntou-se a eles. A médium disse:

— Ele partiu há apenas alguns meses. Tem uma personalidade tão forte... Tinha sempre um lenço impecavelmente dobrado no bolso de cima. — Tinha de ser mudado todos os dias!

Tal como outros médiuns tinham enfatizado, ela disse como ele ficou abalado com a sua partida súbita. Depois mencionou a ascendência de Sussex do meu pai, como a minha mãe era encantadora, mas com uma personalidade forte e sensata, que eu tinha apenas uma foto do meu marido, pequenas coisas em si mesmas. Depois:

— Um laço tão forte de afeto e compreensão vos une!

Foi fantástico ouvi-la dar pormenores da nossa casa que, segundo ela, o Bob lhe estava a contar — pormenores pessoais e íntimos. Descreveu o jardim, a estufa, árvores, pássaros, o comedouro de pássaros do Bob. Mas o mais notável foi a sua referência à planta oleandro — bastante invulgar — que o Bob tinha comprado numa venda no ano anterior.

Depois a médium falou da localização pacífica da casa: — Há uma mesa antiga no hall, que pertenceu à sua mãe. Há duas luzes acesas na sala de estar. E tem uma lareira de carvão real. — De todas as coisas, mencionou até pranchas que podiam ser colocadas no lugar, no depósito de carvão, para segurar o carvão, e armários na sala de estar ao nível dos olhos.

Portanto, chamem-lhe coincidência, telepatia, o que quiserem, mas o que todos os médiuns diziam apenas confirmava o que o Bob me dizia constantemente nas suas "conversas" — que ele era capaz de descrever através de terceiros, que nunca o tinham conhecido, todos os detalhes do nosso lar, da nossa vida em comum e da sua personalidade.

Contudo, eu ainda não estava satisfeita. Pelas notas que tomei na altura, em estados de profunda depressão, vejo que ainda estava à procura de provas.

Quando o Ano Velho deu lugar ao Novo e eu caí noutro "pântano de desânimo", o Bob sugeriu subitamente que eu procurasse outra sessão com um médium.

Dois meses antes, quando eu estava na Associação Espiritualista, um jovem de aspeto marcante passou por mim no átrio. Reparei nos seus olhos de um azul surpreendente. Fiquei tão impressionada que perguntei se ele era médium. Ele disse que sim e deu o seu nome como David Young.

Chamei-o: — Um dia gostaria de me sentar consigo!

Foi a 12 de janeiro de 1972 que liguei para a Associação e pedi uma sessão com David Young. Esperava conseguir uma marcação imediata, mas o mais cedo que ele me podia ver era uma semana depois, a 19 de janeiro.

Tendo em conta os acontecimentos extraordinários que se seguiram a esta sessão, devo registar aqui a "conversa" que tive com o Bob nessa tarde. Disse-lhe como tinha esperado ver David Young no dia seguinte, mas que a terça-feira seguinte era o melhor que ele conseguia.

"Sim. Prefiro que te sentes com alguém da nossa escolha", respondeu o Bob. "Posso concentrar-me em passar através dele — uma ideia muito boa tua e minha. Ocorreu-me subitamente que precisavas de provas novamente depois de estares tanto tempo sozinha. Precisas de tranquilidade e ele pode dar-ta."

Então, pela primeira vez, pus em palavras o pensamento que há tanto tempo me passava pela cabeça.

"Vais tentar fazer com que ele diga que comunicamos? Deixa que uma terceira pessoa, que não nos conheça, diga que estamos a comunicar e eu aceitarei isso como prova, e acreditarei realmente!"

Nas minhas notas rascunhadas à pressa na altura, e sem sequer confiar na minha memória, tenho as palavras: «Sim. Farei o meu melhor para passar a mensagem. Lamento que não seja amanhã, mas, pensando bem, é demais para ti — ficarias exausta. Muito melhor ires calmamente na terça-feira — e eu farei uma demonstração.»

E que sessão incrível foi aquela!

— Eu falo muito depressa se conseguir passar — explicou David Young enquanto nos sentávamos. — Não posso prometer nada. Se eu não conseguir ligação, é inútil insistir — como aconteceu com a minha última cliente das 4 horas. Levei-a à receção para lhe devolverem o dinheiro.

Mesmo quando ele entrou na sala, soube de alguma forma que íamos ter sucesso. Senti-me atraída por ele, e uma grande sensação de poder apoderou-se de mim.

Ele começou de forma simples: — Vou tentar. Não acredito em "encher" as mensagens. Se conseguir passar, dá-las-ei tal como vierem. Se não conseguir, é inútil continuar.

Ele pegou nas minhas mãos e depois largou-as. Senti o seu poder magnético.

— O seu marido está aqui — disse ele. — Ele partiu muito depressa. Como um relâmpago. Ele deveria ter tido um diploma ou prémio. É um cientista.

Ele falava tão depressa e com tanta força que eu mal conseguia tirar notas. Fui levada por uma onda do amor e da proximidade do Bob.

— Ele diz que este é um esforço especial que fez para se provar. Ele tinha uma mente científica e diz que a senhora está ligada a ele na escrita. Compreende?

Fiquei encantada. Quase gritei de alegria. David Young não fazia ideia de que este era precisamente o pacto que o Bob e eu tínhamos feito entre nós antes da sessão.

Mesmo enquanto estive sentada na sala de espera pela chegada do David, continuei a dizer mentalmente: «Por favor, lembra-te da nossa promessa, Bob. Diz-me através de uma terceira pessoa que estamos a comunicar, e nunca mais voltarei a duvidar.»

Aqui estava, seguramente, a prova que eu procurava há um ano.

David Young continuou: — Detalhe preciso, grande honestidade. Ele foi-se tão depressa que nunca terminou o seu trabalho, o que o irritou muito. Muito empenhado. Viajou muito para o estrangeiro. Deveria ter sido professor.

Eu disse: — Sim. Ele era dedicado ao seu trabalho e teria continuado a estudar não fosse o nosso casamento.

— Sem filhos — continuou ele —, mas não foram necessários para si. Diz que a senhora costumava mandar nele, mas essa era a piada pesada dele. Nem toda a gente conseguia viver com ele. Simpático e prestável para todos. Teve um pai à moda antiga e foi educado segundo princípios à moda antiga. Amava-a profundamente, mas nunca o conseguiu expressar; agora gostaria de o ter sido capaz de fazer.

David mencionou então pelo nome dois cientistas que o Bob conhecia e até o nome do falecido Presidente da empresa do Bob.

Prosseguiu: — Laboratórios, físicos; juntos formavam uma equipa. Sem tempo para burocracias. Falava contra a injustiça. Era apreciado por muitos, mas também fez inimigos. Estava ansioso por provar a continuidade. Foi cremado, como desejava. Não queria o derramamento de lágrimas de crocodilo sobre a sua sepultura.

Estas foram as palavras que o Bob tinha efetivamente usado comigo há vários anos, quando falávamos de «funeral vs. cremação».

Novamente, David enfatizou aquele grande amor por mim. O Bob estava agora a agir como meu guardião e sempre o faria. Disse que nos conhecemos tarde na vida. Que ele era simples, sensato, prático e pouco demonstrativo, e desejava que eu consiga divertir-me mais.

— Como posso eu, agora que ele se foi? — perguntei.

A resposta veio rápida como um relâmpago: — Mas eu não me fui. Estou sempre contigo.

— Mas — disse eu — como podes estar sempre comigo quando estás tão ocupado e interessado no trabalho científico?

O Bob respondeu: — É tão simples, mas tu não consegues compreender. É uma questão de quarta dimensão.

Disse ao David que eu tinha colocado isto como uma pergunta de teste porque, quando perguntava isto em casa, o Bob dava-me sempre esta mesma resposta.

Nesta fase, David segurou uma moeda de um xelim e, rindo, perguntou: — O nome dele é Bob?

Quando assenti, ele sorriu e disse: — É exatamente o que ele está a dizer! (Para quem possa ter esquecido, ou crescido com a decimalização, «bob» era a gíria para o antigo xelim).

Tudo isto era uma descrição perfeita do carácter do Bob — um amigo de longa data não o poderia ter descrito com mais precisão. No entanto, eu nunca tinha visto David Young antes, exceto por aquele breve encontro no átrio da Associação Espiritualista, e ele certamente nunca ouvira falar do Bob.

Ficando mais próximos

Por esta altura, um ano após a morte do Bob, eu já me tinha habituado a receber mensagens dele através das nossas conversas e de médiuns. Aceitava-o como uma força viva e vital, vigiando-me, guiando as minhas decisões — até conduzindo comigo no meu pequeno carro.

Num cruzamento difícil, eu dizia: «Bob, assume tu. Eu não consigo lidar com isto», e mãos invisíveis pareciam relaxar a tensão nas minhas, enquanto uma voz de aviso costumava sussurrar: «Estás a conduzir depressa demais!». Eu abrandava imediatamente.

Comecei a ler todos os livros de temática oculta que conseguia encontrar e aprendi que não estava sozinha no meu estranho novo mundo. Outros — muito mais dotados do que eu — tinham tido vislumbres da vida eterna, tinham descoberto que, onde havia amor, os «mortos» (eu odiava a palavra) voltavam realmente quando eram urgentemente necessários.

Devorei todos os livros de Geraldine Cummins. Adorei o seu *Cisne num Mar Negro*, e aquele ternamente escrito *Swan in the Evening*, de Rosamund Lehmann. Estava a explorar um novo território, uma nova dimensão.

Uma noite, depois de ler *Beyond the Horizon* de Grace Rosher, mesmo antes de adormecer, perguntei novamente ao Bob se ele tentaria entrar em contacto através de escrita automática, pois eu adoraria tanto ver a caligrafia dele outra vez.

A resposta dele veio de forma ríspida: «Minha querida, não! Já te disse antes que não consigo fazer escrita automática e já temos o nosso excelente método de comunicação. Estás a pedir demais. Não percebes que algumas pessoas têm um dom e outras têm outro? Lembra-te de São Paulo aos Coríntios! Alguns são pintores, outros investigadores. Tu és jornalista. Eu sou cientista. Não se pode ser excelente em meia dúzia de coisas ao mesmo tempo! Aperfeiçoámos esta forma de comunicar, rápida e clara, e podemos comunicar a qualquer momento. Agora, querida, pela última vez, dorme! Não te responderei mais esta noite.»

Tal como quando ele estava na terra e eu lhe perguntava algo enquanto ele apagava a luz de leitura, agora quase o sentia a virar a cabeça e depois o silêncio — e apenas a proximidade da sua querida presença.

Apaguei a luz. Eram três da manhã e, olhando pela vidraça, pela primeira vez num ano, notei a cintura cintilante de Oriente a passar no seu caminho.

Antes do Natal, o Bob andara a mencionar que eu deveria comprar um gravador. Eu não queria fazê-lo — não fazia ideia de como o operar. Ele insistia que eu deveria escrever um livro, e um gravador seria muito útil. Assim eu poderia falar com ele e dizer as respostas dele em voz alta — e isso pouparia a tarefa minuciosa de escrever todas as nossas conversas.

Era bem verdade que, à medida que as conversas com o Bob se tornavam mais rápidas, eu ficava tantas vezes entusiasmada que desistia de manter registos escritos; limitava-me a segurar o lápis e deixava-o rabiscar enquanto conversávamos. Este método seria muito mais satisfatório do que ter de desligar a minha mente, por assim dizer, enquanto escrevia a mensagem.

Mas um gravador? Não, dizia o meu lado prático. São caros e, com a minha «mente pouco mecânica», tinha a certeza de que nunca o conseguiria pôr a funcionar!

Contudo, o Bob incentivava-me. Assim, durante a semana de Natal, enquanto estava em Bournemouth, andei pelas grandes lojas a ver preços. O exercício desanimou-me! Tinha a certeza de que nunca seria capaz de usar um, pareciam tão complicados.

Mas a ajuda estava a caminho. Quando regressei a casa, um jovem amigo que sabia tudo sobre estas máquinas disse que escolheria uma para mim, a mais simples e barata, e me ensinaria a trabalhar com ela.

Portanto, o plano do Bob parecia estar a resultar, como sempre. Sempre que eu precisava de ajuda ou encorajamento, havia sempre alguém por perto para me aconselhar. Eu viria a provar isto à medida que o esquema do Bob se desenrolava.

Comprei o meu gravador pouco depois daquela primeira sessão com David Young em janeiro. Achei a sua utilização muito mais simples do que tentar escrever as minhas notas. O Bob também se tornou mais fluente, não tendo de parar de vez em quando enquanto eu me atrasava na escrita.

A minha primeira fita é de grande interesse devido às perguntas que fiz.

— Fala comigo agora, Bob — disse eu. — Fala-me de ti.

Após uma primeira conversa privada, ele disse: — Vou frequentar um curso novamente, mas isso não te afetará. Estarás a dormir. Vou estudar a arte das comunicações outra vez porque acho que é muito importante. Também vou fazer algo de eletrónica, e isso interessar-me-á muito.

Perguntei-lhe se eles guiavam os pensamentos terrenos de outros cientistas, e ele respondeu: — Claro que sim. Esse é o nosso trabalho — ajudá-los a desenvolver as suas próprias faculdades. Quem me dera que fosses mais técnica! Então eu poderia explicar-te. Mas seria inútil — não entenderias uma palavra do que eu estivesse a dizer.

Perguntei-lhe onde estava naquele momento e ele disse-me que estava sentado ao meu lado e que estava contente por, para variar, eu estar a descansar sossegada.

— Há tanto que eu queria perguntar-te — disse eu — mas isto é como ver-te outra vez e nem consigo pensar! Como é no teu plano? Estás acima de nós, ou ao nosso redor, ou estás connosco?

— Estamos convosco. Estou tão perto de ti como a respiração. Estou sempre perto de ti, minha querida, e tu devias realmente ser capaz de o sentir! Devias ter o apoio moral da minha força e conforto, pois é isto que eu te posso dar.

Pedi-lhe que me dissesse novamente se a sua partida fora um choque para ele.

— Sim. Foi uma grande surpresa. Ao princípio não percebi que tinha passado para o outro lado até ver a tua mãe e o teu pai, e a minha mãe e o meu pai, e perceber que algo estava estranho.

— Eles disseram-te que estavas morto?

— Sim. Disseram que me tinha "juntado a eles".

Perguntei qual foi a sua reação imediata.

— Entrar em contacto contigo. Senti que tinha de entrar em contacto e tentar voltar para o meu antigo corpo.

— Conseguiu ver o teu corpo deitado na cama do hospital?

— Sim! E pareceu-me muito estranho. Mas senti que, se conseguisse chegar lá, poderia contactar-te. Mas quando vi que era impossível, informei-me sobre como poderia comunicar contigo — foi muito difícil, como já te disse antes, por causa da tua própria dor. Era como um véu espesso.

— Conseguias ver-me?

— Sim. Conseguia ver-te e ao que estavas a fazer — e isso deixava-me triste porque eu queria dizer-te que estava vivo e bem, e queria entrar em contacto. Mas na altura era perfeitamente impossível, por isso procurei o conselho do meu Mestre.

— Como entraste em contacto com ele?

— Ele estava à minha espera para me receber e disse-me que tentaria tornar a comunicação possível. Mas levaria algum tempo devido à tua própria condição terrena. Por isso tive de esperar, embora tenha tentado ir ter contigo durante o teu sono.

Senti que isto devia ser verdade — eu tivera sonhos tão maravilhosos em que estivera nos braços do Bob. Perguntei-lhe se ele tinha visto a minha dor durante todo esse tempo.

— Sim. Esta é uma das coisas mais desagradáveis sobre esta chamada morte — ver aqueles que amamos num estado terrível de ansiedade e depressão. E por isso tentei tudo o que pude para me fazer sentir e para te dizer que não estava morto, mas que continuava contigo. Parecia impossível — até que a tua prima, Gwen, veio e me viu e falou comigo — e disse que tu comunicarias. Foi ela que primeiro te pôs essa ideia na cabeça.

— Todos poderiam comunicar desta forma se quisessem?

— Não. Por exemplo, o teu próprio pai e mãe não conseguiam — mas foi a tua mãe que te dirigiu à Associação Espiritualista, pois sabia que poderia comunicar dessa forma.

— Eles estão comigo tanto quanto tu estás? — perguntei.

— Não tanto. Foi um pouco como o nosso casamento. Quando eras solteira estavas com eles e precisavas do apoio deles. Agora que estamos casados, precisas do meu apoio; por isso, tens-lho e eu estou contigo o tempo todo.

Pedi-lhe que me contasse mais.

— Como já disse, tu e eu ainda estamos no nosso estado de casados. O teu pai e a tua mãe estão muitas vezes contigo, mas eu estou *sempre* contigo — tal como estávamos na terra.

Perguntei-lhe se ele estaria comigo até ao fim dos meus dias, e ele respondeu que claro que sim — era o seu dever.

— Mas mesmo assim estou a atrasar-te, Bob!

— Não estás. Posso continuar com o meu próprio trabalho e, ao mesmo tempo, estar contigo. Já te disse isto antes. Posso estar em dois lugares ao mesmo tempo e tu nunca estás fora da minha vista. Faça o que fizeres, vás para onde fores, eu estou contigo.

Depois ele disse: — Tu costumavas dizer: "Não posso ir ali porque me lembra o Bob". Como aquela tua fita com a estação de London Bridge. Eu não estou em London Bridge, nem na Nuffield House. Estou contigo. Se fores para Deal, eu estou lá. Onde quer que fores, eu estarei lá também.

— Queres dizer que é como estar possuída por um espírito?

— Se quiseses. Mas é ser possuída por um bom espírito.

— Sinto — disse eu — como se estivesse apenas a falar contigo como se estivesses na cadeira ao meu lado. Foste à igreja esta manhã?

— Sim, gostei do serviço.

— E no entanto estavas aqui em casa! É isto que eu não consigo compreender.

— Não, não consegues. E eu não consigo explicar. É a lei da natureza.

Foi uma conversa maravilhosa e satisfatória, comigo a frisar novamente como ele ainda estaria vivo se tivesse feito o que os médicos aconselharam, enquanto o Bob apontava outra vez que ele teria sido um aleijado confinado à casa. O plano de Deus era o correto, disse ele. Ele podia agora continuar a sua carreira no seu plano, e eu podia continuar com o meu jornalismo até nos voltarmos a encontrar.

7

Ainda mais próximos

Fiquei tão encantada com o meu novo «brinquedo» que quis imediatamente voltar a sentar-me com David Young, levando-o comigo, para gravar cada palavra que ele dissesse. Dez meses após a morte do Bob, a 22 de fevereiro de 1972, marquei uma segunda sessão. Esta data ficaria gravada na minha memória.

Assim que David Young entrou na sala, disse: — O seu marido está aqui com uma força tremenda. Valha-me Deus! O homem matou-se pela sua persistência.

— É verdade — respondi — ele estava a vir para casa do hospital, mas excedeu-se e partiu durante o sono. Você é espantoso! Agora, deixe-me montar o gravador.

Sentei-me à frente dele com o gravador entre nós.

Ele começou: — Tudo o que quero que diga é "sim" ou "não". Estamos a gravar. Se eu não obtiver nada, di-lo-ei. Mas como me estou a ligar aqui consigo de forma muito forte e definitiva, estou a ver e a ouvir o seu marido enquanto ele vem ter consigo. Sinto... muita vontade de pregar partidas, um grande sentido de humor o tempo todo. Ao vir ter comigo, ele dá o nome de Robert, mas a senhora trata-o por "Bob", e sinto que ele se está a ligar aqui. Um homem de ciência na terra. Um homem que fazia o que queria.

— Sem dúvida! — respondi.

— Ninguém conseguia meter uma palavra se ele não quisesse.

— Perfeitamente verdade.

— E ele está a dizer-me que está a cumprir uma promessa. Na terra ele era cético em relação ao espiritualismo, mas tinha uma mente aberta.

— Exatamente!

— Sinto que na terra ele chegou a contactar com o espiritualismo, mas não estava totalmente convencido. A sua mãe voltou para si numa sessão, o seu marido está a dizer-me. Recuando anos, a sua mãe partiu em espírito. A senhora veio por acaso a Londres e veio por acaso aqui. Está correto, por favor?

Disse que sim.

— Havia um homem aqui.

— Sentei-me com um homem.

— E era este o Bill Redmond?

— Sim.

— Ótimo! — Ele soltou uma risadinha. — O seu marido está a dizer que foi com o Bill Redmond que a senhora se sentou. Isto é bem antes do meu tempo aqui. — Ele interrompeu-se. — Está bem, Bob.

Depois dirigiu-se a mim novamente: — E a sua mãe veio e deu-lhe uma mensagem muito evidente. Tinha acabado de partir. A senhora foi para casa e contou ao seu marido. Sinto que ele está a dar isto como prova conclusiva de que está mais vivo do que nunca, porque — tenho de lhe fazer esta pergunta, Minha Senhora — poderia eu alguma vez saber o que o seu marido me acabou de dizer?

— Não!

David Young disse então que desejava ligar-me à cremação e eu expliquei que isso dizia respeito ao meu marido.

— Diga apenas "sim" ou "no" — disse o médium — mas sinto que o seu marido foi cremado. Sinto que ele era bastante engenheiro em muitos aspetos. Não digo um engenheiro, literalmente, mas um homem que mergulha em tudo. Sinto que ele era muito ligado à medicina.

— Com mentalidade médica — disse eu.

— No entanto, lidava com ciência.

— Sem dúvida.

— É como se eu estivesse num laboratório. Sinto... como se estivesse sempre a ver energia nuclear... contudo, não estou a trabalhar no átomo propriamente dito, mas estive ligado à química o tempo todo.

Confirmei isto. Ele falou então de ligações com a Irlanda e eu disse-lhe que tínhamos ido à Irlanda muitas vezes.

— E ele está a rir porque, embora o seu marido fosse inglês, tinha muita lábia (*blarney*) nele!

— Sim, ele gostava de pregar partidas às pessoas!

— O Bob está a dizer que agora sabe sem dúvida que está mais vivo do que nunca... Nunca teve sorte nas suas comunicações... saiu muito à mãe... Ele está a dizer que por baixo do seu exterior duro, era mole...

David Young começou então a falar do campo. — Sinto aqui uma casa considerável, no seu próprio terreno. A divisão favorita dele não era a sala de estar, mas uma salinha onde ele se sentava logo ao lado da sala... Ele está a dizer-me que era o seu "quarto desarrumado" e ele não gostava que a senhora arrumasse lá as coisas. Correto?

Disse que sim.

— Não estou a ver nenhuns filhos.

— É verdade.

— Não. No entanto, estou a falar dos rapazes. Provavelmente os amigos dele. Eram como rapazes para ele.

— Sim.

— Sinto aqui uma grande ligação com a Igreja de Inglaterra, mas *High Church*, não *Low Church*.

O Bob tinha sido corista durante muitos anos.

David Young riu-se. Disse que ele tinha uma tal sensação de alegria. Depois mencionou dois dos amigos do Bob, cujos nomes começavam por "B". Um, um cientista, o Dr. du Barry Barnett; o outro, um velho amigo e o seu mestre de coro, William Ballard. Ao princípio, o médium confundiu-se com as iniciais, mas acabou por as organizar.

— Sinto aqui uma grande ligação com comunicações científicas. O seu marido está a dizer que ainda continua a sua investigação científica... e há muito amor por si, sinto-o. Ele diz que a senhora falou com amigos sobre tudo isto, mas eles não acreditaram totalmente.

— Alguns sim. Outros não.

Tal como outros médiuns já tinham notado, ele disse que a morte do Bob foi súbita — totalmente inesperada. Depois disse:

— Continuo a ver Surrey — como se estivesse a viver em Surrey. Há Richmond, há Esher. Estou a ir por esse caminho, e não entendo. O que estou a ver aqui... em Surrey, é...

E mencionou o sítio onde eu vivo. Fiquei espantada.

— Pressinto uma grande sensação de riso vinda do seu marido. Ele está a pensar no Robin Hood. Ah, sim! O seu marido dava a pessoas necessitadas. Ele tinha — ainda tem — muito humor juvenil.

— Sim.

— Minha querida, ele ainda tem. "Ainda tens os meus livros e os meus papéis", diz ele, "mas eu nunca completei os meus artigos", e diz que tentará de muitas formas comunicar contigo ele próprio.

— É isso que eu lhe tenho pedido para fazer — respondi. — Vir através de uma terceira pessoa e dizer-me que é isso que ele está a fazer. Para que eu possa acreditar.

Ele perguntou se eu compreendia isto, e eu disse que sim.

Disse então que o Bob era muito contra a injustiça social; era um homem próximo da natureza, dos animais, e que havia um forte sentimento de que ele estava a tentar comunicar comigo diretamente.

— É isso que eu não compreendo. Gostaria que ele explicasse!

David Young disse então que era isso que sentia que o Bob tentaria fazer, e sugeriu que eu marcasse uma sessão com um Sr. Leslie Flint, um médium de Vozes Diretas.

— Mas sinto do Bob muito amor... assim que ele começava, senti que podia ficar muito entusiasmado — um homem que preferia estar em sua própria casa, mas que não gostava de ser "entretido". Sinto que ele tinha uma cicatriz aqui onde a minha mão está agora...

Ele tinha posto a mão na sua coxa direita — onde o Bob tinha tido a perna direita amputada.

«Sinto como se», continuou ele, «como se mancasse um pouco também — da perna direita, e estou a ter a sensação de tentar caminhar, mas caminho com um pequeno mancar. Pode ser muito perceptível às vezes. Outras vezes nem tanto. Sinto que há um grande amor por si, também, e ele está a dizer que a senhora tem tido impressões — bem, que tem sentido algo ao seu redor.»

— Sinto-o — disse eu.

— Sim!

David deu então os nomes de vários familiares meus que tinham morrido. Depois falou da Polónia e de uma ligação científica. Eu neguei, mas quando pensei nisso mais tarde, lembrei-me de que o Bob tivera estreitas ligações de trabalho com uma firma polaca.

Depois David disse: — O seu marido, no entanto, não era metódico. Vou retificar isto. A casa era um lugar para desfrutar. Ele era preciso, mas não metódico. Punha as coisas onde queria que estivessem. Conhecia o seu próprio arquivo, mas aí de quem tentasse seguir o sistema!

Já mencionei quão difícil achei seguir o sistema de arquivo dele, após a sua morte. David falou então da grande alegria que o Bob sentia em vir ter comigo.

— Sinto que ele está a contactar consigo, de certa forma, com a escrita. A senhora senta-se sozinha e subitamente fica muito impressionada, e escreve. No entanto, quando escreve, sabe que não é a senhora, mas que vem de uma fonte que, diz-me o seu marido, é ele próprio.

— Sim! Mas continuo a duvidar. Foi por isso que lhe pedi para o confirmar através de uma terceira pessoa.

— E com razão. — David disse então que recebeu a mensagem do Bob de que isto se tornaria aparente de muitas formas. Que ele tentaria dar-me factos sobre os quais nada sei e que teria de verificar.

— Portanto — disse ele —, por mais tolo que algo lhe possa parecer, será guiada quanto a quem contactar para descobrir.

Isto, de facto, provou ser verdade. Devido a algumas "conversas" filosóficas que tive com o Bob, vi que tinha de obter orientação do seu amigo físico, Peter. David assegurou-me de que o Bob se provaria a si mesmo, que tudo correria bem para mim e que o Bob se tornaria muito claro. Depois fez uma afirmação que me surpreendeu.

— Sinto... que a senhora também é muito científica.

— Não, com certeza que não sou!

— Mas o seu marido diz que é! Ele diz que a senhora não é crédula, que tentará sempre ver a resposta lógica antes de dizer que ela vem do espírito.

Como isto era verdade, e eu disse-o.

— Sinto que é científica e prática no pensamento.

Depois David repetiu que sentia "um grande amor" entre o Bob e eu.

Esta foi a primeira vez que consegui gravar uma sessão em fita. Foi uma experiência maravilhosa e estimulante. Deu-me uma sensação de "proximidade" e elevação, e agora eu podia levar esse conforto para casa comigo e tê-lo comigo para sempre.

Passei essa fita a muitos amigos, um dos quais era o meu Vigário. Ele ficou estupefacto ao saber que David Young nunca conhecera o Bob. A meio da fita, um som estranho interpôs-se entre a voz de David Young e a minha.

— O que é aquilo, valha-me Deus? — disse o Vigário.

Ele foi o primeiro a fazer qualquer comentário sobre isto.

— Apenas interferências atmosféricas — respondi.

Eu própria já tinha notado o som antes, mas tinha simplesmente atribuído a isso. Quão errada eu estava!

Vozes em fita

Desde aquele dia frio de fevereiro até as rosas florescerem em junho, passei a fita repetidamente, assumindo ainda que eram "atmosféricos" que causavam aquele som estranho que surgia antes e depois das palavras: «Sinto aqui um grande sentimento de tentar comunicar consigo diretamente», no meio da fita.

E então, quase por milagre — como se o Bob estivesse ainda a desenrolar o seu padrão à sua própria maneira — caiu-me nas mãos um folheto, incluído na revista *Service* publicada pela Associação Espiritualista. Falava de *Breakthrough*, um livro de um psicólogo alemão, o Dr. Raudive, que, após anos de experiências com um gravador, afirma ter captado vozes desencarnadas.

O que li espantou-me. Seria possível que os sons estranhos na minha fita fossem dessa ordem? Fui imediatamente buscar o livro à biblioteca. Estava interessada, mas não conseguia acreditar que tal coisa me pudesse acontecer!

Na altura, tinha um estudante de teologia alemão hospedado comigo. Ele não tinha qualquer interesse no espiritualismo — sentindo até que era obra do Diabo. Mas estava interessado nas fitas. Era também muito musical. No seu livro, o Dr. Raudive mencionava que era frequentemente difícil apreciar as vozes à primeira audição, mas que as pessoas com sensibilidade musical achavam frequentemente mais fácil decifrá-las.

Mencionei casualmente um dia ao estudante alemão que havia um som estranho — estranho ao conteúdo — na fita. Imediatamente ele disse que, se alguém o pudesse entender, seria o seu amigo Burland, que era musical e possuía um gravador muito mais imponente do que o meu barato.

— Ele pode passá-lo depressa ou devagar — disse-me ele. — Isso seria uma grande ajuda.

Nessa noite ele ia encontrar-se com o amigo e emprestei-lhe a fita. Não senti qualquer grande entusiasmo.

Estava a ouvir as notícias das 10 na televisão quando o meu estudante irrompeu pela sala de estar. Parecia excitado e disse que trouxera a minha fita de volta, mas pedi-lhe para não me interromper por um minuto ou dois até as notícias terminarem.

Depois perguntei: — Conseguiram perceber alguma coisa da fita?

— Com certeza que sim! O Burland teve de a passar três vezes — depois ficou perfeitamente claro — respondeu ele no seu sotaque alemão preciso.

Ele tinha agora captado o meu interesse, embora eu não esperasse nada de extraordinário. — O que é que diz? — perguntei-lhe.

Então o meu coração quase parou.

— Diz: "Amo-te, querida". — Ele pronunciou as palavras sem emoção.

Um tremor percorreu-me. Isto eu certamente não esperava. Disse: — Não acredito.

— Por favor, ouça — instou ele. — Vai ouvi-lo por si mesma. Já está montado na minha máquina.

Sentei-me em frente a ele, com o gravador entre nós e a fita no ponto que eu tinha marcado previamente para ele.

— Um homem muito próximo da natureza — diz o David. E então ouvi, claro como um sino, mas num sussurro suave: "AMO-TE, QUERIDA". Depois as palavras de David: «Sinto aqui este grande sentimento de tentar comunicar consigo diretamente». Depois a minha resposta: «... não compreendo».

Então, novamente, acima da minha própria voz, mais alto desta vez, tão típico do Bob, quebrando as sílabas quando queria fazer-se ouvir: "A-MO-TE, QUE-RI-DA!".

Desatei a chorar. A presença do Bob era real. Eu sentia-a. Estava humilhada, destroçada. Tudo batia certo: a sua constante repetição de que "comunicaria" cientificamente; aquela ênfase dele, tão típica quando queria atrair a minha atenção.

— Vê como é claro, uma vez que se ouve — disse o estudante, pragmaticamente. — E no entanto, não o percebemos à primeira.

Não consegui dormir nessa noite. Esta descoberta tinha implicações tão vastas. Por que não reconheci eu as palavras quando passei as fitas pela primeira vez? Como foi que nunca as ouvi durante a entrevista — onde houve apenas o som da voz do David e da minha?

Era tudo tão maravilhoso — passei a fita naquele ponto vezes sem conta. Tinha de contar a alguém que estivesse cientificamente interessado no fenómeno e fazer com que fosse investigado.

Escrevi uma longa carta ao David Young contando-lhe o que tinha acontecido. Senti que tinha de me sentar com ele novamente o mais depressa possível. Consegui marcar outra sessão para a semana seguinte, a 4 de julho de 1972.

Quando começámos a sessão, contei ao David Young sobre a descoberta da voz quando passei a fita em casa. Nesta ocasião David Young parecia muito tenso e nervoso, dizendo que o meu marido não estava lá e que ele me levaria lá abaixo para que me devolvessem a taxa. Eu não tinha sentido aquela elevação do espírito que era o prelúdio habitual de uma boa sessão.

— Não podemos comandar estas coisas — disse o David —, mas vou tentar.

Ele ligou o gravador. Houve uma curta pausa. Depois mencionou que o seu ajudante estava lá. Para meu grande alívio, então, começou a falar do Bob e da grande força do seu amor.

À medida que a sessão continuava, parecia ganhar força e ímpeto espiritual e comecei a sentir o maravilhoso poder a elevar-me para fora de mim própria. Então, subitamente, David disse que tinha de parar e passar a fita. Foi uma grande desilusão para mim, pois agora a sessão tinha-se tornado cheia de promessa.

— O seu marido diz: "Passa a fita!" — David estava agitado enquanto estendia a mão para o gravador e o ligava.

A voz dele dizia: «Sinto aqui com ele que, embora tenha sofrido muito, tentaria não o mostrar».

— Isso era típico do Bob. — A minha voz soou suave quando um ténue "AMO-TE" se infiltrou entre a minha voz e a do David enquanto ele dizia:

— Pressinto aqui ele a dizer que, cientificamente, se vai provar ainda mais perante si.

Depois vieram as palavras "AMO-TE", muito mais claramente, e isto sobressaltou-nos a ambos. A voz do David continuou: «... e sinto aqui, enquanto ele me diz isto, que ele tem estado consigo constantemente».

Aqui surgiram novamente as palavras "AMO-TE", e a voz do David continuava: «... e ele está aqui a dizer-me que a ama muito, e está a rir-se aqui... sinto aqui... um cão com ele...».

Novamente aquela voz interjetou: "AMO-TE".

Neste ponto, David fez uma pausa e mudou de assunto. — Ele está a rir-se do seu chapéu, aliás, porque diz que a senhora costumava usar umas criações maravilhosas...

Mais uma vez, "AMO-TE" foi gritado naquela voz rouca.

— ... E ele sente que também gostava de a ver com chapéus grandes.

Houve aqui o som de alguém a respirar profundamente e "AMO-TE" saiu claramente. Depois a voz de David novamente: «... Um sentimento maravilhoso de a guiar e cuidar de si. Oh!... ele diz que a experiência está completada agora. Espere só. Vou desligar por um momento».

Estávamos ambos consideravelmente abalados.

— Aquela não é a minha voz! Tenho de encontrar o Secretário... — David saltou para o pé, deixando-me sozinha na sala. Correu para fora para encontrar o Sr. Johanson, mas não conseguindo encontrá-lo, voltou e sentou-se comigo novamente a passar a fita.

— O Bob só queria provar-lhe uma pequena coisa — continuou o David. — Ele diz que não vale a pena tentar ficar demasiado excitada com as coisas. As coisas podem desaparecer por muito tempo, mas eventualmente podem ser capazes de voltar para si. Pressinto aqui muito amor por si. Ele diz que lhe quer mostrar que a senhora não está sozinha. Que nunca estará sozinha e é essencial que o saiba. Ele está a rir-se dos bons momentos que passaram juntos. Mas os tempos nem sempre foram fáceis, pois não?

— Não. Ele podia ser difícil!

— E a senhora também! — respondeu David, e continuou: — Ele quer que saiba que, tendo a mente científica que tinha na terra, ainda a tem e que, com muitos outros, estão a tentar ajudar as pessoas e mostrar que há uma vida depois da morte. Sinto aqui este amor maravilhoso por si, e ele diz: "Eu quis fazê-lo por ti, minha querida". Foi por isso que ele me pediu para parar e voltar a passar.

Perguntei ao Bob se ele podia colocar mais nesta fita, mas David respondeu: — Ele diz que não é apenas uma questão de colocar mais na fita. Ele tentou fazer o que podia fazer. Sinto que ele está a dizer: "Não te preocupes. Tudo vai correr bem. Deus esteja contigo. Deus te abençoe!", e a conversa terminou.

Passámos a fita desde o início onde a voz "extra" apareceu e, mais uma vez, David disse que tinha de encontrar o Secretário. Quando o Sr. Johanson se juntou a nós e ouviu a fita, o David disse: — Há outra voz na fita.

O Secretário assentiu. — É muito rouca.

Eu já não precisava de mais convicção de que o Bob tinha cumprido a sua promessa de "Comunicar cientificamente". Eu simplesmente não podia guardar este acontecimento extraordinário para mim. Tinha de o espalhar além do círculo dos meus amigos. Queria gritá-lo dos telhados — o Bob estava vivo e feliz e a tentar fazer tudo o que estava ao seu alcance para se fazer notar por

mim; que a morte era realmente apenas o véu fino que o Bob tantas vezes insistia que era. Ele tinha demonstrado a sua persistência e vontade indomável até no "outro lado"!

Qual seria então o meu passo seguinte? Lembrei-me de que, muito antes da morte do Bob, eu tinha pedido alguns folhetos da *Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies*. Por isso, telefonei-lhes.

Foram amáveis e interessados e puseram-me em contacto com o Secretário do seu Comité de Investigação Científica, o Sr. A.W. Rossiter, que me pediu para lhe enviar as fitas originais, ou uma cópia da "Voz".

Não me atrevi a separar-me das minhas fitas originais, por isso enviei-lhe uma cópia. Ele disse que tinha a certeza de que o seu Comité estaria interessado e agradeceu-me pelo dossiê de acontecimentos que levaram às fitas, que eu também lhe tinha enviado. Disse-me que ia enviar a informação a um colega, um Sr. Bearman, que estava a fazer um estudo sobre as Vozes de Raudive.

Fiquei encantada por alguém mais além de mim estar a interessar-se por todas estas estranhas manifestações e, eventualmente, recebi notícias do próprio Sr. Bearman.

«Tinha esperança de conseguir que o David Ellis», escreveu ele, «que está a trabalhar, com uma bolsa de uma fonte universitária, nos "fenómenos de voz" do Dr. Raudive, a visitasse com marcação, mas não consegui estabelecer contacto pois ele está na Escócia. Estará fora até ao fim do mês. Pareceu melhor informá-la, entretanto, de que desejamos dar seguimento ao seu caso, embora possa haver um pequeno atraso adicional.»

«Ao mesmo tempo, se for facto que o seu falecido marido procura comunicar por voz direta, pode muito bem ser que o Leslie Flint seja uma ligação valiosa — pois o Flint é excecional.»

Talvez fosse a minha formação prática como jornalista que me impelia a sondar, indagar e verificar. Certamente estava decidida a seguir esta pista do Sr. Bearman. Mas, entretanto, entra David Ellis, um jovem muito interessante dedicado à busca da verdade.

9

Procurando provas novamente

Foi na segunda-feira, 14 de agosto de 1972 (dezasseis meses após a morte do Bob) que o Sr. Ellis me veio ver. Ouviu com grande interesse

enquanto eu lhe contava sobre a minha "Voz", mas *não* lhe disse o que ela dizia. Queria que ele a ouvisse primeiro.

Ele trouxera o seu próprio gravador — maior e muito mais sensível do que o meu — e, embora tivesse achado a voz extremamente clara, perguntou se podia regravar a fita para seu uso próprio. Fiquei mais do que satisfeita por concordar. Finalmente senti que estava a chegar a algum lado.

Ao Sr. Ellis tinha sido concedida uma bolsa de dois anos pelo Trinity College, Cambridge, e nos últimos dois anos tinha estado a assistir a conferências em várias partes da Europa, conhecendo o Dr. Raudive e outros cientistas e testando este novo fenómeno. Ao mesmo tempo, estava a escrever e a distribuir uma série de relatórios sobre o seu trabalho (mais tarde publicados como *The Mediumship of the Tape Recorder*) e incluiu-me na última parte do seu Relatório n.º 19. Como ele era um cientista, as suas afirmações eram muito cautelosas, mas constituem uma leitura interessante. Eis um extrato:

«Visitei Victoria Stevenson na sua casa a 14 de agosto, e ouvi e copiei seleções de gravações de fitas das sessões que ela tinha tido com o médium, Sr. David Young. Em cada uma eram audíveis palavras extra, não aparentemente proferidas pelo médium, mas que, no entanto, reforçavam o que ele estava a dizer. Cerca de metade da primeira sessão (que durou cerca de quarenta e cinco minutos) uma mensagem simples foi proferida duas vezes, num sussurro rouco, e durante a segunda (que foi muito curta) outra mensagem muito simples ocorreu nada menos que seis vezes, por vezes claramente e por vezes indistintamente.»

«As gravações foram feitas num gravador de cassetes barato que foi operado pelo Sr. Young, que segurava o microfone (não muito sensível) na mão enquanto falava. Embora ele pudesse possivelmente ter proferido as "mensagens" ele próprio — elas ocorrem entre as suas palavras e poderiam ter sido vocalizadas enquanto ele respirava — é discutível se ele o poderia ter feito, particularmente na segunda ocasião, sem que Victoria Stevenson notasse, pois ela estava sentada a apenas alguns pés de distância dele. Além disso, a agitação extrema que ele demonstrou ao passar a fita da segunda sessão, e ao ouvir a voz extra nela, dificilmente é consistente com uma fraude deliberada.»

«Se os efeitos de voz fossem genuínos, mostram várias características interessantes, talvez a mais importante sendo a sua clareza relativa... e a evidência de propósito demonstrada pela sua repetição. É interessante notar que o marido de Victoria Stevenson, através do Sr. Young, disse que estava a

tentar comunicar com ela diretamente e mencionou a voz direta. A mensagem final da segunda sessão foi: "ele diz... a experiência está completada agora".»

«Era óbvio que o passo seguinte no estudo era ver se os efeitos de voz poderiam ser repetidos sob condições mais controladas, por isso foi agendada uma nova sessão para Victoria Stevenson com o Sr. Young, na qual pude estar presente, gravar os procedimentos na minha própria máquina (com o microfone a alguma distância do médium) e escutar atentamente por quaisquer vozes extra. No entanto, embora os resultados tenham sido de resto muito satisfatórios, não se puderam ouvir tais vozes nas gravações.»

«O marido de Victoria Stevenson tinha sido um cientista e, encontrando em mim um colega cientista, passou a maior parte da sessão a falar comigo.»

Como se pode imaginar, esta sessão foi uma grande decepção para mim. O Bob não se dirigiu a mim mas, como David Ellis relatou, manteve uma conversa filosófica com ele. Era demasiado profunda para eu acompanhar, embora um amigo físico, ao ler a transcrição da fita mais tarde, a considerasse evocativa e relevante para a nossa investigação sobre as vozes.

Durante toda a sessão David Young parecia estar a lutar com frases pouco familiares como se estivesse a traduzir de uma língua estrangeira! Obviamente foi difícil e penoso para ele — a sessão durou quase uma hora. A certa altura, quando o David Ellis o instou a continuar, ele disse:

— Vou tentar — mas acho que, uma vez que ele era um cientista na terra, ele deveria ter outro cientista para lidar com ele — um dotado de mediunidade.

A mensagem veio então através do David Young vinda do Bob:

— Nem toda a gente compreende o radar. Nem compreendem a frequência ou o que ela é...

Para mostrar contra o que David Young estava a lutar, e quão incompreensível a conversa era para mim, cito o que se segue na fita:

«... Eles compreendem um impulso ou podem fazer uma análise de um impulso, mas não sabem necessariamente que a frequência e o impulso são duas coisas diferentes. E, no entanto, toda a vida é feita de frequências. Se quiser pegar num átomo e decompô-lo, temos frequências.»

«Não vem apenas através de um canal... fazendo outra pessoa ouvir-te. É a mesma coisa que pôr uma frequência numa fita. Não há diferença nenhuma. Parece estar a servir o mesmo tipo de propósito... Claro que os anagramas são fáceis de resolver quando se tem espaço para encaixar as palavras. O anagrama da vida nunca pode ser resolvido porque é contínuo.»

Nos meses seguintes, David Ellis juntou-se muitas vezes ao amigo do Bob, o Peter, e a mim para conversas à lareira num sábado à noite. O Bob sugerira isto na sua conversa com o David Young. Por vezes com música suave de fundo, por vezes sem ela, sentávamo-nos calmamente a falar, com a fita a correr — mas sem resultado, exceto que o Peter, sendo vidente como já disse antes, dizia muitas vezes que sentia a presença do Bob. Numa ocasião disse que o Bob estava a segurar um higrómetro de ponto de orvalho (sem significado para mim!), provando assim a sua identidade a ambos.

Uma noite, porém, em novembro, o David deixou a sua fita a correr durante cerca de uma hora mas não teve tempo de a passar logo ali. Disse que o faria à vontade, mais tarde na semana. No sábado seguinte, o Peter e eu estávamos sentados juntos quando o telefone tocou. Era David Ellis a ligar de Epping.

— Acabei de passar a fita — disse ele excitado — e tenho "extras"! Posso passar-lhos pelo telefone?

O Peter disse: — Inútil. Nunca os ouviríamos.

— Então vou aí já — disse o David.

Isto preocupou-me, pois já eram oito horas e significava uma viagem de uma hora para cada lado para ele. Ele ignorou isso e chegou devidamente. Montou o seu gravador e sentámo-nos os três a ouvir. Ouvimos um som como "ut, ut, ut", como se alguém estivesse a hesitar entre as palavras. Depois: "Bob", e finalmente o que parecia ser "Maggot". Mas aquilo parecia ridículo.

— Seria "agate" (ágata)? — perguntou o Peter, voltando-se para mim. — Isso faz sentido para ti?

— Não — disse eu.

Depois, enquanto voltávamos a passar a fita repetidamente, tive a certeza de que devia ser "Robert" — o nome completo do Bob.

Não eram espantosos, estes "extras", mas interessantes por uma terceira voz ter aparecido na fita numa sessão cuidadosamente supervisionada. Senti-me convencida de que o Bob estava a cumprir a sua promessa ao David Ellis de que tentaria aparecer na fita sem um médium.

O Sr. Ellis explica no seu Relatório n.º 20 como passou muitas das suas "Vozes" recolhidas a oito membros da Sociedade de Investigação Psíquica da Universidade de Cambridge. Cito:

«Os participantes escreveram as suas interpretações, geralmente enquanto a fita estava a passar. Em raras ocasiões foram feitos comentários,

mas pensa-se que a influência destes nas interpretações dos outros ouvintes não tenha sido muito grande. (Provocaram mais discussão do que concordância).»

Não tinha sido dito aos ouvintes, claro, o que o David Ellis e eu pensávamos estar na fita. Embora as suas interpretações variassem um pouco, a concordância foi suficientemente estreita para que o Sr. Ellis concluísse (para um conjunto de vozes):

«Uma voz sussurra: "Amo-te", claramente, pelo menos uma vez. O falante está muito perto do microfone.»

E sobre o outro conjunto:

«Uma voz diz "Amo-te, querida", duas vezes, de forma bastante clara.»
O seu relatório prossegue:

«Victoria Stevenson parece ser uma participante muito bem-sucedida e teve várias boas sessões com médiuns de Londres antes daquelas com o Sr. David Young, durante as quais os extras ocorreram. Cópias dos extras foram usadas no Teste de Audição I, e a sua clareza foi demonstrada.»

«Outra característica digna de nota foi a forma como o segundo "Amo-te, querida" foi proferido: era muito característico da forma lenta e deliberada em que o marido, numa tentativa final de se fazer ouvir, costumava gritar para a esposa do andar de cima.»

«... O colega cientista e amigo do seu marido juntou-se a nós para mais gravações experimentais. Sugeriu que tentássemos mesas girantes e em breve conseguimos obter mensagens do Bob desta forma.»

«Tanto através da mesa como através da sua esposa, o Bob disse que faria o seu melhor para pôr a sua voz na fita, e reivindicou sucesso pelos seus esforços anteriores (com David Young, comigo e com Victoria Stevenson). Fizemos uma série de gravações durante as mesas girantes, sentados em silêncio, com ela a segurar o microfone, mas escutámos em vão por quaisquer extras.»

Vozes Diretas

A primeira sessão que tive com o Sr. Leslie Flint, o famoso médium de Voz Direta, foi em 2 de junho de 1972. Ele é tão requisitado por pessoas de todo o mundo que tive de marcar a consulta com meses de antecedência.

Ele tinha-me sido recomendado, como já mencionei, mas eu não fazia ideia do que esperar. Sete de nós reunimo-nos na sua sala de estar, instalados em poltronas e sofás, e um casal chegou a sentar-se no chão aos pés do Sr. Flint com os seus gravadores. (Descobri que esta era uma posição-chave. Com a minha pequena máquina barata, e sentada na outra ponta da sala, não consegui gravar toda a conversa.)

O "intermediário" do Sr. Flint com o mundo espiritual é o Micky, um rapazinho de Londres (*Cockney*) que, segundo soube, costumava vender jornais à porta da estação de metro de Camden Town e morreu num acidente de viação após a Primeira Guerra Mundial.

As luzes apagaram-se e sentámo-nos todos em completa escuridão. O Sr. Flint indicou a data da sessão e apresentou-se, dizendo que nenhum médium podia garantir resultados. Poderíamos, disse ele, estar ali sentados durante uma hora sem que nada acontecesse. Não havia nada que se pudesse fazer quanto a isso. O importante era ser natural. Uma atitude errada em relação ao outro lado, ou tensão e ansiedade, seriam uma barreira.

— Por outras palavras — disse o Sr. Flint —, se alguém vier e vos chamar pelo nome ou der uma indicação de quem é, pelo amor de Deus, respondam. Isto é fundamental. É como o telefone: se não atenderem, não chegarão a lado nenhum.

— As vozes variam — continuou ele. — Por vezes são altas, distintas, claras, com personalidade e características. Outras vezes não soam minimamente como a pessoa que são. São coisas que acontecem! Não sabemos quais serão as respostas... mas mesmo que não reconheçam a voz, deixem que ela perceba que vocês respondem. Penso que o que é realmente importante não é tanto o som da voz, mas o que ela diz.

Prosseguiu dizendo que não entrava em transe. — Seria muito invulgar se o fizesse. Estou perfeitamente normal e, se achar necessário falar com as vozes, fá-lo-ei, mas prefiro manter-me fora de cena.

Sublinhou que não queria intrometer-se naquilo que era a nossa sessão e que o sucesso ou fracasso da mesma dependeria da nossa resposta.

— Não se concentrem numa única pessoa. Isso inibe, de uma forma estranha. É muito natural fazê-lo, mas acho que é um grande erro. Tentem lembrar-se, também, de que se procuram provas de sobrevivência, as melhores provas vêm das pessoas de quem menos se espera, mesmo que tenham de verificar depois. Não cantamos hinos. Não fazemos orações.

Se alguém, por qualquer razão, não estivesse satisfeito com a sessão, ele não queria receber o pagamento.

— Não quero que ninguém saia do meu apartamento a menos que esteja satisfeito... Gosto de sentir que o meu trabalho resiste ao teste. Estou disposto a responder a quaisquer perguntas.

Depois disse: — E quanto à senhora no sofá? (Era eu.) — Quer perguntar alguma coisa?

Disse que estava satisfeita.

Durante um curto espaço de tempo, houve uma conversa geral sobre as Vozes de Raudive. Conteí a minha própria história, que pareceu interessar a todos. Era estranho falar com pessoas invisíveis em escuridão total. E então, subitamente, a voz de Micky, o ajudante espiritual do Sr. Flint, interrompeu a nossa conversa e todos ficaram em silêncio.

Ele pareceu percorrer o grupo, reconhecendo velhos amigos, até chegar ao senhor sentado ao meu lado. Numa voz *Cockney* carregada, o Micky perguntou-lhe se eu estava com ele. Recebendo uma resposta negativa, voltou a sua atenção para mim. Disse que o meu marido estava ali.

— Está? Fico encantada!

A sala ficara muito silenciosa e eu quase conseguia ouvir os meus batimentos cardíacos.

— Ele sabia que vinhas cá esta tarde — disse o Micky — e... não sei o que ele quer dizer com isto... mudar a rota... mas ele diz que não tinhas bem a certeza se aquele era o caminho certo.

— Tens toda a razão — disse eu. O apartamento do Sr. Flint fica numa zona de Londres que eu não conhecia bem.

— E tu não conseguias decidir-te e ele teve de te guiar porque não queria que te perdesse!

Disse que o meu marido guiava muito.

— Ele diz que anda muitas vezes à tua volta, que te orienta e tenta ajudar-te de várias formas.

— Acho que sim. Eu sei que sim!

— Já agora — disse o Micky —, estás a usar algo que lhe pertence.

Houve um murmúrio suave, como se o Micky estivesse a conversar com alguém nos bastidores.

— Ele pode falar comigo pessoalmente? — Eu estava tão entusiasmada que me tinha esquecido completamente dos ouvintes invisíveis.

— Espero que sim, amor — respondeu o Micky —, mas dá-me um fôlego! — e depois virou a sua atenção para a senhora sentada ao meu lado. — Tu és o Bobby? — perguntou ele.

Ela disse que não.

— É engraçado — disse o Micky. — Alguém aqui está a falar do Bobby. Há aqui alguém chamado Bobby?

Houve um curto silêncio e novamente sussurros entre o Micky e outra pessoa. Depois, silêncio. Momentos depois, o Sr. Flint disse:

— Houve uma senhora que não pôde vir, Micky.

Outro silêncio. Depois eu disse: — O nome do meu marido era Bob, Micky.

— Não sei — disse ele. — Há aqui um tipo que não para de me empurrar e está com um sorriso de orelha a orelha, e diz "Diz-lhe tu"; e não para de falar no Bobby.

— Bob! O nome dele é Bob — exclamei excitada. — Ele é um pouco autoritário, não é?

— É uma personalidade forte — declarou o Micky. — Ele é um bocado demais para mim, minha senhora! Tem-no bem treinado?

Isto divertiu a audiência invisível.

— Acho que foi ele que me treinou a mim! — ri-me.

Houve novo silêncio que durou alguns segundos e então... o próprio Bob apareceu. Não parecia a voz do Bob — e eu disse-lho. Ele soava muito solene.

— É porque tenho de falar através desta maldita caixa! — disse ele. O tom era autoritário e enfático, e eu conseguia ouvir claramente o que ele dizia.

Falou sobre as vozes em fita, disse que ainda estava a tentar repetir a sua "performance" e pediu-me para, quando estivesse sozinha, me sentar com o gravador ligado. Falou da nossa casa e fez perguntas pessoais. Falou com ênfase e humor, e manteve a audiência invisível em gargalhadas constantes. Depois, subitamente, uma voz chamou:

— Doris! Doris!

Este é o meu primeiro nome, aquele pelo qual a minha família sempre me chamou.

— É a Mãe! — Era uma voz feminina leve e alegre. Reconheci-a imediatamente como sendo a da minha mãe.

— Querida! — exclamei. — Tinha-me esquecido de ti!

Queria dizer, claro, que por estar tão concentrada no Bob, me tinha esquecido da minha amada mãe, por quem tanto tinha sofrido até ao dia em que me sentei com o Sr. Redmond.

— Tens memória curta! — riu-se ela — tal como teria feito na terra. — Vim com o Bob. Vou deixar-te com ele.

Mais uma vez o Bob apareceu e a nossa conversa deve ter durado pelo menos meia hora. Depois outra voz interrompeu e o Bob desapareceu.

Tive, naturalmente, de operar os gravadores em escuridão total, e foi lamentável que o meu microfone não tivesse captado as perguntas e respostas dele com muita clareza. Além disso, a fita acabou a meio da sessão.

Mas, apesar disto, foi uma sessão maravilhosa e, depois, as pessoas rodearam-me e deram-me os parabéns por "ter um marido tão científico". Senti-me um pouco culpada, no entanto, por ter roubado o protagonismo, deixando os outros participantes com apenas algumas mensagens breves — e alguns sem nenhuma.

O David Ellis ficou tão interessado quando soube da minha sessão e da afirmação do Bob de que ainda estava a tentar passar pela fita, que concordou em juntar-se a mim na minha sessão seguinte com o Sr. Flint. Mas esta só teve lugar um ano depois, a 8 de maio de 1973.

Como Leslie Flint previra — que não havia duas sessões iguais — esta segunda foi completamente diferente da primeira. Para começar, havia dez participantes, em vez dos habituais sete ou oito.

Mais uma vez o médium disse que nada podia ser garantido. Conversámos então entre nós enquanto esperávamos pela voz do Micky. Foi uma longa espera — cerca de uma hora. O Sr. Flint repetiu que algumas sessões eram boas, outras infrutíferas. Ninguém sabia a razão — podia ser das condições atmosféricas ou da atitude dos participantes.

Este médium tem um público vasto. Nesta ocasião, duas mulheres tinham vindo propositadamente de Manchester, outras vieram da África do Sul e da Austrália.

Uma ou duas vezes, durante uma pausa na conversa, o Sr. Flint chamou: — Micky! — Então, da escuridão, veio um sussurro muito ténue: — David.

— O que é que ele diz? Não consigo ouvir, Micky — chamou o Sr. Flint.

Depois veio outro "David!" e o David Ellis respondeu.

— Eu conheço-te. Tu és o David Ellis — veio do Micky, que lhe disse então que ele tinha muito poder. — Vieste com aquela senhora, a Vic?

Fiquei alerta!

— Estás com a Vicky? — insistiu a vozinha *Cockney*. — É um dos nomes pelos quais as pessoas te tratam, mas não é o nome comumente usado.

Isto pareceu-me uma prova notável: os meus nomes de batismo são Doris Victoria, o primeiro usado pela minha família e o segundo uso-o como pseudónimo. Respondi:

— Tens toda a razão, Micky. Como é que soubeste?

— Porque a tua Mãe me está a dizer.

— A minha mãe! — Eu tinha estado a pensar apenas no Bob.

— Não fiques tão surpreendida, rapariga. Ela está aqui!

Durante o momento seguinte, o Micky voltou a sua atenção para o David Ellis, falou sobre o seu trabalho atual e sobre o forte poder de mediunidade que ele tinha. Depois, do nada, o Micky mencionou o meu nome outra vez.

— Conheces esta Vic há muito tempo? Gosto dela. É uma senhora simpática. A mãe dela está muito próxima dela.

Ri-me. — E tu és um bom rapaz, Micky!

— Não sei quanto a isso, rapariga. Faço o meu trabalho. Sentem-se. Aguentem-se bem. Já volto.

Parecia haver alguma confusão, pois o Micky sussurrava: — E aquele outro grupo? Não os conheço. Estão sentados em círculo.

Isto poderia referir-se a dois outros amigos meus que estavam interessados na minha "Voz". Estavam sentados do outro lado da sala. A conversa sussurrada terminou com um "Oh, cala-te!". Depois, "Victoria!" surgiu no ar, muito suavemente.

— Victoria! — Uma voz feminina doce sussurrou isto pela segunda vez. — Não tenho a certeza se consegues ouvir o que estou a dizer. Consegues ouvir-me? É a Mãe.

— Mas... tu nunca me chamaste pelo meu segundo nome antes!

— Eu sei. — A voz era audível, mas ténue. — Mas pensei que hoje o faria, porque não é habitual usares esse nome. Mas o rapazinho parece ter percebido a ideia!

— Não parece exatamente a tua voz, querida — respondi — mas é maravilhoso ouvir-te. O Bob está contigo?

— Sim. É esta caixa, suponho. Não percebo muito disto. Tudo o que sei é que pude vir e falar através — deste negócio da caixa — e espero que consigas ouvir o que estou a dizer!

Disse que o Bob estava com ela — e o Charles.

— Não conheço nenhum Charles. — Ao que a voz espevitada do Micky me disse que ela tinha várias pessoas com ela, o meu pai entre elas.

— Na verdade — disse ele —, há uma pequena multidão com a tua Mãe. Vieram todos para a apoiar, e havia um Charles do lado da família do teu pai. Não te preocupes — alguns dos teus parentes já cá estão há anos e anos!

Ele interrompeu-se. Depois, subitamente: — Conheces o nome de P... — mencionando o meu apelido de casada. — O teu marido está aqui e diz: "Diz-lhe que o P... está aqui".

Ao princípio perguntei-me por que razão o Bob usaria o apelido. Depois ocorreu-me: o David Ellis, que nunca o conhecera pessoalmente, e um associado de negócios do Bob também estavam presentes. Como se estivesse a ler os meus pensamentos, o Micky explicou:

— Ele tem uma razão especial para dar o apelido. Não daria o nome próprio. Ele está a dizer: "Diz-lhe que o P... está aqui e — espera aí! — está aqui uma senhora que ele conhece além de ti. Ele diz que tu a trouxeste contigo, e aquele tipo, o David".

Mais uma vez fiquei impressionada com a precisão das mensagens. Houve mais algumas sobre uma mudança na casa, e uma senhora "metendo-se na conversa", dizendo: "Sou a Nell". (Eu tinha perdido recentemente uma querida amiga com esse nome).

Houve mais sussurros "nos bastidores", como se o Micky estivesse a ter dificuldade em organizar os seus oradores. Depois:

— Não! Não quero mais ninguém. Quero o marido dela.

Depois uma voz quase inaudível: — Diz quem eu sou... Bob.

Senti-me excitada. — Bob! — gritei. — Não te consigo ouvir muito bem, querido.

Surgiu uma voz que eu não conseguia reconhecer como sendo a do Bob, mas era firme e autoritária. — Desculpa. Estou a gritar e a tentar falar o mais alto que posso.

Não pude evitar rir-me. — Pareces um cavalheiro idoso muito debilitado — e isso tu certamente não és!

— Eu sei que não sou — disse a voz ténue —, mas não me culpes a mim, culpa esta coisa através da qual tenho de falar. Consegues ouvir-me?

Disse-lhe que sim.

— Não tenho a certeza se vou conseguir falar tão alto quanto gostaria, mas vou tentar — para que saibas que estou aqui. Estou com a tua mãe e o teu pai. Estamos todos aqui juntos. Encontrei tanta gente aqui — parentes e amigos teus e meus. Consegues ouvir-me?

Novamente disse-lhe que sim. Ele mencionou música e perguntei-lhe se ajudava quando a tocávamos em casa.

— É isso que quero dizer. Faço o meu máximo para me aproximar de ti, e devo dizer que acho que a música é uma grande ajuda. Continua o círculo. — Aqui senti que ele se referia às vezes em que o David Ellis e eu nos sentávamos juntos em casa. — Espero que eventualmente sejamos capazes de nos manifestar e comunicar. Há tanto que queremos fazer.

— Quem é que queres que eu tenha no círculo?

O Bob disse que devia deixar isso ao meu critério, mas que gostaria de ter a oportunidade de estabelecer contacto em casa.

Houve outra longa pausa. Depois o Micky interveio:

— Acho que ele está terrivelmente excitado e um bocado tenso. —
Depois, como se desse instruções aos participantes do outro lado: — Esperem
aí!

A voz do Bob surgiu de novo. — David... Sr. Ellis? Fico feliz por pensar
que se juntou ao círculo.

Depois o Micky outra vez:

— Acho que ele está ansioso por que esse Sr. Ellis esteja ligado ao vosso
círculo. Disse-te no início que há muito poder com aquele jovem.

Continuou dizendo que o Bob enviava o seu amor à minha irmã e que
estava a achar um pouco difícil estabelecer contacto hoje. — Não sei porquê
— disse ele. Depois falou da Lulu, uma amiga comum do Bob e minha, e
disse-me que havia multidões de pessoas ali para mim, além do Bob e dos
meus pais.

Interrompeu-se abruptamente e pareceu estar a falar novamente com os
que estavam "fora de cena". Houve outra longa pausa e esperámos em silêncio
na escuridão. O Sr. Flint chamou o Micky e sugeriu que ele tentasse outra
pessoa. Mas continuámos a esperar. Então o nome "Doris", repetido várias
vezes, flutuou no ar.

Como eu tinha sido a única a receber uma mensagem, além do David
Ellis, hesitei em reclamar atenção. Mas a voz continuava a chamar: — Doris!
— e como ninguém respondia, eu disse: — Sou eu!

— Consegues ouvir-me, Doris? — Desta vez a voz era muito mais forte.

Disse: — És tu, Bob?

— Claro que sou! Achei tanta piada à Mãe chamar-te Victoria.
Estivemos agora a ter uma pequena conversa sobre isso e perguntei-lhe o que
raio a fez chamar-te assim. Ela disse: "Bem, pensei que seria interessante
deixá-la saber que não me esqueci do segundo nome dela". Então eu disse:
"Por favor, não voltes a fazer isso. Nunca gostei do nome!".

— Tu certamente nunca me chamaste assim na vida!

— Bem, achei melhor esclarecer isso. Não tinha intenção de te chamar
Victoria. Só queria chamar-te Doris — a minha Doris!

Depois a voz, ganhando uma força tremenda, continuou:

— Aquele jovem ali. Espero bem que ele se sente no círculo. Quero-o
muito porque acho que ele daria um bom médium... Acho que ele poderá vir a
ser uma grande ajuda para muita gente, eventualmente.

— Estás extraordinariamente claro agora, Bob — disse eu.

— Graças ao Senhor por isso! — interrompeu o Micky.

Ri-me. — Obrigada, Micky.

— Bem, esse é o meu trabalho. Mas têm de depender das condições. Elas variam tanto — flutuando o tempo todo entre boas, más e indiferentes. Nenhuma sessão é igual a outra. As vibrações mudam. É difícil fazer as pessoas compreenderem. Eu faço a minha parte porque estou habituado, mas algumas das pessoas sentem grande dificuldade... Eu consigo afirmar-me e passar a mensagem, mas alguns não conseguem — pobres almas!

Depois virou-se para os meus amigos sentados do outro lado da sala e ligou-os a mim. Mas o Bob não se ouviu mais.

Amigos perguntaram-me: — Porquê sentar-se às escuras? — e — O que querem dizer as "vozes" quando mencionam que têm de usar uma "caixa"? — Só posso dizer que fiquei tão espantada com as sessões que foi apenas quando este livro estava prestes a ser publicado que coloquei a questão ao Sr. Flint, que me disse que todos os Médiuns Físicos trabalham na escuridão, pois o poder e a energia são retirados do corpo do médium e emanam, como ectoplasma, uma substância viva que forma a caixa de voz artificial. Por vezes são reconhecíveis, outras vezes não.

11

O romper do dia

Mesmo agora eu não estava contente, apesar do contacto próximo com o Bob que se vinha a construir. Seria realmente apenas uma série de

coincidências extraordinárias? As conversas inspiradas deveriam ter-me satisfeito; eu tivera a garantia de companheirismo através daqueles primeiros médiuns; eu tivera a "Voz" em fita. Por que não estava a minha mente em sossego, a minha busca terminada?

Sem qualquer esforço da minha parte, tinham ocorrido outros incidentes estranhos também. Um deles foi na minha visita à nossa pequena Igreja Espiritualista. Fui apresentada ali à falecida Sra. Vigurs, a Vice-Presidente Honorária, que estivera ligada ao movimento durante anos. Eu nunca a tinha conhecido antes, nem sequer ouvido falar dela.

Estava a falar com outra pessoa quando ela interrompeu a nossa conversa com:

— O seu marido! Que personalidade tremendamente forte! É tão estranho, ele parece estar sempre a dar pontapés no tapete com o pé direito, dobrando os joelhos como se tropeçasse e estivesse prestes a cair.

Dizer que fiquei espantada seria pouco. Como já mencionei, o Bob tinha perdido uma perna e muitas vezes prendia o pé artificial num tapete solto.

— Ele está a tentar identificar-se — disse ela. — Não sou médium, mas às vezes tenho estes vislumbres das coisas.

Continuei a minha conversa, mas a Sra. Vigurs interrompeu novamente com:

— Este seu marido! Ele está com um sorriso de orelha a orelha! Tem alguma coisa na sua cozinha que faz "fizz" e faz barulho?

Não consegui pensar em nada no momento. Depois ela sugeriu:

— Tem uma panela de pressão? Parece que ele está a segurar uma e a deixar sair o vapor, por brincadeira.

Eu sempre tivera medo dessas coisas, mas lembrei-me de que um dia — muito contra a minha vontade! — o Bob trouxe uma para casa. Divertia-o sempre ver-me a tentar lidar com ela, até que finalmente me habituei.

Surgiram outros incidentes, como a vez em que uma amiga minha, interessada em espiritualismo, veio ficar comigo. Ela ficou muito impressionada com uma gravação da fita de Lillian Stublely (à qual me refiro mais adiante). Como resultado, a minha amiga foi comprar um gravador para poder levar uma gravação para casa.

Quando, um mês depois, recebi um cartão de Natal dela, este continha uma nota dizendo-me que ela tinha ido à Igreja Espiritualista de Bath, em Bournemouth, onde o falecido Jordan Gill (outro médium bem conhecido, de

quem falarei mais adiante) estava a fazer uma demonstração em cima da hora. De entre toda a multidão na igreja, ele escolheu a minha amiga e perguntou-lhe se o nome "Doris" lhe dizia alguma coisa. (A maioria dos meus amigos conhece-me por este nome). Ele disse que eu vivia não no campo, mas "fora do caminho comum", o que é bem verdade, pois a minha casa é fora da cidade, ao fundo de uma ruela. Ambas achámos isto notável.

Ocorreu outro incidente algo invulgar. A *Woman's Own* tinha publicado um artigo meu sobre as minhas vozes em fita. Uma fotografia do médium, David Young, e de mim mesma ilustrava o texto. Um dia, uma mulher em Durham telefonou ao Editor de Reportagens da revista para dizer que conseguia ver claramente o rosto de um homem atrás do meu ombro esquerdo, na fotografia. Pensou ao princípio que seria um erro de impressão, por isso comprou um segundo exemplar — apenas para descobrir que o rosto continuava lá!

Entrei em contacto com esta leitora por telefone e ela descreveu o rosto como não tendo rugas e com uma testa larga (típico do Bob), e disse que o conseguiria identificar se eu enviasse uma fotografia de grupo. Enviei dois instantâneos do Bob rodeado por amigos da sua idade. Três deles eram muito diferentes, mas um assemelhava-se-lhe muito. Na verdade, poderiam ser irmãos — rostos cheios, cabelo ralo, bocas firmes. A leitora telefonou-me a dizer que estava a ter dificuldade, porque duas figuras na fotografia eram muito parecidas. Ela assinalou o Bob e o amigo que era tão parecido com ele!

Apesar destas novas aventuras, por vezes triviais, no Reino do Espírito, eu continuava a ser impelida por um impulso ainda mais forte para encontrar mais provas, mais confirmação de uma terceira parte e um anseio pelo milagre de as vozes aparecerem noutra fita. Enquanto todos estes "acontecimentos" tinham lugar, e aqueles outros mencionados em capítulos anteriores, sentei-me a intervalos, durante um período de dois anos, com cerca de meia dúzia de médiuns de Londres.

Todos confirmaram a proximidade do Bob e os seus esforços para comunicar, mas de todos eles o falecido Jordan Gill e Lillian Stubley foram os mais excepcionais.

Não conhecia nenhum dos dois anteriormente, no entanto, naquele sombrio dia de dezembro, quase dois anos após a morte de Bob, Jordan Gill deu uma imagem perfeita de Bob, tal como o via de pé ao meu lado.

— Não o considero velho — começou ele. — Havia ali anos de experiência, se me consegue entender, mas não havia idade no homem. Gosto dele. Ele está muito próximo de si no momento. Eu diria que ele tinha cerca de 5 pés e 10 polegadas.

Quando verifiquei o passaporte de Bob mais tarde, descobri que a sua altura constava como 5 pés e 9 polegadas.

Jordan continuou: — Ele tinha ombros muito bons, era robusto, bem proporcionado, com uma testa bastante intelectual. Tinha um nariz muito bom, alargando um pouco na base. Os lábios são um pouco cheios, mas não sensuais — sensíveis, antes. O maxilar é bastante firme, quase quadrado.

Eu própria não o conseguiria ter descrito tão bem.

— Mas o que quero dizer é: quando ele sorri, o seu rosto ilumina-se! Mas há também algo de sábio que me atrai — ou seja, ele é um homem de conhecimento.

— Era — disse eu.

— É! — respondeu o Sr. Gill com ênfase. — Perdoe-me por salientar isto — ele *é* um homem de conhecimento, não *era*! Podia-se ouvi-lo. Se estivesse interessado, era um conversador. Se não estivesse — então não conseguia tolerar facilmente os tolos... estava habituado às pessoas e a lidar com as pessoas. Muitas vezes era chamado a assumir responsabilidades de muitas formas. Eu diria que ele, literalmente, se esgotou e, no fim, partiu depressa. Foi um choque para si quando chegou a altura.

Mais uma vez, um médium tinha captado a medida do carácter e da personalidade de Bob.

Ele prosseguiu dizendo que a minha própria vida não era isenta de propósito, que o meu marido me acompanharia em cada passo do caminho... que até eu "atravessar a ponte" para me juntar a ele, encontrar-nos-íamos frequentemente sobre a ponte, a meio caminho — querendo dizer, claro, que ele mantinha o contacto comigo.

— A senhora é jornalista e deve escrever um livro. Terá orientação espiritual.

Disse-lhe que estava, de facto, a pensar em fazê-lo, ao que ele respondeu que, a menos que o fizesse, "o propósito perder-se-ia".

— Não guarde as suas ideias na mente por muito tempo. Tente escrevê-las e a inspiração fluirá.

Numa tarde ensolarada de setembro do ano seguinte, sentei-me com Lillian Stubley, que me perguntou de imediato se eu tinha algo a ver com livros ou escrita. Isto surpreendeu-me. Falou de um homem, muito próximo de mim, segurando uma aliança de casamento, e continuou: — Este cavalheiro

continua a mostrar-me livros, colocando-os sobre a mesa. Parece-me, ao olhar para um... que há algo — a meio caminho.

Isto era certamente verdade, visto que eu estava a meio da escrita deste mesmo livro!

Ela disse que algo me estava a travar — que eu estava à espera de orientação espiritual, mas que agora era o momento certo para eu seguir em frente.

— Este cavalheiro está a caminhar tão perto de si. Mais perto do que as mãos, os pés ou a respiração. Ele está a dizer: "Não te preocupes! Com o tempo, serás capaz de escrever o que tens em mente."

Depois falou, como tantos outros médiuns tinham feito, da rápida partida de Bob: — Não houve tempo para dizer adeus. O sangue subiu-lhe à cabeça, apenas por um momento, depois ele partiu muito depressa.

— ... Este seu marido — continuou ela — ... foi retirado da sua vida tão rapidamente — como se a senhora tivesse atravessado o deserto sem esperança, quase sem sentimento, no entanto... é quase como um milagre! Tão depressa como ele saíra dela, ele voltou para ela, como se a senhora caminhasse com ele.

— Ele tem falado consigo, tem-na guiado espiritual e materialmente, tal como se, de alguma forma, estivesse sempre presente. A senhora sabe que isto é verdade: que têm estado juntos, que apenas um véu fino vos separa.

— Parece que, quando ele caminha consigo, não só abriu as portas da sua mente consciente, mas encheu-a de pensamentos espirituais; ajudou-a de alguma forma não apenas a aceitar para si esta perceção da vida após a morte, mas, de certa forma, usou-a como um canal através do qual poderá chegar ao mundo em geral — ou àqueles de nós que estão abertos para o receber — para nos contar mais destas verdades.

Depois disse: — Não sei se isto se manifesta na sua escrita, ou se é a sua personalidade que o está a transmitir aos outros. Mas sinto que esta é a intenção dele.

Em seguida, a médium disse ouvir o nome Bob — ou Robert — e que sentia que era ele quem estava a falar, dizendo-me: — de alguma forma — não sei o que é — que tens uma decisão a tomar... Como se estivesse a chegar a um ponto de viragem; ele está a dizer: "Está tudo bem, querida, eu continuo no comando."

Depois perguntou se Bob era o meu marido e disse-me que ele estava a dizer que estava logo atrás de mim, ajudando a dirigir-me.

— Parece haver momentos em que se pergunta se está a fazer o que é correto, como se estivesse a meio de algo que está a ser escrito, e ele está a trabalhar nisso; que as principais ligações lhe serão dadas através do amor dele e através daqueles que a estão a ajudar.

— Não importa como, quando ou onde a sua vida se desenrole, ele diz que seguirá sempre cada caminho da mesma, em várias experiências ou mudanças. Viva cada dia sabendo que ele está consigo e tomando decisões consigo... Este seu marido é um espírito muito notável!

— Já me disseram isso antes — disse eu.

— Sim! Mas ele é notável devido ao amor que partilharam e à ligação que manteve com ele. Mas — sinto que a senhora tem — ou que ele tem tentado passar — um desenho psíquico... É estranho, mas sinto apenas que haverá algo que será transmitido através do espírito.

Perguntei-me se isto teria a ver com a estranha voz na fita — da qual, claro, ela nada podia saber.

Perguntou então: — Já ouviu o seu marido falar consigo?

Disse-lhe que me tinha sentado com Leslie Flint.

— Está a ver. Foi o que senti! Voz direta! E, no entanto — sinto que já deve tê-lo ouvido a si própria — quase como se ele lhe estivesse a dizer para fazer coisas, ou a guiá-la para tomar decisões.

Senti que isto era certamente verdade, e perguntei se ela se referia a provar a existência dele.

— Oh sim! Sinto que ele lha provou de muitas maneiras.

De repente ela disse: — Surrey! Surrey significa alguma coisa para si?

— Sim, com certeza! Surrey é onde eu vivo.

— O seu marido está a levar-me até lá. Ele está a dizer — não sei porquê — "Bem, querida. É exatamente igual a quando estávamos juntos."

— É estranho — mas existe tal relação entre vocês os dois que é quase como se — ele não estivesse onde está. Mas claro que não está! Ele está aqui na sala connosco. Ele está aqui consigo!

— Já disse muitas vezes — contei-lhe — "Gostaria que me deixasses ver-te!"

— Oh, mas verá! Posso sugerir-lhe que não se esforce tanto... Limite-se a dizer: "Bob, sei que quando for a altura certa para ti, então ver-te-ei." Tem

de os libertar! Tem de se conformar com a lei. É como a eletricidade. Quando quer luz, tem de premir o interruptor que liga o fio à lâmpada.

Eu estava a começar a compreender.

— Da mesma forma — continuou ela — se estivermos a concentrar e a transmitir a nossa própria energia pelo pensamento, enchemos a nossa própria mente de modo que nada consegue passar. Limite-se a libertar. Não continue a usar os seus poderes mentais.

Disse que devíamos deixá-los manipular o poder e a lei. Eles estão em vibrações diferentes das nossas.

— Limite-se a dizer: "Não sei como é a tua vida aí, mas tenho a certeza de que continuas. E quando estiveres pronto, eu estarei lá."

Não gravei o fim desta sessão notável porque a fita acabou, mas recebi dela tal conforto e elevação. Estava tão consciente da presença e do poder contínuos de Bob. Nenhum dia na nossa vida terrena é completo e autónomo — com a sua ressaca de ontem entrelaçada com planos para o futuro. Assim, parece, sou incapaz, na minha busca pela verdade, de traçar uma linha e dizer: "Cheguei ao fim."

12

Mais ajuda prática

Ao longo dos anos, desde que Bob me deixou fisicamente, quase me habituei à sua presença espiritual e protetora. Às vezes é tão forte que sinto que poderia estender a mão e tocar-lhe.

Há outras alturas, porém, em que permito que a depressão se apodere de mim, em que ele parece incapaz de chegar até mim. Não é de estranhar, na verdade, visto que, como registei, ele me disse mais do que uma vez, nas nossas conversas inspiradas, que a minha dor profunda é uma barreira que ele é incapaz de atravessar. Nessas alturas, implorou-me que fizesse o esforço de agir como se ele estivesse sempre ao meu lado.

Agora dou por mim a recorrer naturalmente a ele em todo o tipo de pequenos pânico e ansiedades, e ele raramente me falha. Dificilmente poderá ser coincidência quando o problema diz respeito a coisas mecânicas, que para mim são um livro fechado! Bob sempre soube disso — se alguma vez me visse com uma chave de fendas ou outra ferramenta na mão, implorava-me que a pousasse e o deixasse fazer o trabalho!

Não sou uma condutora entusiasta e nunca o fui. Uso o carro pela razão muito prática de a minha casa estar isolada e longe da cidade. Ficaria estagnada sem algum meio de transporte. Mas, quanto a saber algo sobre o funcionamento de um carro, a minha mente é um vazio.

Imaginem então o meu horror um dia, ao regressar de uma curta viagem, ao encontrar, conforme pensava, a garagem a arder, com o fumo a sair emovelos. Saltei para fora — para descobrir que o fumo era, na verdade, vapor a sair do meu carro.

Pânico! Nunca tinha sequer levantado o capô — deixo sempre os mecânicos da oficina tratar de tudo o que tenha a ver com o carro. O que fazer agora?

Inesperadamente, uma calma apoderou-se de mim. Uma mensagem clara surgiu-me na mente.

— Abre o capô. — Mas o fecho estava tão preso que eu não conseguia movê-lo — e o vapor continuava a jorrar!

Sem mais demoras — como se outra pessoa estivesse a assumir o comando — fui à cozinha, fui buscar um pedaço de cordel e passei-o por baixo do fecho, puxei — e o fecho soltou-se. Esplêndido!

Parecia estar preenchida por um poder forte e sereno. Fixei o capô aberto e deixei o motor deitar vapor. Como se Bob estivesse a controlar o meu cérebro, surgiu o pensamento: "Agora vai sentar-te durante meia hora e vê o cricket. Deixa arrefecer."

Todo o pânico desapareceu, como se ele estivesse ali em pessoa. Passei um intervalo agradável a ver cricket na televisão e voltei para o carro. Na verdade, tinha medo de lhe tocar — certamente tudo lá dentro estaria queimado e estalado?

— Tira o tampão do radiador — foi a mensagem mental seguinte. Nunca tinha feito aquilo na vida, mas tinha visto os empregados da oficina fazê-lo.

— Agora enche-o — veio a seguir.

Segui as instruções, embora como poderia eu saber se não haveria um buraco no radiador?

— Agora conduz devagar até à oficina — foi a ordem inspirada seguinte. Perguntei-me sobre isto. Poderia ter a certeza de que não avariaria no caminho? Contudo, tudo correu bem.

Quando levei o carro à oficina e contei a minha história ao rapaz das bombas, ele olhou por baixo e encontrou uma fuga no radiador.

— Resolvo isso num instante. — Deitou uma solução qualquer lá para dentro e conduzi para casa feliz.

Mas os meus problemas com o carro não tinham terminado. Ainda me sentia preocupada e inquieta naquela noite. Estaria o carro realmente bem? Então surgiu muito claramente na minha mente: "Pede ao Dave para dar uma olhadela."

O Dave era um mecânico que sempre fizera a revisão ao carro de Bob. Por isso, liguei-lhe na manhã seguinte.

— O seu radiador está bem — disse ele depois de examinar o carro. — Mas há uma fuga algures. Acho que o tubo inferior se deteriorou. Vou ver.

Claro que ele tinha razão. A despesa extra de substituir o tubo inferior foi um aborrecimento, mas fiquei aliviada por a minha "imaginação fértil" se ter provado correta. Era como se, às vezes, eu estivesse a relaxar nos braços de Bob.

Havia outras coisas mais simples, também, como o dia em que perdi as chaves do carro (quem nunca!). Qualquer pessoa que viva sozinha saberá a frustração de não ter ninguém à mão para aconselhar ou discutir as coisas. Tinha acabado de regressar de um dia feliz com a minha irmã. Eram nove e meia da noite. Fechei a garagem, tranquei a porta e entrei em casa, pousando a mala na mesa da cozinha ao passar.

Normalmente atiro as chaves do carro para o lado dela, mas quando voltei para buscar a mala, não estavam lá. Onde as poderia ter posto? Só tinha passado para a sala de estar, mas elas certamente não estavam lá. Também não estavam na minha mala. Comecei a entrar em pânico. Todo o tipo de pensamentos disparatados me passavam pela cabeça. Tê-las-ia deixado em casa da minha irmã? Que ridículo — não teria conseguido conduzir até casa se o tivesse feito!

Percorri a casa. Procurei em cada canto e fresta. Procurei nos bolsos dos casacos. E então, como uma brisa fresca a refrescar-me: "Para com o pânico! Vai lá fora ao carro", surgiu claramente na minha mente.

Já estava escuro, mas fui destrancar a garagem e liguei a luz. Esperava encontrar as chaves na fechadura. Mas não, não estavam lá. Tranquei tudo outra vez e voltei para casa após a viagem infrutífera. Mas não conseguia descansar. O pensamento continuava a martelar: "Vai lá fora ao carro!"

Por isso saí de novo e procurei. Nada! Onde raio estariam elas? Outra busca intensiva — ainda sem efeito. Este exercício já durava há uma hora, mas eu não conseguia ir para a cama sem encontrar as chaves. Com a diretriz

persistente ainda a ressoar na cabeça, saí novamente. Desta vez levei uma lanterna comigo, iluminando o caminho à minha frente enquanto atravessava o pátio.

Sobre as lajes, em frente à garagem, jaziam as minhas chaves. Que alívio! Em momentos como estes, é como se Bob suspirasse e dissesse: "Finalmente consegui. Finalmente compreendes!"

Em julho daquele ano, um especialista disse-me que eu deveria fazer uma pequena operação ao ouvido. Seria feita em Londres, mas houve semanas de atraso e, quando chegou o momento, acobardei-me! O meu médico sugeriu então um especialista local e isto facilitou-me muito as coisas, pois ele disse que eu poderia ser operada logo no dia seguinte.

Infelizmente, esse era o 39.º aniversário do nosso casamento e, quatro meses antes, eu tinha marcado uma sessão com uma médium bem conhecida como um presente especial para a ocasião. Tinha tido sessões com esta médium durante dois anos, sempre com resultados maravilhosos. Detestava cancelar o compromisso, pois poderiam passar meses até conseguir outro. Mas tinha de me decidir imediatamente, por isso aceitei a operação, com muita pena, e cancelei a sessão.

Nessa noite liguei à minha irmã para lhe contar a minha decisão e também o meu desapontamento com a sessão, que agora fora adiada para novembro. No dia seguinte, para minha surpresa, a minha irmã telefonou às onze da manhã.

— Sabes que não costumo ligar nesta hora cara — disse ela. (Ela é estritamente prática, sempre direta ao assunto — e uma rocha onde me apoiar.) — Mas — isto soa estranho e eu nunca o mencionaria a mais ninguém — hoje cedo acordei e foi como se o Bob estivesse a falar comigo. Ele disse: "Diz à Doris para não ficar desapontada por cancelar a sessão. É muito mais importante tratar do ouvido." Senti apenas, querida, que tinha de te dizer e que isso te aliviaria o espírito.

Imaginem a minha alegria perante tal comunicação inesperada vinda da minha irmã tão terra-a-terra. Senti que Bob estava muito perto de mim no meu problema.

Nessa noite senti-me particularmente sozinha — com o nosso aniversário na mente — por isso decidi ir cedo para a cama com um livro. Fui escolher um, mas nada parecia atrair-me. Então surgiu-me a ideia de pegar numa das minhas fitas e passá-la na cama — algo que não fazia há anos. Fui então escolher uma. Qual seria?

Pensei na médium, a Sra. Ivy Scott, com quem deveria ter tido a sessão naquele dia. Tinha tido uma com ela há algum tempo, mas não me lembrava dos pormenores. Escolhi esta fita antiga, instalei-me confortavelmente na cama, apaguei a luz e comecei a passá-la. A voz calmante relaxou-me.

Ela começou: — Tem tantos amigos espirituais ao seu redor. São como uma assembleia... Tem um marido no mundo espiritual e ele foi o primeiro a chegar... Quero dar-lhe da parte do seu marido um bouquet de rosas vermelhas aveludadas. Ele diz-me que está mais perto de si agora do que nunca. Diz — e ele tem um sentido de humor maravilhoso — para lhe dizer que quanto mais tempo ele cá está, mais jovem parece, e quando se encontrar com ele, os anos que passaram cairão de si e parecerá para ele ter o mesmo número de anos que ele parece ter para si, de modo que ele será jovem e estará no seu auge, e a senhora também — porque é tudo uma abordagem mental à vida.

Falou de Bob, da minha mãe e do meu pai e, como me tinham dito tantas vezes antes, que eu era vidente. Também se referiu à partida súbita dele, como tantos outros.

— Quando ele veio para cá, não parava de dizer: "Porquê eu? Porquê eu! Há todos os indesejados, os idosos, os aleijados. Simplesmente não fazia sentido. Mas quando me acalmei um pouco e me disseram que, se eu tivesse continuado a respirar, teria sido um vegetal, eu disse: bem, Deus escreve direito por linhas tortas. É preciso um pouco de compreensão." Agora ele está bastante contente com isso.

Depois disse-me: — Ele diz: "A minha mulher pergunta-se muitas vezes se sou feliz. Diz-lhe que há muitos tipos de felicidade. Sou agora um homem são, vigoroso e enérgico. Estou num mundo onde posso explorar e aprender, e dessa forma sou feliz porque me sinto realizado. Mas diz à minha mulher que não estarei completo até que ela se junte a mim. É perfeitamente possível progredirmos para longe da terra, mas ao mesmo tempo estou com ela. Por muito que tenha de esperar por ela, estarei aqui quando ela vier para o outro lado. Ela saberá quando estiver a deixar a terra porque, mesmo antes de dar o último suspiro, ver-me-á à espera dela, e eu mostrar-lhe-ei o caminho."

A médium interrompeu-se, depois perguntou-me se eu tinha dito uma palavra a Bob a avisar que vinha aqui hoje, e eu disse que sim.

— Porque ele diz que estava preparado para si hoje. Desceu a rua consigo. A senhora vive numa casa?

— Sim.

— Não paro de ver uma casa e uma bela rede azul sobre ela. Lindo! É algo espiritual. Como um manto de proteção em volta do lar. E sinto que nada

de adverso que a pudesse perturbar poderia acontecer ali. Sinto que está tão protegida pelos seus amigos espirituais, pelos seus entes queridos e pelos seus ajudantes. Eles estão tão fortemente ali consigo. Quando se senta em silêncio, eles estão perto de si.

— Sinto que o meu marido está.

— Sim! E quando está sossegada ele tenta mantê-la assim... Tem um relvado nas traseiras da sua casa? Vejo-a sentada num relvado e o seu marido a passear de um lado para o outro.

Perto do fim desta sessão muito feliz, para meu espanto, a médium perguntou: — Há algum aniversário por agora? Julho?

— Sim! Era o nosso aniversário de casamento.

— Perguntei ao seu marido agora mesmo — disse-me ela — quando ele colocou aquelas rosas vermelhas no seu colo e ele disse: "Diz à minha mulher que são para o aniversário..."

No quarto silencioso e em crepúsculo, sentei-me direita na cama. Senti que Bob estava comigo, a falar comigo. Que extraordinário! Por que motivo naquela noite em particular senti o impulso de passar uma fita quando normalmente leio na cama? E por que motivo, de todas as gravações, teria eu escolhido a única que menciona o nosso aniversário?

13

Sonhando

Os sonhos têm sido um mistério para o homem desde o início dos tempos. Serão proféticos, como na Bíblia? Pressagiarão o futuro, como algumas pessoas afirmam, ou deixamos o nosso corpo e deambulamos por outros planos?

A médium, a Sra. Ivy Scott, tinha-me dito: — Quando está no seu estado de sono, viaja muito e encontra-se com o seu marido. Deveria de vez em quando trazer memórias vagas disso.

Que estranho ela dizer isto, porque quatro vezes desde a morte de Bob tive encontros vívidos com ele em sonhos. Duas vezes acordei cedo de manhã com tal sensação de exultação e com memórias demasiado preciosas para esquecer, que tive de me levantar de imediato e passá-las para o papel. Ao olhar para os meus registos agora, parecem estranhos, vagos e baralhados — passado e presente confundidos. Mas a memória marcante é que encontrei Bob em carne e osso, e ele segurou-me nos seus braços. Acordei fortalecida, com toda a minha solidão desaparecida.

Disse à médium que o que ela dissera era verdade e ela continuou:

— O seu marido disse-me: "Quando ela está no seu estado de sono, estamos tantas vezes juntos e ela deveria lembrar-se disso."

— Dá-lhe um grande prazer porque ele diz que, para ele, a separação nunca teve lugar. Ele diz que é muito difícil de explicar porque, ali, o tempo é irrelevante. Não há noite. Não há relógios. Não há calendário. Portanto, para eles, tudo é hoje. Do ponto de vista dele, juntar-se-á ao seu marido hoje.

Diz que não há lágrimas no céu visto que podem encontrar os seus entes queridos no seu estado de sono, caminhar com eles e participar na sua vida terrena, de modo que nunca estão separados.

O primeiro registo de um sonho tem o título: *Noite de Sonho, 16 de dezembro de 1971*, 8 meses após a morte de Bob. Nele lê-se:

"Sem razão aparente, parece que estive na casa do Bob e estive a falar com a irmã dele durante muito tempo. A casa (agora demolida) brilhava com tinta branca nova e acenei a alguém na janela de cima ao sair."

«Depois segui o meu caminho pelas docas, de todos os lugares possíveis, onde nunca tinha estado, onde decorriam escavações tremendas, com toneladas de terra vermelha a serem removidas, escavadoras por todo o lado e grandes fossas cheias de água, sombrias, deprimentes e perigosas.

A minha cunhada tinha-me deixado para ir buscar o carro e eu tentava sair daquele lamaçal, quando um condutor de uma escavadora falou comigo e disse-me para ter cuidado, pois a terra onde eu estava poderia ceder. Mostrou-me um caminho de saída e disse que, se eu estivesse interessada, faziam uma visita guiada pelas docas todas as quartas-feiras às 15:30. Disse que tomaria nota da hora, mas que não podia prometer vir, e segui caminho.

Um pouco mais à frente percebi que tinha perdido a minha mala, uma de pele de lagarto preta, e voltei atrás até onde, subitamente, tinha sido montada uma pequena mesa de jogo, rodeada por uma multidão de pessoas. À medida que me aproximava, conseguia ver a minha mala na borda da mesa, mas nesse mesmo momento vi uma mão retirá-la de lá.

Em pânico, corri pela lama vermelha e escorregadia e empurrei as pessoas para exigir a minha mala de volta, e ali, para meu espanto e maravilha, estava o Bob, meio reclinado, como se estivesse numa cama, rodeado de pessoas. Notei o seu cabelo escuro e encaracolado e pensei em como ele parecia bem. E no entanto, de uma forma estranha, eu sabia que ele tinha partido.

Ele usava uma das suas camisas azuis, sem colarinho nem gravata, com o aspeto que tinha quando chegava com muito calor e as arrancava. Não me apercebi do que lhe cobria os pés. Estava tão espantada por vê-lo, apenas a sorrir como costumava fazer quando eu perdia alguma coisa.

Ele sentou-se e eu enlacei-o nos meus braços e desatei a chorar, dizendo apenas: "Oh Bob, pensei que me tinhas deixado!"

Ele lançou os braços à minha volta e ficámos apenas a balançar para a frente e para trás, as suas lágrimas misturando-se com as minhas até que toda a frente da sua camisa ficou escura com as nossas lágrimas misturadas. E então eu disse: "Agora que te encontrei, não posso perder-te outra vez!" e sequei os olhos, pois estava tão encantada com o conforto da sua presença e ficámos apenas agarrados um ao outro.

E então o alarme — que eu não me tinha apercebido de ter programado — tocou. Acordei e a minha reação imediata foi, na escuridão: "Tenho de contar ao Bob. Que sonho engraçado!" Depois — percebi — ele não estava lá...»

O meu segundo sonho recordado foi dois anos mais tarde e as minhas notas têm o título: *Sexta-feira, 22 de junho de 1973, às 6 da manhã*. Lembro-me de descer com a primeira luz do dia, sentindo que *tinha* de passar para o papel o meu encontro jubiloso com o Bob, para o caso de o esquecer. Sentia-me tão feliz — tão feliz como os pássaros a cantar no seu coro da alvorada.

Eis o que escrevi:

«Acordei às 5:30 da manhã, maravilhosamente revigorada e tão feliz por ter encontrado o Bob num sonho. Estávamos a caminhar por uma zona da velha Londres, uma parte da cidade que eu não conhecia. O Bob falava comigo.

Ele estava vestido com o seu Aquascutum cinzento e caminhava bem — como fazia há trinta anos, sem bengala. Estávamos muito felizes e ele não parava de me pedir para casar com ele e partilharmos a nossa vida futura juntos. Eu estava tão feliz com o conforto e a segurança do presente, e com o futuro pelo qual ansiar. E no entanto, através de tudo isso, eu parecia saber que ele estava morto e continuava a dizer-lho. Ele continuava a negá-lo, dizendo que eu estava enganada e que ficaríamos juntos para sempre.

Eu estava tão feliz que parecia aceitar esta posição estranha e intemporal, e no entanto não parava de pensar: "O que dirão as pessoas quando eu lhes contar, porque toda a gente pensa que ele está morto!" Continuámos a caminhar, admirando todos os edifícios antigos, que o Bob disse que seriam todos demolidos em breve.

Sugeri então que celebrássemos indo jantar fora a algum lado, e chamou um táxi. Tínhamos estado a rir e a conversar durante toda a noite... parecia ser noite, pois aquela parte de Londres parecia estar deserta.

E então acordei, tão feliz e revigorada por ter passado tanto tempo com o Bob, sentindo que todo o meu futuro estava seguro com ele; e no entanto... havia sempre aquela corrente subjacente... de que ele estava morto.»

Nestas ocasiões, a alegria e a proximidade do Bob no nosso reencontro duravam o dia inteiro.

Desde então, tive apenas outros dois encontros no estado de sono com ele de que me consiga lembrar. Estes pareceram mais maduros — mas tão felizes que, de cada vez, ficava a estremecer de deleite com a sua presença, tentando voltar a adormecer para me encontrar nos seus braços. Mas nunca o conseguia fazer.

No primeiro destes sonhos mais recentes, o Bob usava o seu fato azul-marinho; no segundo, um fato cinzento que era o meu favorito. Não havia sequência de eventos, nenhuma história contínua como nos sonhos anteriores. Ele parecia apenas aparecer subitamente e abraçar-me... sempre um reencontro jubiloso — mas, todas as vezes, a maravilha e o êxtase estavam do meu lado.

Um amigo cientista do Bob, interessado no oculto, disse que isto era natural, pois do lado do Bob não havia reencontro. Havia apenas do meu lado. E era assim que parecia. Para mim era uma experiência maravilhosa, espantosa. Mas o Bob, confortando-me, era calmo e direto ao assunto, tal como sempre fora na terra.

«Mas, Bob, tu estás vivo!», disse eu tantas vezes no meu sonho. Mas ele continuava a repetir: «Já te disse tantas vezes — estou vivo e contigo. Porque não consegues aceitar isto?»

«Nunca mais voltarei a duvidar de ti!», lembro-me de dizer, vezes sem conta. «Nunca, nunca!» E depois, ainda preocupada na minha mente: «O que dirão as pessoas? Toda a gente pensa que estás morto! Como posso explicar?»

Nesse ponto acordava, tentando desesperadamente recapturar aquele momento mágico, feliz e exaltada. Mas agora aprendi que não se pode exigir. Não se pode recriar o êxtase à vontade.

14

Ainda à procura de evidências

Ao longo dos anos que passaram lentamente desde que o Bob me deixou, tive as minhas tão queridas "conversas inspiradas" com ele e a sua "orientação" — mas continuo a ter o impulso de procurar uma sessão com um médium uma ou duas vezes por ano.

Sinto um desejo súbito de que uma terceira pessoa me fale dele, embora ultimamente, nas nossas "conversas", ele me tenha dito que isso é perfeitamente desnecessário. Muitos médiuns disseram o mesmo.

— Não precisa realmente de mim, querida — disse-me um. — Na quietude do seu lar, o seu marido pode comunicar consigo ele próprio.

Das muitas sessões que tive, apenas três ou quatro foram malsucedidas. Tive realmente sorte, porque a Associação Espiritualista é a primeira a salientar que nenhuma sessão pode ser garantida. Tudo depende tanto do participante como do médium — e de muitos outros fatores que não compreendemos.

Todos os meus fracassos foram evidentes desde o início, quando não me sentia realmente *en rapport*. Geralmente fico entusiasmada, elevada, maravilhosamente em paz — a força da comunicação ganha ímpeto. Mas nas ocasiões de que falo, tudo estava "pesado". Obviamente, o médium estava a tentar — mas as linhas pareciam emaranhadas. Poderia haver uma menção ao Bob — e logo a seguir nomes que não significavam nada para mim. Havia uma sensação de esforço — e passados dez minutos o médium dizia, com lamento, que "não valia a pena".

Nestes casos, recebi sempre a minha taxa de volta. Pode acontecer tanto com médiuns homens como mulheres. É sempre dececionante, claro, mas eu

sentia que era em parte culpa minha — estava demasiado preocupada, demasiado ansiosa ou inquieta. Certamente não no estado de espírito correto. Mas havia sempre o futuro pelo qual ansiar, e voltei a sentar-me com o mesmo médium e tive resultados excelentes.

Por outro lado, há certos médiuns com os quais me senti instantaneamente no mesmo comprimento de onda. Talvez seja uma questão de vibrações simpáticas.

Ainda na esperança de ouvir "Vozes", tive outra sessão com o David Young, mas esse fenómeno estranho nunca mais ocorreu. Em vez disso, ao contrário de outros médiuns, o David deteve-se mais no que o meu marido estava a fazer num plano superior. Começou imediatamente por dizer que o Bob estava ali — e que trazia um cão com ele.

— Um cão pequeno... Como um Yorkshire, mas não é um Yorkshire. Ele está a rir-se disto porque quer que saiba que os animais sobrevivem.

Fiquei satisfeita com isto porque muitos outros médiuns tinham falado do Bob estar acompanhado por um cão. As descrições variavam. Sempre um pequeno, por vezes descrito como branco e peludo. Uma médium chegou a dizer que pensou ao princípio que era um gato grande! Ninguém conseguia nomear a raça — o que não é de admirar, pois o Rags era um cruzamento direto entre um King Charles Spaniel e um Maltês, um cãozinho querido, espetivado e fofinho. O Bob e eu éramos constantemente parados na rua por estranhos a perguntar que raça era. Uma médium chamou: "Rex! Rex!", suficientemente perto de Rags, e disse que ele estava a ladrar em resposta.

Outra vez, uma médium disse-me que o Bob tinha dois cães com ele. "Não é possível", disse-lhe eu. Só tínhamos perdido um cão. Mas ela insistiu: "O seu marido tem dois cães... um que ambos conhecem e outro que ele conheceu em rapaz... raças diferentes... um maior do que o outro." Com certeza! O Bob tinha-me falado muitas vezes de um Airedale que tivera e amara, muito antes de casarmos.

Agora o David continuava: — O seu marido está a dizer que não se pode tornar exigente. Quanto mais espera, mais difícil é para eles funcionarem.

(Embora eu não tivesse dito nada sobre o meu anseio de ouvir as "vozes" novamente, senti que isto era uma pequena reprimenda pela minha insistência tácita.)

— Quanto mais conseguir relaxar e apenas ficar sentada à espera — de nada em particular — mais fácil é para eles produzirem resultados. Ele está a dizer que está muito ocupado no momento, e que está a prosseguir com muitas outras pessoas a sua investigação sobre este tipo de vida. Ele está a tentar

voltar à terra de várias formas, para mostrar — não o lado trivial da comunicação — mas a realidade básica da mesma, e eles podem e voltam de facto para ajudar o mundo.

Ele disse-me então: — Não é apenas uma questão de dizer: "Amo-te, querida", e de a lembrar de coisas triviais do passado. Não, muitos deles percebem que, ao passar de uma forma científica, vão fazer com que aqueles que detêm o destino do mundo nas mãos percebam que podem usar o seu conhecimento para restaurar a paz e dar a cada pessoa o direito de viver. Isto é algo que ele e muitos outros estão a tentar fazer. Ele quer que saiba que está a tentar fazer comunicações através de si para outras pessoas, sobre a realidade da continuidade da vida.

— Ele diz que muitas pessoas que fazem investigação sobre este assunto pensam nele como uma forma de Percepção Extrassensorial. Que de alguma forma a pessoa, conhecida do médium, está a captar pensamentos — se não diretamente de uma pessoa, de alguma outra forma — mas não necessariamente provando a sobrevivência.

— Por outro lado, o que ele está a tentar provar por vários canais é que sobreviveu à morte, e está muito feliz por fazer isto porque sempre se considerou um servo do homem.

— Diz que faz agora parte de uma irmandade que procura a verdade — o que nós na terra designaríamos como uma "perspetiva intelectual".

— "Deve-se ser ensinado", diz ele, "a procurar sempre as coisas simples. A lógica está correta, mas é apenas tão boa quanto a lógica que lhe resiste".

O David fez uma pausa para perguntar: — Isto faz sentido para si?

Nesta fase, tive de admitir que estava completamente perdida e disse que não compreendia.

— O seu marido diz que, ao ser excessivamente lógica, vai perder o ponto fulcral, porque vai procurar um tipo diferente de resposta — esperando um caminho mais elevado e difícil. Enquanto o caminho é muito simples. O ponto que ele está a tentar focar é que a simplicidade é a chave para o conhecimento, é a chave para a existência. Ao existir para sempre, portanto, a vida na terra deve tornar-se simples. A barreira da morte é apenas o começo. A eternidade é para sempre. A parte da eternidade que vivemos na terra é muito pequena.

— "Não fiques tão preocupada", diz ele. "Tenta relaxar. Ao encontrar o caminho simples, a vida torna-se mais real e há uma unidade." Ele quer que

saiba que tem esta unidade consigo — e que é para sempre. Só porque o seu corpo do tempo terreno se decompôs, ele não morreu. Ele continua a viver.

Então o David disse algo que me trouxe vividamente à memória aquele dia de angústia de há muito tempo:

— Ele está a rir-se de uma enfermaria de hospital — e de caminhar demais.

Oh, sim. Eu sabia do que o Bob estava a falar. Foi depois da sua segunda coronária, quando estava prestes a ter alta do hospital para vir para casa. Sempre de vontade forte, ele insistiu em percorrer a enfermaria quatro vezes de muletas — estritamente contra as ordens — e escorregou. Três dias depois morreu durante o sono.

Disse isto mesmo ao David e acrescentei: — E isso matou-o.

— Mas não o matou! — O David sorriu. — Ele diz que tudo o que fez foi torná-lo vivo! Ele está a fazer mais agora do que alguma vez fez antes — tentando mostrar o seu verdadeiro eu, trazer a sua vida e amor para si, dar-lhe a sua própria elevação, a sua própria verdade. Isto é contínuo e fará com que tudo se encaixe.

Depois disse: — Ele diz que continua a apreciar música e conversa.

— Quem me dera que ele tivesse uma conversa comigo!

— Mas ele tem! — interrompeu o David. — Ele imprime-se em si de forma muito forte e aproxima-se de si. Sinto este grande amor e alegria por estar sempre consigo — e ele quer que saiba que isto continuará.

Dois anos depois, no aniversário da morte do Bob, tive outra sessão com o David Young. Esta assumiu um carácter completamente diferente. Foi mais como uma reunião familiar, e de natureza bastante pessoal. Os meus pais apareceram muito rapidamente, também amigos do Bob e, finalmente, o nosso cãozinho, o Rags. O meu pai disse que raramente aparecia, mas que estava feliz por vir nesta ocasião. O David disse que o Bob estava calmo e muito em paz, e continuava a repetir que queria que eu partilhasse da sua paz e felicidade. O próprio Bob mencionou o aniversário e o meu pai também.

— O seu marido diz que a senhora sabe que ele não acredita em túmulos — disse o David. — Ele diz: basta colher uma flor, uma única flor, e pô-la numa jarra.

Eu já o tinha feito.

Mais comunicações

O Bob continuou sempre à mão para me guiar em qualquer problema doméstico.

Houve a vez, por exemplo, em que alguns dos ulmeiros do meu jardim tinham morrido e eu tinha combinado com uma família de ciganos cortadores de árvores para os abaterem. Não sabia nada sobre estes ciganos e devo confessar que temia bastante a sua vinda — estaria sozinha na casa sem um homem para me proteger! Esperei com apreensão pelo dia marcado, mas não havia sinal deles. Passaram um, dois, três dias. Nada de ciganos.

Finalmente chegaram e, logo atrás deles pelo caminho de entrada, vinha o nosso velho amigo Harry, que me tinha ajudado tantas vezes antes. Todos os meus medos desapareceram — exatamente como se o próprio Bob tivesse aparecido. O Harry juntou-se imediatamente aos cortadores de árvores e supervisionou toda a operação. Senti que o Bob o tinha enviado.

Depois houve outro pequeno pânico. Uma noite, ao ligar a luz da minha mesa de cabeceira, procurei os meus óculos de leitura, que normalmente deixo numa mesa ao lado da cama. Não estavam lá. "Oh, bem", pensei, "provavelmente escorregaram para trás das almofadas", por isso procurei por baixo delas. Nem sinal dos óculos. Desfiz a cama. Não encontrei nada.

Revistei o quarto, procurei no meu toucador — tinham de estar no quarto em algum lado porque raramente os levava para baixo. Mas a busca foi em vão. Desci, procurei por toda a casa em todos os lugares possíveis e impossíveis. Frustrada, voltei para cima, movi a cama, voltei a desfazê-la! Mais valia ir para a cama e esquecê-los até de manhã — qualquer pessoa normal o faria! Mas não, eu tinha de os encontrar agora!

Respirei fundo. "Acalma-te", pensei. E imediatamente senti a presença do Bob, tão perto de mim. Ele parecia estar a dizer: "Fica quieta! Volta e procura no teu toucador." Eu já tinha procurado lá — por isso isto era absurdo. Mas atravessei o quarto para olhar outra vez. Ali estavam eles, com certeza. Tê-los-ia encontrado, claro, de manhã com a luz do dia, mas tinham estado quase invisíveis na luz suave do candeeiro de cabeceira.

Por esta altura tive outra sessão com a Ivy Northage, com quem me tinha sentado há anos, no tempo do Bob, após a morte da minha mãe. Esta médium tinha sido notável. A primeira coisa que disse foi: "A Mãe aproximou-se muito. A senhora é igual a ela. É lembrada dela cada vez que se olha ao espelho, e diz para si mesma: 'A Mãe era exatamente assim!'" A família tinha comentado muitas vezes a minha semelhança com a Mãe.

A médium disse então: — Não sei se o cavalheiro que ela traz consigo é o seu marido, mas há alguém no mundo espiritual que tem esse tipo de afeto por si, e eles vêm juntos. Ele é mais alto, claro, do que a sua mãe — muito gentil mas tem uma grande força na sua gentileza. Nem um pouco agressivo ou dominador — no entanto seria capaz de afirmar calmamente a sua autoridade, fosse a lidar com pessoas de negócios ou consigo.

— Há uma adorável sensação de eficiência tranquila... e ele está a exercer isso em favor dos seus assuntos neste momento. A senhora está a viajar de um estado de espírito para outro porque não está decidida na sua mente. Ele está a pilotá-la e a encorajá-la a explorar primeiro este caminho e depois outro. Ele não lhe diz o que fazer tanto quanto a guia nas suas próprias explorações. Chegará a uma conclusão satisfatória e será capaz de gerir os seus assuntos... Isto faz sentido para si? Pare-me se não compreender.

Como os meus irmãos e irmãs me tinham dado os parabéns pela forma como eu tinha gerido os meus assuntos depois de o Bob me ter deixado tão subitamente, esta afirmação era perfeitamente exata.

A Sra. Northage disse-me então que havia várias pessoas ali reunidas. — O seu marido está a encorajá-la a partilhar a sua vida e a senhora está a fazê-lo. Está a sair da sua concha e ele está a encorajá-la nisso.

Disse-me que havia uma influência definida do "mundo do espírito" a ajudar-me a reorganizar a minha vida, que eles estavam ansiosos por que eu soubesse da sua cooperação — não era o caso de eu dizer: "É isto que vou fazer, e ponto final." Estavam envolvidos vários aspetos. Tinham de ser tratados separadamente, embora pertencessem à mesma coisa. — Ele está muito perto de si — disse ela.

Disse-lhe que isto me deixava muito feliz porque me sentia tão perto dele às vezes.

— Tenho a certeza de que sim! Ele tem uma personalidade tão gentil que parece irradiar uma confiança tranquila. É como se, assim que ele chegasse a casa, a senhora soubesse que tudo estava bem.

— É verdade.

— Um sentimento adorável! Tente não sentir demasiado a falta dele, mas diga que o tem — num nível diferente. Ele era muito um animal de hábitos!

— Oh, sim!

— Havia sempre um certo tipo de procedimento quando ele chegava a casa — depois a alegria de planearem o vosso descanso. Ele fala do seu pai e das boas conversas que mantêm. Agora ele está a dizer: "Diz-lhe o quanto a

amo, o quanto participo nos seus pensamentos e em tudo o que faz. Não estou nem um pouco separado do seu modo de vida e daria muito se apenas pudesse dizer isto por mim próprio quando ela se sente tão triste e sozinha."

De facto, eu sabia muito bem que não conseguia aproximar-me dele se estivesse particularmente deprimida.

A Sra. Northage disse-me então que ele estava a dizer: — Tantas vezes ela me chama: "Porque teve de ser comigo! Porque tiveste de me deixar?" Só posso ecoar a minha gratidão por não ter sido eu quem ficou para trás à espera dela. Ela é muito mais capaz do que eu nestas coisas. Sei que é difícil, mas seria ainda mais difícil se as nossas posições estivessem invertidas — eu não teria suportado esperar deste lado por ela.

A médium disse que eu devia ter estado a enviar-lhe pensamentos, e ele estava a responder-lhes, frisando quanto mais difícil teria sido para ele.

— O seu marido diz: "Sei que me posso ligar aos teus pensamentos, e isto é uma grande consolação. Tenta responder... sabes que estou aqui e apoiar-te-ei e ajudar-te-ei. Dá isto como certo! Desta forma, tudo o que tenho para te dar, és capaz de receber e utilizar. Vou contigo nas tuas várias pequenas saídas (*jaunts*)."

Ele fala disto como se fossem pequenas visitas a pessoas que o conheceram. Fala da "Jessie" aqui com ele.

— Essa era uma amiga muito antiga dele — disse eu.

— Ele está agora a falar de mudanças. Ele estava muito imerso nos negócios? — perguntou ela.

— Era dedicado a eles.

— E ele diz que houve grandes mudanças na política deles desde que ele partiu.

Isto foi bastante notável porque é exatamente o que tinha acontecido. Mais uma vez ele falou da sua partida súbita, sem tempo para me avisar.

— Agora ele fala do jardim que amava e diz que há uma réplica no mundo dele, onde a senhora o visita. Diz que as árvores estão muito mais altas agora.

— Sim, tive de as mandar podar.

— E ele fala de uma árvore especial que está "pesada no topo" mais abaixo! Compreende?

— Oh sim, compreendo — disse-lhe eu. — Era a árvore favorita dele — uma espécie de ácer. Tem a forma de um cogumelo enorme — ele podava sempre os ramos de baixo. Agora tenho de ser eu a fazê-lo!

— Ah! É por isso que ele fala de estar demasiado densa por baixo... A senhora tem ajuda no seu jardim, mesmo que intermitente, e ele está tão contente por ela aparecer. Vejo-a... a falar com alguém e a explicar o que quer que seja feito. É como se ele estivesse consigo. Ele está tão ansioso por que a senhora saiba disto. Todo o objetivo da comunicação é enfatizar que ele está consigo, no seu lar, a partilhar a vida consigo. Ele vem ter consigo e a senhora tem consciência disso. Ele partilha estas experiências. É quase como se ele pudesse repetir palavra por palavra o que a senhora disse, porque ele estava ali consigo.

A Sra. Northage passou então para outro aspeto. — Viajaram muito na vossa vida de casados. Ele fala de apreciar as viagens, e dos lugares por descobrir que encontraram, antes de se tornarem populares.

— É muito verdade. Tivemos férias maravilhosas na Irlanda.

Novamente ela mudou de assunto. — O seu ponto mais fraco é a sua hipersensibilidade.

Disse que tinha muita consciência disso. — O meu marido dizia sempre isso!

A Sra. Northage sorriu. — O seu marido está bastante otimista quanto a isso. Ele diz como a senhora está muito mais sensata em relação a isso! Desabafa e fala sobre o assunto. A senhora é muito progressiva e ele está feliz com isso. Ele aconselha-a. Não verbalmente, mas influenciando o seu curso de pensamento. De repente, a senhora sabe o que deve fazer e o que não deve fazer.

— Eu sei disso.

— É como se ele alimentasse a sua mente, em vez de a senhora dizer: "Dá-me as palavras e eu ouvirei!" Elas flutuam na sua mente, quase sem serem convidadas.

Isto parecia descrever tão fielmente o que realmente acontece, e eu disse que sabia que era assim.

— Estas são autênticas — por oposição a tentar deliberadamente obter uma fraseologia... Ele tem uma risada tão feliz! Ele aprecia as coisas tal como costumava apreciar. Não tem inibições. Se estava feliz e contente, mostrava-o. Se não se estava a divertir, simplesmente não ficava.

— Verdade!

Ela disse que a personalidade dele era extraordinária. Depois: — Ele tinha uma voz de fala adorável, e gostava de cantar e de música, não gostava?

— Sim. Tinha uma bela voz de tenor.

— Num sentido simbólico, ele está a colocar um belo manto à sua volta... e sinto que ele tem este poder de a proteger, de a manter quente, de a manter segura neste manto do seu amor, onde quer que vá. Nunca está separada dele. E sinto que ele quer que saiba que, onde quer que vá, esse manto está para sempre à sua volta... "Dá-lhe a minha garantia", diz ele, "de que nada lhe pode fazer mal porque o meu amor está à volta dela."

Ela interrompeu-se. Depois subitamente: — Um relógio precisa de atenção! Aqui está outra das pequenas idiossincrasias dele! Ele não suportava que nada estivesse mal com os relógios!»

— Sim, ele adorava relógios, colecionava-os e ajustava-os todos os fins de semana.

A Sra. Northage sorriu. — Ele era muito preciso. "Não os quero atrasados, nem os quero adiantados, quero-os certos!"

A informação dela era tão exata que me espantou. Ri-me. Contei-lhe que o objetivo dele era que todos os relógios da casa dessem as badaladas ao mesmo tempo.

— Ainda tenho o caderno dele — disse eu —, marcado com "Calibrações". Nele, ele costumava anotar as variações e os ajustamentos de cada semana.

Mencionei então o incidente com o relojoeiro vidente que sentira a presença de Bob na casa.

— Não sei quando estive tão consciente da proximidade dele — disse a médium. — Esta proximidade é algo que partilham na vossa própria casa. Ele não está apenas a usar-me a mim. É o que acontece o tempo todo. É tão fácil para mim dizer-lhe o que a senhora está a pensar e o que estava a fazer, porque ele está lá e é isto que ele lhe quer transmitir. A senhora não está sozinha.

— Acho que eles se saem extraordinariamente bem nos seus esforços para nos alcançar. Ele está muito mais preocupado em assegurar-lhe a sua presença consigo em casa do que em vir através de mim aqui. Isto não o incomoda de todo. Ele está apenas a dar-lhe a corroboração que a senhora pediu. Ele quer que a senhora saia daqui com o pensamento positivo de que

ele está ao seu lado, caminhando consigo, conduzindo consigo, ficando em casa consigo...

Tal como eu dissera uma vez numa das nossas "conversas inspiradas", repeti agora:

— Muitas vezes me perguntei como é que ele pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Não é assim lá, querida — respondeu a Sra. Northage. — É um mundo mental. O mais próximo que se pode chegar disso é a experiência de um sonho. Sabe como se pode estar em todo o tipo de lugares num sonho, e aceita-se isso como algo natural. Acho que é um pouco assim. Ele está instantaneamente consigo no pensamento.

— Lembre-se de que o amor é o fator permanente. Onde há amor, ele está; mas isto não o confina à sua casa ou ao seu jardim. É uma espécie de perspetiva que inclui o seu lar e também a sua própria esfera espiritual. É muito difícil de compreender de uma perspetiva física. Ele está muito decididamente aqui.

Depois, ela fez uma afirmação que achei estranha: — A senhora tem ligações definidas com símbolos maçónicos!

Eu disse que nem o Bob nem o meu pai tinham sido maçons, mas ela insistiu que havia símbolos maçónicos. — Não o pode negar!

Lembrei-me então de que um primo que me fora muito próximo era maçom, e disse-o. Isto pareceu satisfazê-la.

— São perfeitamente inconfundíveis e têm uma influência oculta muito poderosa. Acho que o que o seu marido está a tentar transmitir-me é que eles têm um significado mais profundo do que aquele de que nos apercebemos no plano terreno.

Finalmente, a médium disse: — Quando me aproximo do fim, tento ligar os "fragmentos" que ainda não lhe dei... Há alguém que trabalhou para si chamada Gladys. Ela partiu para o outro mundo.

Lembrei-me dela. Outros médiuns já tinham mencionado o nome dela antes.

— O Bob costumava chamar-lhe "o seu homem do carvão" — disse eu —, porque ela conseguia carregar dois baldes de carvão de cada vez!

— Sim. Ele também se está a rir disso. Ele diz: "Lembra-lhe apenas a Gladys." Obviamente, ele viu-a. Mas é muito claro, vindo dele, que ela trabalhou para si.

— Ele é maravilhosamente claro, querida, bastante notável. Sem hesitação... Muitas vezes as pessoas são ambíguas. Mas não o seu marido.

Mencionei que não me sentava com ela há muitos anos, mas que ansiava por alguém que confirmasse o meu sentimento.

— Sim. A senhora sente que poderia facilmente ser uma ilusão — mas isto é o que ele quer que perceba: ele está sempre consigo. De certa forma, diz ele, não é necessário que tenha sessões. Ele próprio pode comunicar consigo.

E assim senti-me satisfeita.

16

Ainda mais palavras

Outro outono chegara novamente, enchendo o ar com o cheiro acre do fumo de madeira das fogueiras, espalhando a sua moeda de ouro pelo campo, trazendo consigo um anseio de ter mais provas tangíveis da sobrevivência de Bob, através de uma terceira pessoa.

Entrei em contacto com a Associação Espiritualista e marquei uma consulta com uma médium, Gladys Fieldhouse. Escolhi o nome dela ao acaso. Nunca a tinha conhecido. Mas, desde o momento em que nos encontrámos, senti uma afinidade imediata e feliz.

— Sinto aqui — disse ela — um cavaleiro com muita força, mais mental do que física, um homem robusto e, no entanto, tão gentil como um gatinho.

Houve uma ligeira pausa e depois ela riu-se.

— O que raio é que ele está a dizer? Ele pergunta: "Ainda estás a fazer os teus chapéus?" É engraçado, mas ele parece encantado com os seus belos chapéus. Ele sempre gostou de a ver com coisas novas e com coisas bonitas ao seu redor.

Isto divertiu-me e contei-lhe que ele já tinha mencionado os meus chapéus muitas vezes. Ele sempre se interessou, particularmente porque era eu própria que os fazia.

— Ele era sempre sincero e direto — disse ela — se não concordasse com alguma coisa. Não havia cá rodeios com ele.

— Estou a ir à sua casa — disse ela. — Um jardim lindo, de aspeto tão natural, e entro na sua casa. Está cheia de peças tão bonitas, cada uma com uma memória. Não é apenas uma casa, mas um lar — quente, adorável, e fala

de amor. O seu marido diz que, se caminhar por lá, pode tocar nos seus pertences pessoais. Ainda guarda coisas pessoais dele?

Contei-lhe sobre o roupão ainda pendurado na casa de banho e o velho casaco de jardinagem na cozinha.

— Ele certamente nunca a deixou — não há sombra de dúvida. Sinto que a senhora tem muita consciência dele. Depois da partida dele, a senhora partiu numa busca, por assim dizer, e achou-a satisfatória.

— Sinto que ambos sabiam do espiritualismo antes da partida dele, mas foi por causa da partida dele que a senhora decidiu investigar. Fez isto com uma mente aberta mas muito compreensiva, e teve provas e resultados fantásticos.

— Perfeitamente verdade.

— Não só teve provas do seu marido e sobre o seu marido, como também encontrou outros entes queridos. Isto surpreendeu-a, porque a senhora não estava a pensar neles.

Concordei. A Sra. Fieldhouse parecia agora ligeiramente intrigada.

— Não compreendo bem o que me está a chegar agora. É algo sobre... escrita. Mas não são notas nem cartas. Sinto que a senhora escreveu um artigo — ou um trabalho para um jornal ou revista. Como se, por assim dizer, desejasse espalhar as boas notícias da sobrevivência do seu marido.

Isto pareceu-me uma prova espantosa. Contei-lhe que tinha escrito dois artigos para revistas sobre este assunto.

— Mas também há outra coisa a acontecer. — Ela ainda parecia intrigada. — Não sei por que estou a dizer isto — mas por que razão o seu marido se refere a um livro?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Bem, ele parece saber tudo sobre isto. Mas eu estou um pouco às escuras! Foi um livro que ele quis que a senhora escrevesse?

— Sim — respondi. — Logo após a sua morte, ele não parava de mencionar isso nas suas "conversas inspiradas". Até me disse para comprar um gravador para facilitar as coisas.

A Sra. Fieldhouse sorriu. — E a senhora está a escrevê-lo, e ele será bem-sucedido e as pessoas vão lê-lo. Sinto que ainda está a reunir provas para este livro. Mas abordou isto com uma mente científica porque quer que seja

absolutamente verdadeiro. Sinto que tanto a senhora como o seu marido são pessoas verdadeiras.

— Embora tenha uma compreensão do mundo espiritual e da mecânica da mediunidade, sente que quer a verdade. Não espera milagres, e sinto que o seu marido trabalhou arduamente para passar e dar-lhe as provas. Ele continuará a dar-lhe isto de várias formas. Ele diz que nem sempre é possível comunicar como gostaria, porque só pode moldar o vaso de acordo com o barro que tem nas mãos.

Disse então que não sabia se ele era o "tipo de pessoa que usa metáforas", mas que ele não queria que eu ficasse desapontada se tudo o que eu procurava não aparecesse.

— Não creio — explicou ela — que ele se esteja a referir a esta sessão, mas a todas as suas investigações. Onde é que entra a parte científica das coisas? Sinto que viveu com um cientista.

Disse-lhe que sim.

— Estou um pouco confusa... Sinto que submeteu provas para as pessoas testarem. Algumas concordaram, outras disseram que não tinham a certeza. Sinto que tem certamente material suficiente para o seu livro e que está bem encaminhada para o organizar — ligando as pontas soltas. Mas ainda quer os capítulos finais, embora vá descobrir que é decididamente um "seguimento"... quanto mais olha para o que escreveu... é verdadeiramente notável.

Achei notável que ela tivesse "diagnosticado" a situação com tanta precisão quando não poderia saber nada sobre mim ou sobre as minhas atividades.

— Espere um minuto! — disse ela subitamente. — Antes de o seu marido passar para o espírito, ele perdeu a voz ou teve dificuldade em falar?

Fiquei perplexa. Disse: — Não.

— Estou a ter aqui uma pequena confusão. Sinto fortemente, vindo do seu marido, que houve problemas cardíacos e uma partida rápida. Não houve tempo para fazer nenhuns preparativos.

— Isso foi certamente verdade — disse eu.

— Então por que é que ele lhe sussurra? Porquê? Se ele não perdeu a voz? Não tenho a certeza do que estou a receber! Sinto que ele tentou, em algum momento, falar consigo... Ouviu a voz dele muito suavemente? Sinto que quero sussurrar-lhe. Quero dizer: "Querida!" Compreende? Tenho a

certeza de que deve ter ouvido isto. Tudo parece um pouco estranho e não consigo mudá-lo. Deve ter ouvido!

Por esta altura, percebi quão brilhante esta médium era — tentando falar-me do sussurro de Bob a aparecer na fita: "Amo-te, querida." Ela também não sabia nada deste acontecimento extraordinário.

Subitamente, ela mudou de assunto. — Conheceu pessoas no teatro?

Disse que sim.

— Sinto que teve uma vida plena e maravilhosa até à partida do seu marido e, embora apreciassem a companhia um do outro, havia momentos em que adoravam ter pessoas ao vosso redor. A casa estaria cheia de riso. Mas apreciavam muito a paz quando todos se iam embora!

— O seu marido era um observador atento da natureza e das pessoas. Era sempre extremamente educado e gentil, mas conseguia avaliar as pessoas e nunca se enganava. E vocês tinham aquela forma maravilhosa de olharem um para o outro. Não eram precisas palavras — os pensamentos eram transmitidos de um para o outro.

Isto fez-me sorrir, pois muitas vezes o Bob dissera: "Está bem! Não precisas de te dar ao trabalho de dizer nada. Vejo-o pela tua cara!"

— Estavam ambos tão cheios de vida — continuou ela. — O pensamento da morte, da separação, nunca vos ocorreu. Eram ambos pensadores profundos. Discutiam muitas coisas juntos e tinham esta compreensão maravilhosa. Tem uma fotografia dele em casa... numa posição de destaque, com flores ao lado.

— Sim — disse eu.

— Tem plena consciência da presença dele e sente que os olhos dele a observam. Em espírito, ele está muito perto. Agora, tem alguma pergunta, por favor?

Havia uma pergunta para a qual eu queria muito a resposta. — Consegue ver o meu marido?

— Não. Pressinto-o, mais do que o vejo. Quando digo um cavalheiro robusto, não sinto que seja tanto o tamanho dele, mas sim o seu caráter e força — aquela aura ao redor dele de que a senhora tem tanta consciência... O mesmo tipo de coisa de que falou quando entrei na sala... Veio do seu marido para si — e está a vir dele agora! É como se ele não desse por mim. Apenas a olhar para si, de pé à sua frente, emanando esta aura de paz e tranquilidade.

Nos últimos anos, sentei-me com muitos outros médiuns que parecem todos concordar nos pontos principais. Insistem que Bob está muito perto de mim, tanto na casa como no jardim — onde quer que eu vá. Todos falam da sua partida súbita, do choque para ambos, da sua felicidade em trabalhar no seu ambiente atual — embora esta não esteja completa até que eu me junte a ele — e de ele providenciar uma "rede" de amigos para me ajudarem na minha solidão. E isto é tudo tão verdade, porque desde a morte dele os amigos parecem aparecer para me confortar.

Ele diz-me que, quando conduzo, ele "põe as mãos sobre as minhas" para me proteger de acidentes, e que posso sempre alcançá-lo, mesmo durante o meu sono.

Dois anos depois, sentei-me novamente com Gladys Fieldhouse. Durante esta sessão tão satisfatória, ela disse:

— O seu marido está a cumprir uma promessa que fez em vida, de a amar e cuidar, e sinto que com ele — como com todas as pessoas onde há um grande amor — não é, de facto, "até que a morte nos separe", é mesmo depois da morte. E este grande amor está a chegar até si agora.

Depois a médium voltou àquele outro assunto que mencionara na sessão anterior:

— Sinto que há um grande interesse num trabalho que a senhora fez. Compreende isto?

Disse que tinha quase a certeza que sim.

— Parece-me que este trabalho em particular está concluído de alguma forma e a senhora sente-se bastante satisfeita com as coisas?

Hesitei.

— Parece um pouco hesitante! Talvez não tenha corrido exatamente como desejava? Mas sinto que houve muito esforço nisto, e que o espírito — o seu marido em particular — está satisfeito porque a senhora está a chegar às pessoas de uma forma ou de outra, para as fazer parar e ouvir.

Continuou: — Mas, à medida que uma tarefa termina, sinto que na sua mente há planos para outra. No espírito, os esboços estão a ser traçados, e há mais trabalho para a senhora fazer. Eles estão a incitá-la nessa direção, e uma coisa leva à outra. Fazem-se perguntas e dão-se respostas — e o tempo todo recebo um grande incentivo do espírito... Quero dizer: pegue na caneta outra vez! Isso faz sentido?

A avaliação dela dos acontecimentos deixou-me estupefacta. Esperei que ela dissesse mais.

— Não sei! — Ela pareceu hesitar. — Eu... recebo a caneta. Mas... a senhora escreve à máquina?

Disse que sim.

— Porque recebo uma máquina de escrever também! Podem estar a referir-se à caneta, mas querendo dizer a máquina de escrever! Sinto que isto ajudou a preencher uma grande lacuna na sua vida — e a dar-lhe um incentivo para seguir em frente.

Eu componho sempre na máquina de escrever. A Sra. Fieldhouse não fazia ideia de que eu fora jornalista.

Agora ela disse: — A sua mente está alerta e é por isso que o mundo espiritual decidiu usá-la. Por isso, aceite o amor deles — e particularmente o amor do seu marido — e saiba que há um propósito e um plano na sua vida. A senhora decidiu levar a cabo este plano, na medida das suas capacidades, e o espírito ajudá-la-á a completá-lo.

Perguntei-lhe então: — O Bob ainda comunica comigo?

— Sinto que ele nunca deixou de tentar comunicar. Mas achou extremamente difícil fazê-lo, da forma que a senhora gostaria e que ele gostaria, porque ele está a tentar que isso aconteça de uma forma mais física. Isso é extremamente difícil. Sinto... que ele está a tentar alcançar algo que nem sequer guias e professores conseguem alcançar!

Disse-lhe que isto era típico da atitude de Bob na terra — tentar alcançar a perfeição.

Finalmente, a Sra. Fieldhouse disse: — Sinto que se amavam profundamente, mas esta pequena separação tornará esse amor mais forte. A experiência de estarem separados tornará o reencontro muito mais maravilhoso. Sei — sem sombra de dúvida — que ele se liga a si todas as noites quando fala com ele e lhe diz "Boa noite!". Ele está lá e saúda-a com um beijo porque, durante o estado de sono, estão sempre juntos.

17

Conforto duradouro

A última sessão que tive foi com a Sra. Ivy Scott, com quem obtivera resultados tão satisfatórios no passado.

— A senhora tem uma qualidade mediúnica própria — começou ela. — Caso contrário, por muito bom que um médium seja, as vozes não seriam tão claras. A senhora emana uma certa quantidade de força por si própria.

Tal como outros já tinham feito tantas vezes antes, ela sublinhou a proximidade de Bob — especialmente à noite, ou quando estou sossegada e sozinha. Descreveu então a cadeira onde ele sempre se sentava, ao lado da minha, junto à lareira.

De forma figurada, falou do "manto" lançado sobre mim e sobre a casa, para me proteger do mal. Como já mencionei em capítulos anteriores, outros médiuns compararam isto a uma rede dourada ou azul.

Depois a Sra. Scott falou novamente de "um livro": — O seu marido pôs uma caneta na sua mão. E ele diz: "Escreve! Ela é perfeitamente capaz!" E a senhora escreve. As pessoas do espírito estão muito perto de si, aguçando a sua memória, e o seu marido está a encorajá-la muito.

A Sra. Scott não poderia ter ideia de que o livro estava quase pronto para ser entregue aos editores.

Continuo a ter provas da ajuda prática de Bob na minha vida quotidiana, de todas as formas — por vezes — triviais. No entanto, as "mensagens" são sempre diretas e poupam-me aborrecimentos intermináveis.

Houve a vez em que perdi a chave do arquivo. (As chaves parecem ser a minha perdição!) Precisava dela urgentemente para encontrar uns papéis importantes. Procurei em todo o lado, em todos os sítios mais prováveis, mas não encontrei nada. Então, claro como um sino, o pensamento surgiu-me na cabeça: "Procura na terrina em cima do aparador!"

Sempre houve três ou quatro molhos de chaves sobressalentes naquele recipiente desde o tempo do Bob. Havia montes delas, de todas as formas e tamanhos. Teria de as percorrer todas? Era muito improvável que a que eu queria estivesse entre elas. Contudo! A mensagem persistia. Não teria paz até responder. A primeira chave que peguei não deu... a segunda serviu perfeitamente!

Tive outra prova estranha da presença de Bob na casa — uma presença a que já me habituei tanto. Alguém vem à casa regularmente entregar parafina. Chamo-lhe a minha "senhora da parafina". Um dia, quando ela veio, por acaso mencionei que tinha perdido o meu marido.

A resposta dela foi espantosa. — Espanta-me! — disse ela. — Não fazia ideia de que era viúva. Quando me levou ao escritório do seu marido no outro dia, pensei que ele estivesse na sala ao lado. Todo o tempo que tenho vindo cá

sempre pensei que ele andasse por aí. Deve ser a forma como a senhora fala dele!

Nesse Natal, fui a uma curadora espiritual. Ela nunca tinha mencionado o Bob antes, mas desta vez, quando lhe agradeci, disse:

— Sinto-me como se alguém me tivesse abraçado.

— Esse é o seu marido — respondeu ela calmamente. — Senti-o entrar na sala consigo — e ele ainda está aqui. Ele quer que eu lhe dê uma mensagem: diz ele, por favor, compre para si uma prenda de Natal cara!

Mais tarde, ela ligou-me para perguntar se se tinha feito entender, "porque ele é tão insistente!", disse ela.

Pude dizer-lhe que, logo naquela manhã, tinha olhado para o frasco vazio de perfume francês caro que o Bob sempre me comprara no Natal e refleti tristemente que nunca teria outro.

— Por favor, dê-se a esse luxo — instou ela. — É obviamente o que ele quer que faça.

Na manhã seguinte, fiz exatamente isso.

Epílogo

E agora, passados nove anos, o meu livro está a ser publicado e, no entanto, não consigo escrever *FINIS* no final da página, pois cada dia me torna consciente da presença de Bob, muitas vezes da forma mais trivial.

Mesmo enquanto revia o rascunho final na semana passada, senti que ele ainda tinha o seu dedo no assunto!

Já escrevi sobre David Ellis, que investigara as Vozes de Raudive. Era meia-noite e senti o impulso de entrar em contacto com ele para lhe pedir que voltasse a verificar a sua contribuição para este livro.

Ele vive a uma boa distância de mim, mas eu sentia uma necessidade desesperada da sua ajuda e ponderei telefonar-lhe. Mas à meia-noite? Parecia ridículo! Por isso, embalei o manuscrito, pronto para ser enviado pelo correio para os editores na manhã seguinte, e fui para a cama.

Levanto-me tarde e, às dez horas da manhã seguinte, no momento em que acabava de fazer uma chávena de chá, a campainha da porta da frente tocou. Fui abrir a porta e encontrei — David Ellis! Fiquei estupefacta. Não o via há dezoito meses.

— Estava a passar por aqui — disse ele — e perguntei-me se me atreveria a fazer uma visita!

Eu disse: — Não poderias ter chegado num momento mais oportuno!

Dei-lhe uma chávena de chá, desfiz o pacote do manuscrito e deixei-o com ele para que pudesse, se necessário, atualizá-lo sob a sua perspetiva — tinham passado vários anos desde que eu escrevera sobre os incidentes que o envolviam. Senti-me então feliz por o cientista que se interessara pela minha "voz" em fita ter podido verificar a exatidão do meu relato.

Nada do que escrevi pode ser provado. Todos os eventos em si podem parecer a alguns pequenos e triviais — meras palhas ao vento, mas todas sopram na mesma direção e formam um padrão. Podemos ver as palhas, mas não o vento que as sopra. Apenas sentimos a sua influência. Será a força invisível do amor de Bob que produziu este padrão da minha vida? Creio que sim.

A terrível finalidade da separação pela morte desapareceu. Acredito que o Bob está comigo em todo o caminho, tentando por vários meios assegurar-me de que isto não é o fim; que, quando eu finalmente atravessar a ponte, ele abrirá os braços de par em par, com o seu velho sorriso de boas-vindas, para me saudar como sempre fazia após uma longa separação.

Então, com os nossos espíritos entrelaçados para sempre, subiremos juntos em direção a Deus, o Pai Todo-Poderoso, o *Logos*, a Verdade, agora incompreensível para as nossas mentes finitas.

«Porque agora vemos por um espelho, em enigma; mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.»

Fim